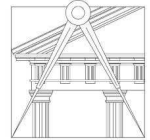


UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE ARQUITECTURA



DINÂMICAS DE UMA ARQUITECTURA HELIOTRÓPICA

**REABILITAÇÃO E RECONVERSÃO DO SANATÓRIO DR. JERÓNIMO
LACERDA EM CASA D'ARTES DO CARAMULO**

(Dissertação e projecto final de mestrado para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitectura (Mestrado Integrado em Arquitectura))

Catarina Antunes Coimbra

Orientador Científico: Arquitecto António Pedro Pacheco

Co-Orientador: Doutor Arquitecto Jorge Firmino Nunes

Júri:

Presidente: Doutor Arquitecto Amílcar Pires

Vogal: Doutora Arquitecta Margarida Louro

Lisboa, Julho de 2014

DINÂMICAS DE UMA ARQUITECTURA HELIOTRÓPICA

REABILITAÇÃO E RECONVERSÃO DO SANATÓRIO DR. JERÓNIMO LACERDA EM CASA D'ARTES DO CARAMULO

Dissertação e projecto final de mestrado para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitectura (Mestrado Integrado em Arquitectura)

Catarina Antunes Coimbra

Orientador Científico: Arquitecto António Pedro Pacheco

Co-Orientador: Doutor Arquitecto Jorge Firmino Nunes

Júri:

Presidente: Doutor Arquitecto Amílcar Pires

Vogal: Doutora Arquitecta Margarida Louro

Lisboa, Julho de 2014

ABSTRACT

Being contemporary, it is an intrinsic condition of the architects' craft, paradoxically, as well as preserving the ancestral heritage.

This condition makes the task of architecting in time, a more delicate challenge in modern-day, where ideals and interests intersect with respect for the identity and memory of a place.

The architect must not only be prepared to solve formal problems, but should also have the ability to read culturally and socially a territory, and take an active role in the discussion of intervention strategies in the existing forsaken heritage.

In this work, rehabilitation is seen and used as an instrument of preserving the memory of what existed, transposing it to the future.

How can contemporaneity and memory dialogue in a territory as deep as is the village of Caramulo?

This work is foreseen to find an operational form that encourages the preservation of this heritage and boost this territory from which assigns its identity.

Keywords: Sanatorium; Rehabilitation; Community; Memory of the place

RESUMO

Ser contemporâneo é condição intrínseca do ofício do arquitecto, bem como paradoxalmente o prezar do construído ancestral.

Esta condição torna a tarefa de arquitectar no tempo, num desafio muito mais delicado, em que interesses e ideais hodiernos se cruzam com o respeito pela identidade e memória de um lugar.

O arquitecto deve não só estar preparado para resolver problemas formais, mas também deve ter a capacidade de ler culturalmente e socialmente um território, e ter um papel activo no debate de estratégias de intervenção no património devoluto existente.

Neste trabalho a reabilitação é o instrumento de preservação da memória daquilo que existiu transpondo-a para o futuro.

Como podem contemporaneidade e memória dialogar num território tão profundo como o é a Vila do Caramulo?

Pretende-se encontrar uma forma operativa que incentive a preservação deste património e dinamize este território a partir do que lhe atribui o seu carácter identitário.

Palavras-Chave: Sanatório; Reabilitação; Comunidade; Memória do Lugar

(Este trabalho segue a grafia anterior ao acordo ortográfico)

"In my beginning is my end, (...)

In my end is my beginning" ¹

T.S.Eliot

¹ Four Quartets, T.S.Eliot

AGRADECIMENTOS

Aos meus amigos, família e pessoas que me ajudaram neste trabalho, a minha sincera gratidão.

Ao professor Pedro Pacheco e ao professor Jorge Nunes, pela orientação, pelo apoio e paciência e principalmente pela confiança que depositaram neste trabalho.

Ao senhor João Lacerda, pela disponibilidade e confiança.

À senhora Maria, por todas as suas memórias e histórias.

Ao Louis, à Marcella, ao Hélio e ao João e a todos os outros de Tondela.

Ao Mathieu, pelo amor, paciência e cumplicidade e pelo contínuo e precioso apoio neste trabalho.

E aos meus pais, pelo apoio incondicional em todo este percurso, pelo esforço e dedicação que me fizeram ser o que sou hoje.

ÍNDICE

1	ÍNDICE DE IMAGENS	12
2	INTRODUÇÃO	18
3	ENQUADRAR	20
3.1	<i>A cultura da tuberculose/O movimento sanatorial</i>	20
3.2	<i>Panorama Nacional</i>	24
3.3	<i>Caramulo, a máquina de cura</i>	26
3.4	<i>Modernismo, Art Déco e Casa Portuguesa na arquitectura sanatorial</i>	32
4	LER	36
4.1	<i>O Lugar</i>	36
	<i>A serra do Caramulo</i>	36
4.2	<i>Sanatório Dr. Jerónimo Lacerda</i>	38
	<i>Desenho e intervenções do edifício</i>	40
5	INTERVIR	46
5.1	<i>Conservar renovando ou recuperar revitalizando</i>	46
5.2	<i>O papel da comunidade</i>	50
5.3	<i>A intervenção</i>	58
5.3.1	<i>Rur-urbanismo, a Rota d'As 27 Aldeias</i>	60
5.3.2	<i>O programa</i>	66
5.3.3	<i>Do ler ao intervir</i>	70
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
7	FONTES DOCUMENTAIS	92
	<i>Documentos electrónicos</i>	95
	<i>Fontes Manuscritas</i>	95
	<i>Filmografia</i>	95
8	ANEXOS	98

1 ÍNDICE DE IMAGENS

FIG 1	Diagnóstico administrativo do combate à tuberculose e Portugal em 1934 <i>in</i> LOPO de CARVALHO, Fausto, A luta contra a tuberculose em Portugal, Separata do jornal "Lisboa Médica", vol. XI, ANT, Lisboa, 1934	25
FIG 2	Plano de urbanização da estância Sanatorial, Planta de trabalho e zoneamento Gentilmente cedido pelo Sr. João Lacerda	26
FIG 3	Diagramas representativos da evolução da freguesia de Paredes do Guardão em Vila do Caramulo Imagem elaborada pela autora	28
FIG 4	Mostra de azulejos encontrados na vila Fotografia pela autora	33
FIG 5	Fotografia do Sanatório Dr Jerónimo Lacerda após a inauguração Doação de José Castanheira da Silveira do fundo municipal da Biblioteca de Tomás Ribeiro de Tondela.....	38
FIG 6	Fotografia do Sanatório Dr. Jerónimo Lacerda após a inauguração Doação de José Castanheira da Silveira do fundo municipal da Biblioteca de Tomás Ribeiro de Tondela.....	38
FIG 7	Fotografia do Sanatório Dr Jerónimo Lacerda a primeira fase de expansão do edifício Doação de José Castanheira da Silveira do fundo municipal da Biblioteca de Tomás Ribeiro de Tondela.....	39
FIG 8	Fotografia do Sanatório Dr Jerónimo Lacerda a primeira fase de expansão do edifício Doação de José Castanheira da Silveira do fundo municipal da Biblioteca de Tomás Ribeiro de Tondela.....	39
FIG 9	Fotografia das galerias originais do edifício Doação de José Castanheira da Silveira do fundo municipal da Biblioteca de Tomás Ribeiro de Tondela.....	41

FIG 10	Fotografia das galerias após a primeira fase de expansão do edifício Doação de José Castanheira da Silveira do fundo municipal da Biblioteca de Tomás Ribeiro de Tondela.	41
FIG 11	Fotografia da sala de leitura do sanatório Dr. Jerónimo Lacerda Doação de José Castanheira da Silveira do fundo municipal da Biblioteca de Tomás Ribeiro de Tondela	42
FIG 12	Fotografia do sistema portante de madeira das coberturas no quarto piso do Sanatório Dr. Jerónimo Lacerda Fotografia pela autora	43
FIG 13	Fotografia do sistema portante de madeira das coberturas no quarto piso do Sanatório Dr. Jerónimo Lacerda Fotografia pela autora	44
FIG 14	Fotografia do sistema portante de madeira das coberturas no quarto piso do Sanatório Dr. Jerónimo Lacerda Fotografia pela autora	44
FIG 15	The Otterlo Circles, apresentados por Aldo Van Eyck na conferência de CIAM em 1959 <i>in</i> http://www.team10online.org/team10/eyck/	50
FIG 16	Opera de arame, autoria de Domingos Bongestabs, 1992, Curitiba <i>in</i> http://www.curitiba.parana.blog.br/wp-content/uploads/2011/07/%C3%93pera-de-Arame7.jpg	53
FIG 17	Opera de arame, autoria de Domingos Bongestabs, 1992, Curitiba <i>in</i> http://www.flickr.com/search/?q=curitiba%20opera	53
FIG 18	Universidade Livre do Meio Ambiente – Unilivre, autoria de Domingos Bongestabs 1992, Curitiba <i>in</i> http://www.flickr.com/photos/paulosousa/2982869584/sizes/o/in/photostream/	54

FIG 19	Universidade Livre do Meio Ambiente – Unilivre, autoria de Domingos Bongestabs 1992, Curitiba	
	in http://www.flickr.com/photos/paulosousa/2982018689/sizes/o/in/photostream/	54
FIG 20	Tartaruga "VITA", diagrama metafórico de Jaime Lerner	
	in http://4.bp.blogspot.com/fS76zmgcLqQ/TZZZaeyfhNI/AAAAAAAAAFA/bmAVBs4oacc/s1600/Jaime+lerner.png	55
FIG 21	Escala territorial - ortofotomapa da Serra do Caramulo. Definição da Rota d'As 27 Aldeias	
	Imagem elaborada pela da autora	63
FIG 22	Escala territorial - Definição da Rota d'As 27 Aldeias	
	Imagem elaborada pela da autora	64
FIG 23	Casa da Escrita, João Mendes Ribeiro, Coimbra	
	in http://static.dezeen.com/uploads/2011/07/dezeen_Casa-de-Escrita-by-Joao-Mendes-Ribeiro_03.jpg	72
FIG 24	Casa da Escrita, João Mendes Ribeiro, Coimbra	
	in http://payload.cargocollective.com/1/3/122248/1601297/001_0001_cl.jpg	72
FIG 25	Estudos das relações e transições de escala	
	Esquízo elaborado pela autora	73
FIG 26	Estudos das relações e transições do espaço público	
	Esquízo elaborado pela autora.	74
FIG 27	Estudos das relações e transições do espaço público	
	Esquízo elaborado pela autora.	75
FIG 28	Estudos das células de co-working	
	Esquízo elaborado pela autora	77
FIG 29	Estudos da relação das galerias permanente e temporária com o piso superior	
	Esquízo elaborado pela autora.	78

FIG 30	Espaço de mostra <i>in situ</i> no SESC Pompéia, em São Paulo	
<i>in</i>	http://www.metropolismag.com/Point-of-View/September-2013/Lina-Bo-Bardis-Personal-Modernism/7-Reading%20area%20at%20Sesc-Pompeia.jpg	80
FIG 31	Espaço de mostra <i>in situ</i> no SESC Pompéia, em São Paulo	
<i>in</i>	http://www.arqred.mx/blog/wp-content/uploads/2010/01/sesc-interior.jpg	80
FIG 32	Estudos das materialidades no interior das células de habitação temporária	
	Esquízo elaborado pela autora.....	81
FIG 33	Estudos das materialidades no interior das células de habitação temporária	
	Esquízo elaborado pela autora.....	81
FIG 34	Casa das Caldeiras, João Mendes e Cristina Guedes, Coimbra	
<i>in</i>	http://www.floraw.com/data/file/collection//files/attach/images/452296/905/561/1275504812-101.jpg	82
FIG 35	Casa das Caldeiras, João Mendes e Cristina Guedes, Coimbra	
<i>in</i>	http://3.bp.blogspot.com/_GLvbsU0CcYE/TUaSMGbBtel/AAAAAAAAUY/4FzG_eL9H0/s1600/43.jpeg	83
FIG 36	Casa das Caldeiras, João Mendes e Cristina Guedes, Coimbra	
<i>in</i>	http://www.floraw.com/data/file/collection//files/attach/images/452296/905/561/1275504654-58.jpg	83
FIG 37	Projecto de restauro do Palácio do Condestable, por Tabuenca & Leache, Pamplona	
<i>in</i>	http://www.archello.com/sites/default/files/imagecache/header_detail_large/LP322171.jpg	84
FIG 38	Projecto de restauro do Palácio do Condestable, por Tabuenca & Leache, Pamplona	85
FIG 39	Projecto de restauro do Palácio do Condestable, por Tabuenca & Leache, Pamplona	
<i>in</i>	http://www.tabuenca-leache.com/portfolio/restauracion-del-palacio-del-condestable/	85

FIG 40	Sala de congressos da Fundação Calouste Gulbenkian	
	<i>in</i> http://static.guiashop.com/co5/upload_img/2000/1073/1391940836.jpg	86
FIG 41	Sala de ensaio da orquestra da Fundação Calouste Gulbenkian	
	<i>in</i> http://imagens7.publico.pt/imagens.aspx/825347?tp=UH&db=IMAGENS	87
FIG 42	Sala de ensaio da orquestra da Fundação Calouste Gulbenkian	
	<i>in</i> http://imagens7.publico.pt/imagens.aspx/825347?tp=UH&db=IMAGENS	87

2 INTRODUÇÃO

Num contexto de recessão económica, social e ambiental, onde o crescimento demográfico está estagnado, a reocupação de edifícios abandonados torna-se na opção mais viável.

O tema escolhido passa pela investigação dos mecanismos e ferramentas que possam potencializar edifícios devolutos enquanto oportunidades de regeneração e revitalização de um lugar.

Neste trabalho a proposta passa por um projecto de reabilitação do plano da estância sanatorial da vila do Caramulo, com especial enfoque em uma das suas unidades, o Sanatório Dr. Jerónimo Lacerda.

Dada a especificidade do caso de estudo, a organização do corpo deste trabalho será realizada em função da sua análise e, como tal, inicialmente será elaborado um enquadramento histórico, uma vez que a Estância Sanatorial do Caramulo pertence a um período muito particular a nível nacional, europeu e mesmo mundial - o movimento sanatorial - de modo a que se compreenda o seu valor patrimonial.

Posteriormente, far-se-á a leitura do conjunto evidenciando o sanatório Dr. Jerónimo Lacerda, enquanto um todo, cruzando as diferentes fases de construção com os eventos históricos para que se clarifique a arquitectura da estância e do próprio edifício. Reunidas estas duas fases passar-se-á a estruturação da intervenção.

Esta última parte do trabalho, mais do que uma memória descritiva da metodologia da intervenção, é a justificação da resolução que deverá considerar o trinómio lugar- edifício -utilizador que revalide a permanência e utilidade do próprio.

A primeira Fase - o enquadramento - tem como objectivo explicar o contexto histórico do edifício, e da própria estância sanatorial e o seu percurso até aos dias de hoje, de forma a compreender o seu valor no passado e o seu actual valor patrimonial para a vila, de modo a revalidar a sua continuidade.

A segunda Parte – Ler - pretende obter uma leitura mais técnica no âmbito da arquitectura, tanto a nível construtivo como compositivo, enquanto um todo e na relação entre os espaços e na afinidade com o lugar, de forma a elaborar o SWOT do próprio, que irá dar lugar à estruturação da própria intervenção.

A última Parte – Intervir - pretende ser mais do que uma memória descritiva; supõe antes uma postura crítica que permita perceber de que forma a intervenção proposta pode contribuir para a regeneração do tecido da vila.

3 ENQUADRAR

3.1 A cultura da tuberculose/O movimento sanatorial

A Arquitectura não é uma disciplina apartada da realidade; insere-se num contexto polivalente, interligando-se com tudo o que a rodeia. Com o Homem, com a Natureza, com as artes, com a ciência, com a tecnologia e a política, bem como com a Saúde, entre todos os outros assuntos que concernem a sociedade.

É a relação dicotómica e recíproca entre saúde e arquitectura que se pretende explorar e clarificar numa primeira análise deste trabalho, sendo necessário, para tal, definir e enquadrar os limites do momento sanatorial da terapêutica antituberculose.

Regressemos ao século XIX, a época de grande proliferação da tuberculose, altura em que pouco ou nada se sabia sobre o seu tratamento, apesar do longo historial da doença.

A tísica ou a peste branca (como então era apelidada) foi na altura associada ao crescimento demográfico provocado pela Revolução Industrial.

Com o advento da era industrial, a insalubridade dos ambientes urbanos, devido à falta de saneamento básico, torna-os propícios ao desencadeamento e propagação de doenças, que afectaram em particular os bairros industriais populosos; factor que associado às grandes cargas horárias de trabalho das classes mais desfavorecidas, contribuiu para a fragilização do sistema imunológico da população.

Existem inúmeros registos das condições débeis das urbes que despoletam as primeiras preocupações higienistas, que na época preconizavam sistematicamente o tratado grego de Hipócrates, *Dos Ares, das Águas, dos Lugares*, aconselhando especialmente o "ar puro isento de pó e fumo, como o do carvão".

A Natureza surge na altura como o refúgio das doenças, considerada como o local terapêutico, ou espaço de evasão, que contribui para o equilíbrio do corpo e da mente.

Em 1854, Hermann Brehmer funda aquele que pode ser tido como o primeiro sanatório em Gröbersdorf, na Silésia, onde se começou a explorar a helioterapia. O arquitecto, já na época, segue o modelo do *Kurhouse*, ou seja, o hotel com base metodológica e morfológica no sistema arquitectónico sanatorial [AVELÃS NUNES].

Peter Dettweiler, seu discípulo, constrói em 1874 o sanatório Falkenstein, na Alemanha, nas montanhas de Taunus, seguindo os mesmos princípios.

Este conceito de *Kurhouse*, alemão, preconizará muitos dos sanatórios erigidos posteriormente.

Mas é só em Março de 1882, que Robert Koch anuncia a identificação da *Mycroobacterium tuberculosis*, baptizada como bacilo de Koch, afirmando que o microorganismo se alimenta de ar, podendo ser transportado em gotículas de água microscópicas verificando-se que se não for exposto à luz solar permanece várias horas em suspensão e pode ser inalado, encontrando no sistema respiratório de um organismo as condições ideais para se multiplicar.

Esta consciencialização e este medo do contágio que começa a nascer no imaginário colectivo desencadeiam movimentos filantrópicos que se empenham na construção e promoção das infra-estruturas sanatoriais, que na altura já existiam em pequeno número.

Estabelecem-se as primeiras terapêuticas sanatoriais sustentadas em três pilares: boa alimentação, descanso e os bons ares.

É discutida a necessidade absoluta do isolamento dos pacientes, com repouso total em lugares de clima montanhoso ou marítimo, reconhecidos pela qualidade exímia do seu ar e da sua água, assim como pela insolação e pelo ar rarefeito.

Mas não se pode considerar esta discussão uma novidade. Na antiguidade, gregos e romanos, exploravam estas práticas terapêuticas. Hipócrates já relacionava as doenças com as estações do ano, as zonas e os ares de cada local. Os próprios templos gregos eram erigidos em zonas montanhosas, onde já se recorria ao uso do ar puro para tratamento de várias doenças.

Podemos portanto afirmar que o advento da era sanatorial foi um retomar de ideais clássicos, aquando da utilização e exploração das propriedades dos ares puros de montanha.

Novidade foi a relação que surge entre terapêutica e arquitectura na procura de um novo modelo arquitectónico que sintetize todos os aspectos da doença.

Não se pondo em causa a necessidade do modelo, a questão que se colocava substancialmente era saber onde e como edificar este tipo de edifícios e que características deveriam possuir.

Desenvolvida fundamentalmente por parcerias médico-arquitectónicas, surge então a chamada arquitectura heliotrópica, baseada nos ideais de vilegiatura.

A redescoberta das qualidades terapêuticas das águas termais torna os locais montanhosos e marítimos dotados das propriedades necessárias para a implantação deste tipo de estruturas.

Fazem-se estudos das características dos solos a nível geológico, meteorológico, da pressão barométrica, da temperatura, da fauna e da flora, entre outros, de forma a utilizar as qualidades e vantagens dos sítios da forma mais sustentável.

Tendo em conta, o contexto modernista, que se verifica no início do século XX, que implica mudanças nas tecnologias da construção e na conceptualização do projecto, atribuindo uma maior importância aos aspectos funcionais que aos aspectos puramente formais, procuram-se espaços de tratamento e repouso para os doentes tuberculosos, com base em terapias higieno-dietético em que o desenho do espaço se adapta às necessidades do tratamento.

Surge então um modelo que guiará a edificação dos sanatórios no princípio do século passado.

A construção destes complexos previa uma exposição solar controlada, privilegiando a fácil ventilação dos espaços. A estrutura do edifício é marcada por linhas rectas, de varandas largas e extensas galerias exteriores. Utilizam-se o betão e o ferro como novos materiais de construção.

O Caramulo, reunia as condições necessárias à instalação destas infra-estruturas: a altitude; a excelente exposição solar e as temperaturas amenas durante todo o ano.

A construção da estância sanatorial coincide com este período, e integrará as características de um estilo que respondia adequadamente às especificidades da doença até ao momento em que Selman Waksman e Albert Schatz apresentam a descoberta da *Streptomyces griseus*, em 1948, um organismo produtor da estreptomicina, um antibiótico capaz de actuar sobre o bacilo de Koch, que veio transformar radicalmente as práticas médicas encerrando o "ciclo sanatorial", que se prolongou de forma mais ao menos indefinida, variando de país para país, do final de 1950 até ao início de 1970.

3.2 Panorama Nacional

Nos finais do século XIX, a medicina, sem quaisquer curas farmacológicas eficazes no combate à tuberculose, volta-se para a medicina hipocrático-galénica, que prescrevia o isolamento e a prevenção soluções mais eficazes.

Enquanto na Europa se divulgavam estudos sobre os benefícios do arejamento, do repouso em estabelecimentos fechados e da dieta regrada mas variada no tratamento da doença, criavam-se não só centros hospitalares e sanatoriais, mas também apareceram regras e estratégias sociais conducentes a melhorar as condições de vida, alimentação e higiene física e mental da população.

Assim, a partir de meados do século XIX, os sanatórios passaram a assumir um importante papel na luta antituberculosa e, um pouco por todo o país, começam a surgir as unidades sanatoriais.

A ilha da Madeira, reconhecida pelo seu clima é local escolhido para a construção do primeiro nosocómio marítimo, estruturado no modelo do *Kurhouse*, em 1853, na cidade do Funchal.

Mais tarde em 1854, Francisco António Barral publica um trabalho sobre "o clima do Funchal e a sua influência no tratamento da tuberculose", promovendo desta forma a terapia heliotrópica do Sanatório da Madeira, tornando-se numa plataforma europeia de profilaxia tuberculosa comparada a muitas estâncias europeias.

Em Lisboa, e um pouco por todo o país, médicos e arquitectos começavam a procurar soluções que evitassem as dispendiosas e fatigantes deslocações a estações climatéricas em outros países.

Depois de terem sido realizados estudos meteorológicos, para se avaliar a conveniência dos locais com vista a combater a epidemia, estruturaram-se dois tipos de modelos heliotrópicos: o marítimo e o de montanha, que se distinguiam no combate a doença. Os marítimos, caracterizados por um ar húmido, não eram aconselhados aos doentes com tuberculose pulmonar, que seriam tratados em sanatórios de montanha.

Preocupada com a grave situação epidemiológica que o País atravessava, a Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa deu início a uma campanha de propaganda de combate à tuberculose. Desta iniciativa resultaria, finalmente, a Liga Nacional contra Tuberculose (LNT). Constituída por várias comissões, com sedes nas principais cidades do País, a LNT viria a preparar e a realizar diversos congressos com vista a debater o problema da tuberculose e a definir as melhores estratégias curativas e, sobretudo, profilácticas para o seu combate.

Neste esforço, incluíram-se a formação e especialização de clínicos portugueses no estrangeiro na área da pneumo-tisiologia e a criação (construção ou

adaptação) de centros hospitalares, especialmente localizados em climas marítimos e de altitude.

No final do século XIX a tuberculose assumia, assim, graves proporções em Portugal. Este esforço à escala nacional, procurando consciencializar, obviamente, a população dos riscos que corria perante a grande difusão e “virulência” da doença, não pretendia limitar-se, apenas, ao tratamento e controlo dos casos individuais mas, sim, combater o mal, como uma doença social que era, nas suas múltiplas causas.



FIG 1 Diagnóstico administrativo do combate à tuberculose e Portugal em 1934 in LOPO de CARVALHO, Fausto, A luta contra a tuberculose em Portugal, Separata do jornal "Lisboa Médica", vol. XI, ANT, Lisboa, 1934

3.3 Caramulo, a máquina de cura

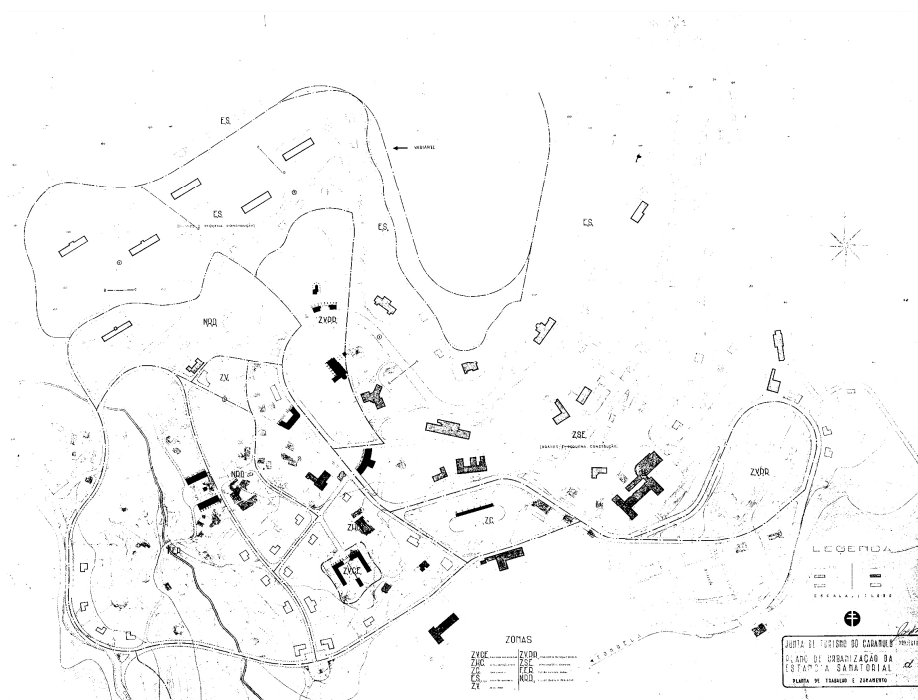


FIG 2 Plano de urbanização da estância Sanatorial, Planta de trabalho e zoneamento

É no dorso nascente da serra do Caramulo que em 1920 se instala a Estância Climática do Caramulo, em Paredes do Guardão, onde existiam somente velhas casas da antiga população, despoletando um surto de construção que constituirá o vasto aglomerado sanatorial.

A tuberculose era uma preocupação da sociedade em geral o que gerou uma forte acção filantrópica que aliada a subsidias governamentais permitiram a multiplicação de enfermarias, preventórios e sanatórios por todo o país, um pouco à semelhança do que se passava a nível internacional.

E porque a história da vila é indissociável da história da família Lacerda, é necessário referir o maior de todos os filantropos; Jerónimo Lacerda, um visionário médico tondelense que tinha tido a oportunidade de conhecer directamente a luta internacional da *peste branca*, aquando da sua mobilização na Flandres. Quando regressou a Portugal, constatando os "bons ares" da Serra e das políticas internacionais no combate à tuberculose, o médico tondelense idealiza progressivamente um modelo de construção sanatorial para o local e decide promover a 18 de Janeiro de 1920 a Comissão Organizadora da Sociedade de Propaganda do Caramulo com vista a discutir a Estância Climática do Caramulo.

Desta reunião, é constituída poucos meses depois a Sociedade do Caramulo, SARL, que decide edificar o primeiro edifício do que seria a futura estância, um Grande

Hotel para convalescentes, bem como todo o sistema de infra-estruturas adicional, ou seja, captação e distribuição de água e produção de energia eléctrica.

Em 1922, a construção do hotel está concluída e começam-se a elaborar obras viárias. Rasga-se na encosta oriental da serra o percurso que viria a ligar o Campo de Besteiros a Águeda, um acesso que mais tarde garantiria a rápida mobilização ao Porto, a actual EN230.

Esta estrada nacional, a par das primeiras intervenções paisagísticas, viriam a delimitar as zonas de expansão da estância que é projectada de forma a não se fundir com as populações aldeãs próximas, mantendo a individualidade dos dois núcleos de forma a evitar a aproximação e consequente contágio.

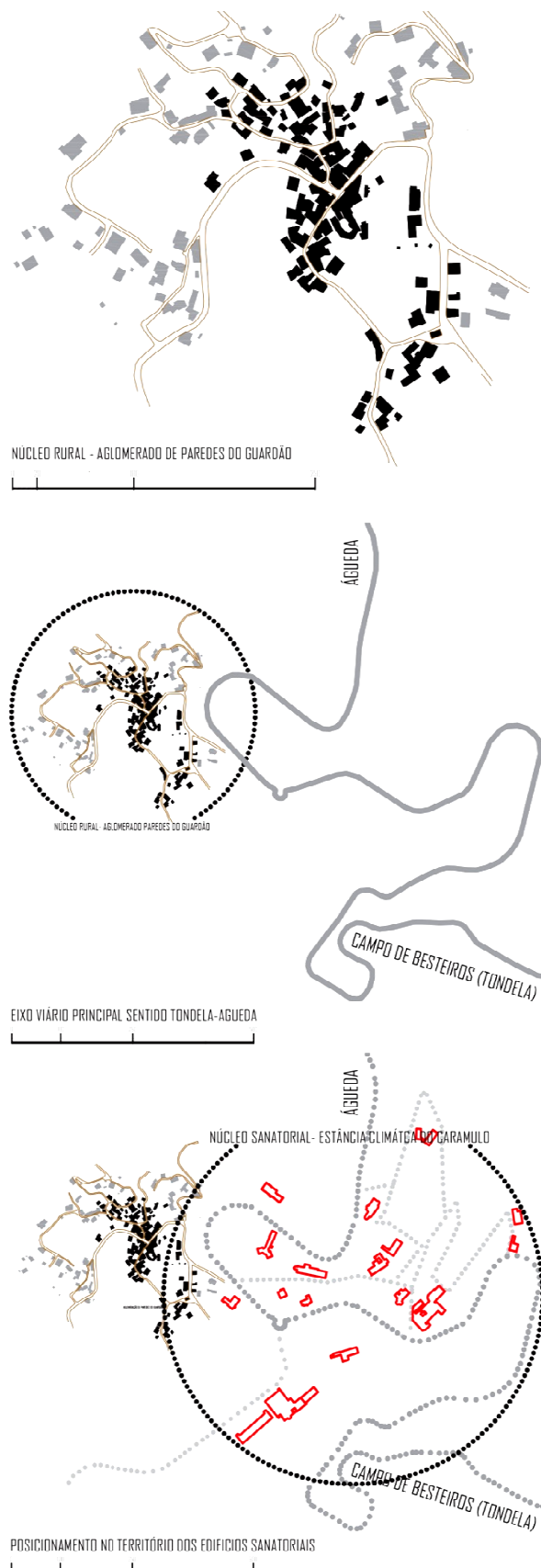


FIG 3 Diagramas representativos da evolução da freguesia de Paredes do Guardão em Vila do Caramulo

O desenho da vila acompanharia portanto a topografia altaneira da serra.

Ao longo desta primeira década (1920 - 1930), constitui-se grande parte do que foi a estância, construiu-se uma rede de distribuição de água para toda a estância, incluindo sanatórios e casas particulares, que se começavam a edificar na parte da vila sanatorial, por iniciativa das famílias dos tísicos que preferiam manter a proximidade a evitar as longas viagens de subida e descida da serra.

Sabe-se que até 1930 estavam construídos os Sanatórios Monteiro de Carvalho, Central, Sanatório da Serra, Santa Maria, Sanatório da Montanha, Boa Esperança, Pedras Soltas e Sanatório Salazar.

A rede de esgotos inexistente até à altura foi também desenvolvida nesta década por um engenheiro alemão, que terá constituído o primeiro sistema de saneamento do país.

Posteriormente, criou-se mesmo um centro de tratamento e incineração de lixos, bem como uma estrutura de recuperação das águas contaminadas [VELOSO,2009].

A construção da lavandaria mecanizada permitia esterilizar toda a roupa dos sanatórios, a rede de telefones, a estação meteorológica.

A partir de 1930 foram realizadas as obras do cemitério do Caramulo, da Capela da Nossa Senhora da Esperança, localizada a poente do Grande Hotel, construiu-se a estação de Correios, a casa mortuária, a Escola Primária e o Posto da Polícia. Foi durante esta década que o Sanatório do Sameiro e o pavilhão de Cirurgia surgem, segundo o que se pode observar de algumas vistas aéreas da época.

Não foram também esquecidos os aspectos de lazer, pois faziam parte da terapêutica sanatorial, uma vez que a cura deveria basear-se na reconstituição física (e moral) do indivíduo [TAVARES, 2005].

Para além das extensões no Grande Hotel, que permitiram a adição de uma biblioteca, de um auditório "*onde passavam os filmes da Greta Garbo*", dos salões de jogos e do centro da radiodifusor Clube dos Pinguins, foram ainda reservados lotes que marcavam a frente do Grande Hotel para a construção do futuro Parque do Caramulo.

Os testemunhos encontrados apontam para cerca de 1100 camas nas cerca de 20 unidades que existiam na vila no ano de 1938.

No entanto, o período áureo da estância (1938-1952), que chegara aos milhares de doentes internados, chegara a um fim anunciado com a introdução dos fármacos tuberculostáticos. Os bons ares da serra passavam a ser substituídos por antibióticos eficazes no combate à doença. Destituídos aos poucos da sua função original, os sanatórios não estavam preparados facilmente para se adaptar a um novo paradigma, tornando-se em estruturas obsoletas.

No entanto, Abel Lacerda, filho de Jerónimo Lacerda e amante das artes, lança-se num particular projecto que tinha o objectivo de criar o caramulo num pólo de atracção para artistas plásticos, uma estância de turismo cultural, com habitações, oficinas de construção e restauro e arquivos de arte. É construído, então, um edifício, com os mais modernos conceitos de museologia, para expor uma invulgar colecção de objectos de arte constituída por 500 peças de pintura, escultura, mobiliário, cerâmica e tapeçarias, que vão da era Romana até Picasso. O Museu do Caramulo abre as portas.

Desde os anos 1960, a estância sofreu um visível declínio, causado pela descoberta de novos tratamentos e erradicação da doença.

O complexo que acolhia doentes de todo o país foi desactivado após o 25 de Abril. O último sanatório fecha as portas em 1986, pondo fim a uma crise que se vinha acentuando há décadas marcada pela degradação patrimonial e económica e pelo consequente abandono da população.

O Sanatório Salazar (destinado, na altura, ao Exército) deu lugar, nos anos 1990, ao Hotel do Caramulo, de quatro estrelas. No Sanatório da Palma chegou a funcionar um colégio em 1970. Actualmente alberga o Instituto de Prevenção do Stress e Saúde Ocupacional.

Dois outros sanatórios, o Lusitano e o Sanatório da Serra foram transformados em casas de habitação. Sameiro, Monteiro de Carvalho, Boa Esperança e Pedras Soltas foram reconvertidos em lares de terceira idade. Outro recebe doentes com problemas psiquiátricos. Existe ainda a Casa de Saúde da Serra que é actualmente propriedade da Opus Dei. Três foram demolidos. Os restantes cinco, Central, Santa Maria, Infantil, Dr. Jerónimo Lacerda, Bela Vista permanecem abandonados e emparedados, memórias de um sonho quase utópico.

Apesar de ter uma escala inferior quando comparada a estâncias sanatoriais como as de Leysin, na Suíça, no panorama nacional, tem uma importância equivalente a estes complexos.

Na sua formalização pavilionar afigura-se à estância de Davos que se pensa ter influenciado o médico fundador Dr. Jerónimo Lacerda, aquando do seu contacto com os modelos de construção e práticas terapêuticas utilizadas já na altura nos Alpes Suíços.

3.4 Modernismo, *Art Déco* e Casa Portuguesa na arquitectura sanatorial

No final do século XIX, assistia-se a grandes transformações, quer a nível construtivo, bem como a nível arquitectónico. Os materiais que se começavam a aplicar no final do século, o betão e o ferro, respondiam de uma forma directa às visões de uma arquitectura funcionalista que começava a vigorar na época. Começa-se a dar maior importância aos aspectos funcionais dos edifícios em detrimento de outros meramente formais.

Algumas das características do movimento moderno que marcou as primeiras décadas do século XX relacionavam-se com o objectivo prioritário de construir habitações arejadas e expostas ao sol, que providessem as condições para a diminuição do contágio das doenças da época, entre elas a tuberculose.

Em função disso, surge este modelo construtivo sanatorial de estrutura marcada pelas linhas rectas, com telhados em forma de terraço e largas varandas e galerias.

A necessidade de isolar os doentes e a ideia de que a cura beneficiava da estadia em climas de ar seco de média altitude, conduziu ao incremento na construção sanatorial durante o século XX, cujo desenho incluía normalmente três ou quatro pisos com extensas galerias destinadas a um período de descanso em cadeiras de repouso, as espreguiçadeiras, cujo desenho ergonómico proporcionava o máximo de conforto ao doente.

Alvar Aalto, aquando da concepção do edificio do Sanatório de Paimio, em 1929, debruça-se no estudo das necessidades específicas do doente e concebe a cadeira 41, de forma a facilitar a lavagem e a desinfecção do doente.

Tudo era meticulosamente pensado para responder adequadamente às exigências da cura, mesmo a orientação dos edificios a nascente, de modo a aproveitar a maior exposição solar era reflexo dos requisitos da terapêutica.

Em Portugal, não indiferente às correntes modernistas europeias da época, surgia a arquitectura nacionalista do Estado Novo, popularizada como Português Suave.

Neste período procuravam-se os signos e símbolos nacionalistas de forma a criar uma nova linguagem, um novo estilo que acompanhasse o que pela Europa se passava.

Contextualizando este momento nas décadas de 20 a 40, deve-se referir a forte influência da cultura francófona, fonte de inspiração para muitos autores do "primeiro modernismo" português [FERNANDES, 2003].

Existiam à época grandes permutas e trocas de conhecimentos, a nível interdisciplinar, como foi o caso das trocas dos modelos sanatoriais entre médicos e arquitectos no auge do movimento sanatorial. André Tavares, em 2005 relata o caso dos tráficos de modelos entre Suíça e Portugal focando o caso da clínica de Heliantia.

Existem poucos registos sobre a construção da Estância, mas poderá supor-se ter sofrido o mesmo processo de permuta, uma vez que o próprio corpo clínico da estância era constituído por diversos nomes internacionais e o auditório do Grande Sanatório ser palco de diversos encontros, palestras, conferências e congressos.

Na época surgia também o crescente interesse pela *Art Déco*, ou as chamadas artes decorativas, que em Portugal, à semelhança de outros países europeus, tem o seu auge durante o período da ditadura do regime salazarista, coincidindo com a construção da estância (1920-1940), que integrará marcas e características de um estilo que se adaptavam bem à terapêutica da doença. Esta estética estendeu-se um pouco por toda a estância, em habitações e na própria Capela da Nossa Senhora da Esperança ostentam ainda os traços da elegante geometrização do movimento, o visível escalonamento e o adorno geometrizado são exemplo disso, o estilo mantém a canónica tríade compositiva clássica - o coroamento, o corpo principal e o embasamento - mas racionaliza o ornamento.

Em Portugal, surgem ainda os estilos ligados aos ideais nacionalistas, destacando-se o da " Casa Portuguesa", preconizado por Raul Lino. Alguns aspectos estruturais deste modelo foram adoptados na construção de habitações e sanatórios da vila; o beiral, o alpendre, a chaminé e o granito à vista pontuam as construções do Caramulo.

A cópia de azulejos decorativos com motivos neoclássicos surge ainda em algumas das ruas da vila, e no interior dos próprios edifícios. Mas é o cerâmico pintado que é mais presente na vila.



FIG 4 Mostra de azulejos encontrados na vila

É esta mescla de correntes e estilos do primeiro quartel do século passado que caracterizaram o conjunto sanatorial, constituindo a nova paisagem da vila que adicionadas à já arquitectura tradicional da povoação de Paredes do Guardão criam este *patchwork* que é a Vila do Caramulo actualmente.

4 LER

4.1 O Lugar

A serra do Caramulo

A passagem e a permanência dos homens elevaram determinados lugares a uma condição numinosa (e luminosa)

Paulo Pereira

A serra ou a montanha são como que uma radicalização da natureza onde o plano material se une com o transcendente [PEREIRA, 2010].

Paulo Pereira, no seu livro *Lugares Mágicos de Portugal, Montes Sagrados, Altos Lugares e Santuários* reflecte sobre estes lugares qualificados que são as serras e montanhas de Portugal, lugares que ele define como espaços de privilegiada comunicação com Deus.

No cimo das montanhas, desde a antiga Grécia aos dias de hoje diversos tipos de santuários em todas as religiões foram pontuando os locais altos. Como que marcos da ascensão ao plano imaterial, estes locais de refúgio marcam a crença de diferentes religiões, locais onde os crentes contactavam com os deuses.

A ascensão à montanha com intuitos religiosos constitui um dos gestos rituais mais antigos da humanidade [PEREIRA, 2010].

A serra do Caramulo, conhecida em tempos como serra da Alcoba, é constituída por um alinhamento montanhoso com 25 quilómetros de comprimento e uma orientação geral de Noroeste para Sudeste, ocupando parte dos concelhos de Vouzela, Oliveira de Frades e Tondela, pertencentes ao distrito de Viseu e uma fracção do concelho de Águeda que faz parte do distrito de Aveiro.

A serra estabelece a orla ocidental do extenso planalto da Beira Alta.

A Serra do Caramulo possui uma paisagem muito diversa, podendo ir de vales suaves talhados na flora densa até às zonas escarpadas e marcadas por cumes pétreos.

A composição geológica da serra divide-se entre manchas de xisto e afloramentos graníticos, que pela erosão formam momentos raros na paisagem. A acentuada assimetria do seu dorso faz com que o flanco da serra virado a nascente desça rapidamente até ao vale de Besteiros, onde corre o rio Criz, promovendo nesta encosta a visão da Serra da Estrela que tem uma orientação semelhante à da serra limitando-a visualmente a sueste.

A norte é limitada pelo rio Vouga e a sul prolonga-se pelas serras de Paredes e da Chavelha, até à serra do Buçaco, morrendo na bacia de Mortágua.

Na base oriental da serra são abundantes os barros, consequência da erosão dos xistos e granitos.

Pelas encostas são abundantes os pinheiros e eucaliptos, ou as mimosas que ladeiam as estradas. A norte da serra começam a aparecer o carvalho e o castanheiro, dando origem à conhecida Mata da Penóia.

São ainda o solo árido e a vegetação pouco espessa, a falta de humidade, a atmosfera arrefecida e os ventos dominantes do noroeste, que marcam o clima da serra.

A temperatura é constante, sendo a vertente oriental mais quente do que a vertente ocidental, visto ter uma exposição solar maior e não sofrer tanto a acção dos ventos frios do norte.

Pelas suas condições excepcionais, pela sua diversidade de factores do solo e do clima, de exposição e de altitude que a estância sanatorial se vem instalar, em Paredes do Guardão, de onde se pode avistar o contorno do Cabeço da Neve e do Caramulinho, o pico mais elevado da serra, com cerca de 1075 m de altura.

Desde tempos remotos, a serra foi habitada por sucessivas populações das quais ainda se podem encontrar alguns vestígios. Os aglomeramentos e todo o património arquitectónico do Guardão são disso exemplo.

Desde tribos do paleolítico, que deixaram abundantes sinais de povoamento neolítico, aos romanos, que deixaram, entre outros vestígios, a Capela de São Bartolomeu ou a via romana lajeada que passava na serra, da qual ainda resta um troço junto à Igreja do Guardão. Existem ainda registos da ocupação moura, principalmente a nível toponímico, como é o caso do próprio nome da serra, Alcoba, que no árabe significava *cúpula*.

No século XX, a população serrana distribuía-se por várias aldeias e aglomeramentos, que se mantinham muito distantes do chamado mundo civilizado. As suas casas eram construídas em granito e cobertas com telhados de colmo seguros por pedras ou telha cimentada.

As vias e percursos que ligavam a serra ao Vale de Besteiros não eram mais do que caminhos de terra batida, o que privava as populações de bens primários como electricidade ou água canalizada, ou mesmo educação e assistência médica.

A vila do Caramulo surge na serra como uma espécie de domesticação da serra, falamos na criação de acessos e vias que lhe acompanham a topografia altaneira ou a florestação dos parques do Caramulo, que hoje se misturam com a vegetação da mesma.

4.2 Sanatório Dr. Jerónimo Lacerda

O Grande Hotel Sanatório foi projectado por Álvaro Pinto de Miranda, no ano de 1920. Do arquitecto autodidacta, pouca informação foi encontrada, bem como sobre o projecto original. A imagem original do edifício sobrevive nas poucas fotos antigas que registam um belo edifício de montanha que pouco se assemelha ao actual.



FIG 5 Fotografia do Sanatório Dr Jerónimo Lacerda após a inauguração



FIG 6 Fotografia do Sanatório Dr. Jerónimo Lacerda após a inauguração

Inaugurado em 1922, o edifício abre as portas aceitando apenas visitantes convalescentes não tuberculosos, sendo que só a partir de 1925 começa a funcionar como sanatório, transformando-se e intitulando-se, em 1928, de Grande Hotel Sanatório, e, em 1933, passa para Grande Sanatório do Caramulo.



FIG 7 Fotografia do Sanatório Dr Jerónimo Lacerda a primeira fase de expansão do edifício.



FIG 8 Fotografia do Sanatório Dr Jerónimo Lacerda a primeira fase de expansão do edifício

A unidade deveio “sanatório-director” dado o seu posicionamento central e articulador da rede de vários sanatórios e infra-estruturas de apoio a toda a estância. Em 1946, em forma de homenagem, é-lhe atribuído o nome do Dr. Jerónimo Lacerda, um ano após a morte do médico, passando a designar-se Sanatório Dr. Jerónimo de Lacerda. Contudo, não sendo diferente de todos os outros sanatórios da estância, depois do período áureo e o gradual declínio o sanatório é encerrado à semelhança do que se passa um pouco por todo o mundo, na sequência da introdução dos fármacos antituberculosos.

Desenho e intervenções do edifício

O edifício Dr. Jerónimo Lacerda, implantado na entrada da vila do Caramulo, está compreendido entre a avenida homónima, Av. Dr. Jerónimo Lacerda, e a Rua das Ameixoeiras, sendo contornado pela estrada nacional de Tondela a Águeda.

Com uma orientação noroeste-sudeste, o edifício encontra-se compreendido entre as cotas 760 e 768.

O edifício de quadro pisos, em termos compositivos, dividia-se num corpo central, mais proeminente, ladeado por dois corpos laterais, tendo por base uma planta rectangular.

Mais tarde, ainda na década de 20 o edifício sofre a primeira expansão que lhe adiciona dois corpos posteriores, acrescentando a área espaçosa e iluminada das cozinhas, as arrecadações e a nordeste o espaço do auditório, proporcionado um maior número de quartos nas áreas subjacentes.

O sanatório, seguindo todas as regras e exigências científicas deste tipo de estabelecimento concilia os dois modelos do tratamento pela helioterapia varanda/solário.

No corpo central estavam concentradas as funções nobres do edifício.

Quando entramos no átrio de entrada encontramos o núcleo de acessos, ladeados pelos serviços administrativos, e as áreas consignadas ao atendimento público. Ainda no piso térreo do lado nascente temos a zona dos gabinetes médicos e laboratórios.

Num segundo piso, o átrio de distribuição e volume de acessos distribui ao longo da galeria longitudinal interior os quartos/enfermarias-individuais, sendo a poente a sala principal de refeições ligada com a zona adicionada das cozinhas. Num terceiro e quarto piso os quartos com instalações sanitárias privadas repetiam-se na mesma métrica pontuando a fachada pelos vãos de acesso às galerias exteriores que se sobrepõem verticalmente dominando o alçado principal voltado ao vale de Besteiros, imagem identitária da arquitectura sanatorial, visto que o sol era o princípio ordenador do modelo sanatorial. O movimento solar era factor primordial no desempenho programático do edifício, e a contemplação da paisagem uma forma de confortar o doente.



FIG 9 Fotografia das galerias originais do edifício



FIG 10 Fotografia das galerias após a primeira fase de expansão do edifício.

As opções estéticas da altura traduziam-se na utilização de azulejo, revestimentos em madeira interiores e exteriores, guardas metálicas nas galerias e caixilharias em madeira.



FIG 11 Fotografia da sala de leitura do sanatório Dr. Jerónimo Lacerda

Do ponto de vista construtivo, o edifício combinava a alvenaria de granito e alvenaria de tijolo de burro para o preenchimento das paredes exteriores, com paredes interiores em tabique, uma técnica tradicional também conhecida por taipa de fasquio, taipa de sapato, pau a pique, taipa de rodízio, entre outras denominações. Este método construtivo consiste numa estrutura portante em madeira que se interliga por uma trama menor, também ela em madeira, gerando um engradado que é preenchido por terra argilosa e fibras. Este sistema era comumente limitado pelos pilares principais, vigas e lajes em madeira e caracterizava-se por ser extremamente ecológico e de elevada racionalização energética.

Já as coberturas tinham uma estrutura em madeira revestidas em telha de canudo inicialmente, sendo posteriormente substituídas por telhas de fibrocimento.

No ano de 1984, altura em que o sanatório já não se encontrava em funcionamento, é realizado um anteprojecto por parte de Alberto Cruz (autor do projecto do Museu do Caramulo), com vista a converter o sanatório num hotel de características turísticas e de repouso. Previa-se com este hotel fomentar o turismo em Portugal e criar postos de trabalho na vila.²

Da análise dos desenhos do projecto pode concluir-se que o programa criado era pensado com uma grande generosidade de áreas, tanto nos quartos, que seriam todos providos de wc privativo, como nas zonas públicas.

O sanatório seria ampliado em altura, contemplando um quinto e sexto andares e haveria a relocação e adição da caixa de acessos.

² Ver ANEXO II

Pretendia-se que o hotel fosse dotado de espaços comerciais que servissem a unidade bem como a vila. No espaço público exterior anteviam-se ainda uma piscina e dois cortes de ténis. As zonas de serviço, cozinhas e anexos, seriam recuperadas das pré-existências adicionando-se os alojamentos do pessoal que não habitasse no Caramulo.

Exteriormente pretendia-se proceder a uma remodelação de todas as fachadas, de modo a harmonizar todo o conjunto. O projecto chegou a arrancar, e esta intervenção alterou bastante a ala poente do edifício, em que alvenarias de tijolo furado vêm complementar o sistema construtivo e azulejos pintados substituem os antigos revestimentos de madeira.

O desenho dos vãos não respeita a métrica dos do edifício modelo, e a substituição das caixilharias de madeira pintada por alumínio distorce a harmonia original do alçado. As alterações que se começavam a alargar no corpo central, inacabadas a nível do terceiro e quarto piso, deixam clara a intenção da alteração dos telhados. Porém, o que sobeja é uma estrutura descascada em madeira, onde elementos das antigas asnas se interligam com apoios verticais incertos, formando uma espécie de emaranhado de madeiras que se assemelha a um árido bosque de troncos de carvalho.



FIG 12 Fotografia do sistema portante de madeira das coberturas no quarto piso do Sanatório Dr. Jerónimo Lacerda



FIG 13 Fotografia do sistema portante de madeira das coberturas no quarto piso do Sanatório Dr. Jerónimo Lacerda



FIG 14 Fotografia do sistema portante de madeira das coberturas no quarto piso do Sanatório Dr. Jerónimo Lacerda

Por falta de verbas e conflitos políticos as obras nunca foram finalizadas. O programa foi mais tarde adaptado na reconversão do Sanatório Salazar, em Hotel do Caramulo.

5 INTERVIR

5.1 Conservar renovando ou recuperar revitalizando

(Architecture) it is specially the art of civilization, it neither ever has existed nor never can exist alive and progressive by itself, but must cherish and be cherished by all the crafts whereby men make the things which they intend shall be beautiful, and shall last somewhat beyond the passing day. (...) It embraces the consideration of the whole external surroundings of the life of man (...) it means the moulding and altering to human needs (...)

William Morris³

As inúmeras políticas de reabilitação que se têm vindo a criar em Portugal, mostram o despertar da consciência nacional para um vasto e notável património arquitectónico, que até aos dias de hoje vem caindo num lento abandono e indiferença. Mas como diz Nicola Di Battista, a preciosa lição que nos é oferecida pelo passado, essa não deve morrer, essa fica e aguarda que alguém a colha e a transporte para o futuro [FERNANDES, 1999].

Mas quais são então os critérios que classificam um edifício em património?

Esta problemática do património assenta hoje em considerações e significados muito alargados e enriquecidos que devem ser considerados neste trabalho. Contudo, o vasto território da discussão sobre o que é ou não património tomar-nos-ia algum tempo, necessitaríamos de um estudo de toda a sua dimensão alargada para nos localizarmos na intervenção. Opta-se então por conjugar algumas perspectivas que consideramos pertinentes no estudo do caso em questão.

Françoise Choay faz um profundo estudo sobre este tema. É-nos muito cara a identificação que a autora dos três "valores" que qualificam um dado edifício e lhe conferem o estatuto de "património"; o valor económico, o valor estético e o valor cognitivo, ou também chamado o valor da memória [CHOAY, 1992].

David Lowenthal a propósito deste valor cognitivo que Françoise Choay elege diz que *reagimos a estas preciosidades pela sua beleza, pelo seu valor histórico mas sobretudo pelo seu papel de talismãs da continuidade do tempo*. O autor acrescenta que *estes vestígios materiais são uma garantia de que houve um passado, que apesar de silenciosos e carecerem de interpretação, apesar de deformados pelo tempo ou pela*

³ The prospects of architecture in Civilization, delivered at the London Institute, March 10, 1880

reedificação sucessiva, são perpetuamente uma ponte entre o presente e o passado [LOWENTHAL, 1985].

Compreenda-se que relançar a problemática patrimonial é fulcral na preservação do edificado da vila do Caramulo, promovendo o seu estudo, divulgando-o e afirmando-o enquanto museu vivo, rejeitando que este se transforme em mais um erro crasso da falta de educação cívica perante os valores culturais.

É intenção deste trabalho deixar portanto um contributo para desbravar o caminho de novas investigações que viabilizem a articulação das diferentes partes do lugar formando um todo que perpetue, de forma dinâmica esta vila de referência.

Este processo passará pelo reconhecimento destas áreas com uma fixação tipológica que lhes garanta a continuidade histórica, sem recusar a crítica e a intervenção no sentido moderno.

O lema, *conservar renovando ou recuperar revitalizando*, enunciado por Nuno Portas, é um reflexo desta consciencialização histórica, defendendo uma política de recuperação física e da reutilização social das áreas antigas das cidades e vilas, baseado na tríade *recuperar, reabilitar e revitalizar*. [PORTAS, 1983]

A política proposta pelo autor passa pela recusa da ideia de que as áreas antigas são museus mortos. Estas áreas estão sujeitas à mudança de usos e das pessoas e necessitam de uma renovação não só do ambiente físico mas também do próprio ambiente social e cultural [PORTAS, 1983].

Tal como Richard Rogers, no que concerne a questão da conservação e reabilitação patrimonial, fala da regeneração dos edifícios em prol de servirem as necessidades actuais.

Daí acreditar-se, como se propõe neste trabalho, que a devolução do sanatório a um programa semelhante ao original, como aconteceu e outros exemplos sanatoriais, seja uma grande falácia.

O desafio será estabelecer um diálogo entre o passado e o presente, não só a nível formal como a nível social, tratando-se da recuperação da história da vila e da história arquitectónica, aceitando a responsabilidade da colocação do nosso passado cultural como elemento insubstituível para a construção do futuro, estabelecendo o objecto presente como mediador dos dois tempos.

Mais do que analisar um edifício isolado interessou compreender os elementos identitários de toda a vila de forma a estabelecer uma estratégia de intervenção de modo a preservar o legado patrimonial e utilizá-lo como ponto de partida para a elaboração do programa de usos na revitalização e transformação do edifício que concernisse a recuperação sociocultural da vila.

No passado, o conjunto de relações mútuas que vila-estância/ estância-vila permitiram o desenvolvimento da região, e pretende-se retomar esta estrutura na intervenção, estabelecendo um programa comunitário que sirva a vila e seja por ela servido.

O espaço sanatorial, na sua época áurea, era já local onde as relações de permuta dos conhecimentos eram importantes; diversos encontros e conferências tinham lugar no antigo auditório do Grande Sanatório, alunos de todo o país chegaram a estagiar nas instalações e vários artigos científicos foram fruto do trabalho de investigação dos médicos e assistentes da estância.

Readaptar este conceito aos dias de hoje, ou seja, recriar espaços onde a troca de conhecimentos é possível começou por ser a base da reestruturação do programa de usos das infra-estruturas.

O interesse do bem como testemunho notável de vivências históricas, um marco da memória colectiva da memória do Caramulo; e pelo seu valor estético e técnico, pela sua concepção arquitectónica, urbanística e paisagística que são importantes do ponto de vista da investigação arquitectónica.

5.2 O papel da comunidade

I do not want art for a few, any more than education for a few, or freedom for a few

William Morris⁴

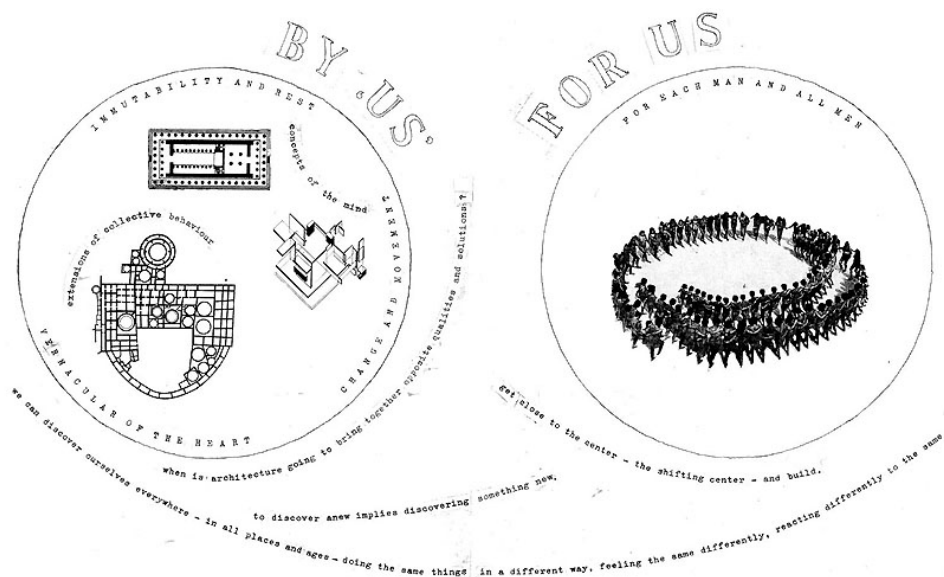


FIG 15 The Otterlo Circles, apresentados por Aldo Van Eyck na conferência de CIAM em 1959

Quando percebemos que a estância sanatorial foi a gênese de toda uma comunidade, entender agora como pode esta regenerar a sua identidade e catalisar o lugar, é fulcral neste trabalho.

Primeiro deve perceber-se o conceito de comunidade, que abarca diferentes e varias áreas do conhecimento.

Partindo de uma definição etimológica, temos que comunidade, do latim *communitate*, pode ser entendida como um conjunto de seres vivos inter-relacionados que habitam um mesmo lugar e que partilham elementos comuns, o idioma, os valores, os costumes, a localização geográfica, a visão do próprio mundo, por exemplo.

As definições vão variando de autor para autor, de área de estudo para área de estudo, porém há palavras que se repetem: *o que é comum, a identidade, a partilha, a memória colectiva*.

Memória do passado, daquilo que existiu, das histórias e eventos que foram construindo a vila e que uniram as gentes formando esta consciência colectiva.

Se por um lado o passado é imutável, as memórias detidas pelas gentes, essas divergem e contam histórias diversas. Como diz Marc Augé, a memória é como jardinar, *"remembering or forgetting is doing gardener's work, selecting, pruning."*

⁴ [MORRIS, 1878]

Memories are like plants: there are those that need to be quickly eliminated in order to help others burgeon, transform, flower" [AUGÉ, 2004].

O importante são os conhecimentos e saberes que se passam de geração em geração e como estes se transformam ao longo do tempo, pois são também estes que atribuem o carácter identitário a cada povo. A memória colectiva de um povo estende-se ao lugar onde vive, aos seus monumentos e momentos, aos vestígios do passado e presente, à cultura material e imaterial das pessoas [DUARTE, 1994].

Saber jogar com os valores da memória e os valores contemporâneos é um trabalho cuidadoso que requer interações do novo com o antigo, com a comunidade e com a memória colectiva [FERREIRA, 2011].

Conceber a Casa das Artes, enquanto equipamento público comunitário, necessita de uma definição, como sublinha Leopoldo de Almeida: *o desenvolvimento comunitário é a promoção, entre os membros da comunidade, de um espírito de progresso e cooperação, graças ao qual se consciencializam necessidades comuns e, para lhes fazer face, se desenvolvem valorizando-se ao máximo, os recursos humanos e naturais da colectividade, com vista à elevação contínua do seu nível de vida* [ALMEIDA, 1963].

Aspira-se à criação de um espaço fulcral na vida sociocultural dos caramulenses, um espaço que não se resume à recreação passiva direccionada aos visitantes de fora, mas que envolva a própria comunidade e se torne um marco identitário na vida quotidiana dos habitantes da serra.

Onde, presentemente, o turista passa e não pára, criam-se agora espaços de permanência que contam a serra e as histórias das suas gentes.

Desde a Rota d'As 27 aldeias, proposta que reúne os aglomerados mais representativos da construção e arquitectura serrana, ao passeio público pedestre da vila e à própria Casa das Artes, o turista é convidado a permanecer e a conhecer os costumes e encantos destes altos lugares onde convergirão as experiências da comunidade e do próprio visitante.

*The aim of community architecture is to improve the quality of the environment by involving people in the design and management of the buildings and spaces they inhabit.*⁵

⁵ ROYAL INSTITUTE OF BRITISH ARCHITECTS, *Community Architecture: User Participation in the Design of Buildings*, RIBA, London, 1986, p.2

No contexto socioeconómico actual a viabilidade do programa proposto sustentar-se-ia numa forte acção comunitária. Uma casa que serve e é servida pela vila.

Quando nas últimas duas décadas do século passado muito se discutia sobre as práticas da arquitectura comunitária, quais os seus benefícios e fracassos chegou-se a algumas conclusões interessantes acerca das vantagens deste tipo de aproximação em que a comunidade desenvolve um papel importante no ambiente que habita.

A arquitectura é uma arte, um bem e um serviço público que desenha o meio à nossa volta, em termos económicos, políticos, espirituais e psicológicos. Hoje é consensual a ideia de que a participação da comunidade gera um maior grau de satisfação nos usuários gerando benefícios sociopsicológicos na própria sociedade acabando por ser mais económica a longo-prazo.

Antes de mais o processo de projecto deve ser entendido enquanto processo comunitário.

Veja-se o caso do replaneamento de Curitiba que Richard Rogers relata no seu livro *Cidades para um planeta pequeno*, que é um exemplo digno da fortificação dos laços comunitários através de intervenções comunitárias.

Jaime Lerner, presidente da prefeitura de Curitiba, enquanto arquitecto e urbanista, executou três pequenos projectos, com baixos custos mas, bastante inspiradores do ponto de vista cultural [ROGERS,1997].

Com a simples e rápida metamorfose de três pedreiras da cidade, uma situada numa Universidade do Meio Ambiente, outra numa Ópera de Arame Suspenso sobre um lago e a terceira em auditório natural, Jaime Lerner propõe novos e dinamizadores cenários para a cidade que evoca um genuíno espírito de participação entre os cidadãos. A criação destes espaços fortalece as inter-relações da comunidade, e conferem-lhe um papel activo no cenário urbano, consultando-os nas suas necessidades.

São as fortes flexibilidades de usos destes espaços que lhes permitem uma utilização e permanência maior.

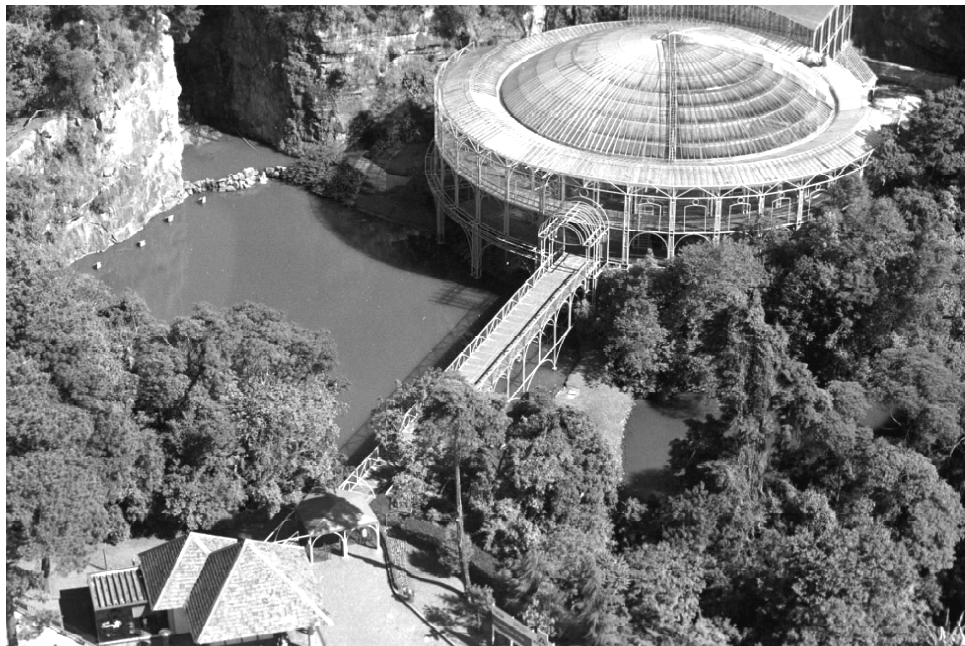


FIG 16 Opera de arame, autoria de Domingos Bongestabs 1992, Curitiba



FIG 17 Opera de arame, autoria de Domingos Bongestabs 1992, Curitiba



FIG 18 Universidade Livre do Meio Ambiente – Unilivre, autoria de Domingos Bongestabs 1992, Curitiba



FIG 19 Universidade Livre do Meio Ambiente – Unilivre, autoria de Domingos Bongestabs 1992, Curitiba

Basta olharmos para a história da civilização para nos apercebermos dos sucessos da chamada arquitectura comunitária.

Porém, com a Revolução Industrial, à força das circunstâncias, as cidades expandiam-se de uma forma desmesurada e não planeada, que pretendia dar resposta à urgência de habitações. O êxodo rural fez com que a participação comunitária decrescesse. Onde antes os cidadãos construíam as suas próprias casas, agora o sector industrial dominava a gestão e construção de novos edifícios ignorando as

diferenças culturais, pressupondo-se nesta altura que o utilizador teria que se habituar a viver da maneira que se previa [BROLIN,1976].

Surgem então questões relacionadas em como se pode potencializar estes espaços públicos.

Michael Walzer divide o espaço público em monofuncional e multifuncional, e é o multifuncional que nos interessa, a praça o café na esquina o mercado do sábado de manhã, que pela sua variedade de usos e participantes, reúnem diferentes partes do sítio e desenvolvem a identidade do lugar e as suas dinâmicas. *As pessoas possuem uma relativamente coerente e detalhada imagem mental da sua cidade, criada na interacção entre ser e lugar, e que essa imagem era essencial para as suas actuais actividades, e também importante para o seu bem-estar psicológico* [LYNCH,1960].

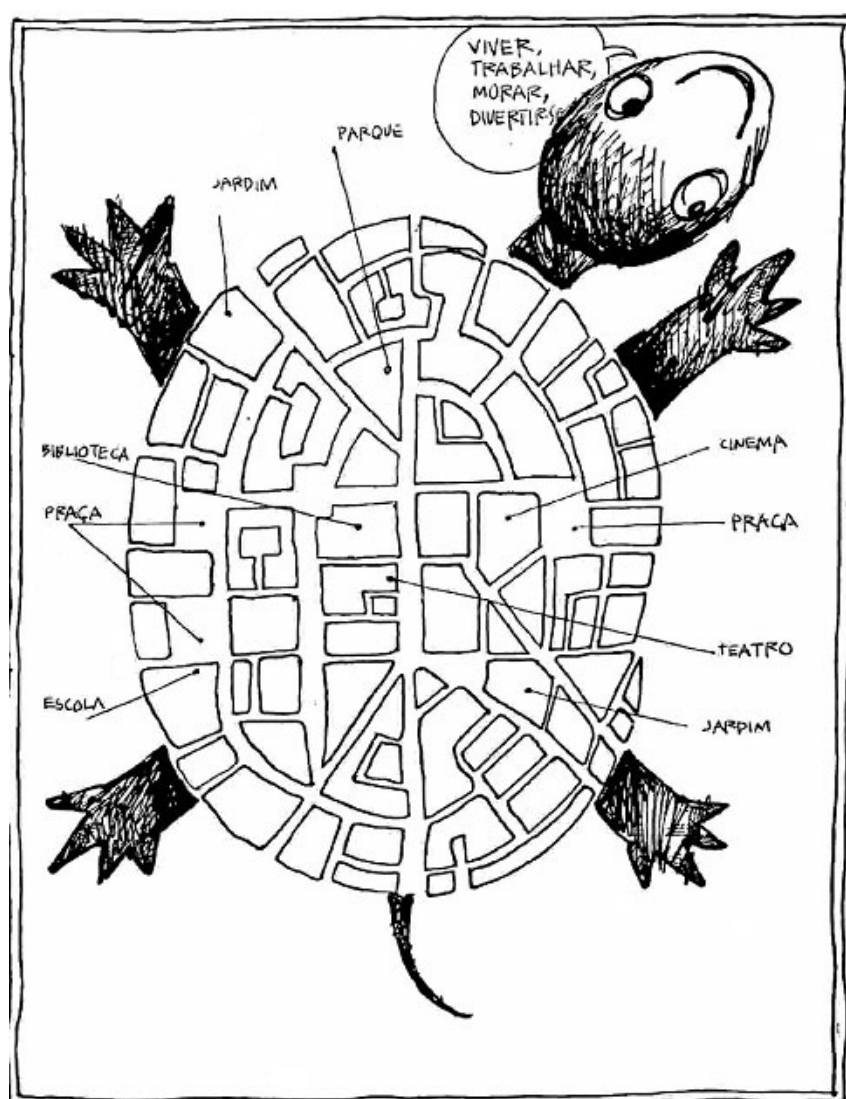


FIG 20 Tartaruga "VITA", diagrama metafórico de Jaime Lerner

Portanto, o pensamento assemelha-se ao adaptado na intervenção deste trabalho. A reabilitação do edificado devoluto que já se encontra no seio da vila do

Caramulo pode estimular a coesão social, bem como o sentido de identidade e de pertença ao lugar.

A proposta deste trabalho reflecte não só a transformação de usos do Sanatório Dr. Jerónimo Lacerda, como também visa extrapor o pensamento numa escala conjunta, pensando num plano de intervenção para o que resta da antiga estância e da sua integração na malha urbana.

5.3 A intervenção

O objectivo do trabalho realizado passa fulcralmente pela criação de uma proposta coerente que revalide a permanência do sanatório Dr. Jerónimo Lacerda que cumula em si identidade e memória de um lugar por ele criados.

A identificação e análise do trinómio lugar- edifício -utilizador visa reflectir a versatilidade deste tipo de modelos, concebidos com uma tal especificidade técnica convergindo entre a transformação dos edifícios de hotelaria e a adequação dos modelos de construção hospitalar mas que pelo seu cunho temporal se distinguem destes pela sua efemeridade.

Dizia Jacques Gubler, no prefácio de *Arquitectura Antituberculose* de André Tavares, que da tuberculose não subsistiram senão recordações musicais (as camélias da Traviata, o blues urbano de Chicago) e romanescas (o sanatório de Thomas Mann) flutuando na cultura universitária.

No entanto, a valorização patrimonial destes complexos não passa somente pelo argumento temporal pois, com a passagem do tempo, a degradação destes edifícios constitui um cancro na urbe. Pensar num argumento projetual que conceba a reabilitação e readaptação do edifício e como é possível readaptá-los a usos emergentes e urgentes num contexto urbano, é objectivo desta proposta.

Esta estratégia de projecto, que passa pela reflexão de como é possível manter presente a importância histórica destes edifícios enquanto património cultural da saúde, pensa-se compatível com as necessidades contemporâneas de um território plural e heterogéneo, onde se objectiva evocar a paisagem arquitectónica do Caramulo, numa linha de continuidade com as formas e os materiais que moldam a memória colectiva da serra.

Sendo feita a contextualização temporal e social da obra e do local, bem como o estudo pormenorizado do projecto, formalmente e funcionalmente, visa-se ainda levantar questões do âmbito social, no que corresponde à dialéctica do uso pelos usuários e habitantes com este antigo-novo espaço, de forma a dinamizar a estabelecer um programa de usos que se adequa às necessidades do lugar e que o dinamize.

5.3.1 Rur-urbanismo, a Rota d'As 27 Aldeias

É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, ver na primavera o que se vira no verão, ver de dia o que se viu de noite, com o sol onde primeiramente a chuva caía, ver a seara verde, o fruto maduro, a pedra que mudou de lugar, a sombra que aqui não estava. É preciso voltar aos passos que foram dados, para repetir e para traçar caminhos novos ao lado deles.

José Saramago ⁶

Portugal é caracteristicamente um país rural. Mesmo os grandes centros urbanos são um como que um *patchwork*. Lisboa é o resultado de uma espécie de ligações de pequenas "aldeias", os chamados bairros.

Diferentes de Paris ou Madrid, ou outros grandes centros urbanos, Lisboa ou o Porto são o aglomerado de pequenas escalas e retalhos de construído sobre construído formando um característico tapete heterogéneo.

As vivências inerentes nesses bairros das grandes urbes portuguesas assemelham-se as vivências sociais de uma pequena aldeia; o café da esquina, que reúne os homens no final da tarde, o cabeleireiro onde se reúnem as mulheres ou o mercado na praça onde se vendem tradições.

E não é por acaso que isto acontece; quando em 1910, Marcel Clerget emprega o termo urbanismo, para descrever o estudo e planeamento dos grandes centros urbanos, o termo ruralismo, por Vignerot, surge-lhe pouco tempo depois associado. Ambos crescem juntos na história do território.

No entanto, a centralização nas grandes urbes tem ofuscado e premência e urgência da catalisação dos outros lugares rurais do país.

Patrick Geddes, no início do século passado utiliza o termo rur-urbanismo, que reúne e conceptualiza este carácter híbrido, unificando urbanismo e ruralismo [GASTON, 1961].

Em regiões rurais subdesenvolvidas, a dispersão constitui a maior resistência ao seu processo de desenvolvimento.

O autor idealiza então uma estrutura que sustente estes lugarejos e cria o conceito de aldeia-centro/ aldeia-satélite. Estas aldeias-centro, ainda com um carácter rural surgem no território enquanto nó central ou centro de unidade espacial. São os chamados centros geo-sociais que numa cidade têm um carácter monumental (uma

⁶ [SARAMAGO, 1997]

praça, um mercado, etc.) enquanto num território disperso e ruralizado se consubstanciam em toda essa aldeia.

Associada a esta aldeia-satélite, surgem as pequenas unidades rurais, que se caracterizam pela inexistência de limites definidos, surgindo na paisagem como pequenos aglomerados de casas.

Intencionalmente, neste trabalho pretende-se atribuir à Vila do Caramulo esse carácter centralizador, conectando-a aos outros aglomerados-satélites rurais da serra numa tentativa de os preservar e dinamizar.

O levantamento territorial feito, consumado no primeiro livro⁷, em que há uma recolha fotográfica e gráfica pretende dar conta de aspectos concretos de como é feita a ocupação do lugar, quais os materiais e processos construtivos vigentes, qual a organização social, entre outros.

Porém dar conta da especificidade de um território, seria por si só um trabalho muito mais amplo do que aquele que se apresenta aqui.

É necessário que a visão conjunta da vila permita um estudo à escala territorial da serra explorando as potencialidades do lugar, podendo estabelecer uma ligação enriquecedora entre vila-aldeias e vice-versa.

Esboça-se uma ideia primitiva do que pode ser o desenho de relações entre vila e serra.

Inicialmente foi feita a identificação dos valores identitários da serra, a nível do construído e dos recursos naturais, com vista a estabelecer um itinerário que consolide a dispersão dos vilarejos da serra.

É Norberg-Schulz que teoriza no seu *Genius Loci* vastamente sobre o tema da identidade. Ele diz que este é um conceito estreitamente interligado à memória. A identidade de um lugar é evolutiva, mudando no tempo. Daí se pressupor uma nova identificação dos aglomerados rurais mais representativos e homogeneizados do que é a Serra do Caramulo actualmente.

A conexão destes lugares é feita através de cursos e trechos de percurso que permitissem vislumbrar a natureza da serra em si.

Estabelece-se então esta Rota D'As 27 aldeias, em percurso circular viário de aproximadamente 92 quilómetros, em que as unidades rurais estão separadas entre si por menos de meia dúzia de quilómetros em média. O percurso tem a duração de cerca de 3 horas com princípio e termo na Vila do Caramulo, o foco centralizador da serra.

Pretende-se que este percurso não só conecte estas unidades territoriais com elevada concentração artesanal, ajudando-as a desenvolver-se, mas que também

⁷ Ver ANEXO I

proponha ao visitante exterior um percurso que lhe mostre a riqueza do património natural e construído da Serra, bem como a manutenção das artes artesanais da serra.

Estabelecer a Vila do Caramulo como ponto estratégico de apoio às aldeias serranas não parte da abstracção de um modelo teórico pré-estabelecido, mas sim do estudo das particularidades do sítio. Porém, ao contrário do que Gaston Bardet pensa em relação ao carácter destas vilas-centro, dizendo que estas se devem bastar a si próprias, pretende-se antes que a intervenção torne a vila num pólo de transição e trocas entre os aglomeramentos mais pequenos e os centros urbanos mais próximos, para além de uma unidade de produção em si.

Isto pressupõe um reforço dos seus equipamentos socioculturais, desportivos e comerciais, que abranjam as populações destes aglomerados. Enquanto vila-centro, a Vila do Caramulo será sobretudo um lugar de trocas sociais e culturais, que passará pela fusão das particularidades de todos os sectores menores.

Não é só objectivo salvar os da terra, mas fazer germinar, nesta terra uma nova semente [BARDET, 1961].

Já a criação de relações de hierarquia nas articulações das diferentes partes da vila passou pela elaboração de trechos pedonais que joguem com os pontos estratégicos que queremos que o transeunte contemple.

Desde espaços de transição que relacionam o núcleo rural à zona dos miradouros criada, ou o redesenho dos espaços verdes da vila pretendem estruturar a descoberta da vila e conciliar os seus diferentes aspectos identitários, salvaguardando o seu carácter rural e humano.

Como diz Álvaro Siza, *a relação entre natureza e construção é decisiva na arquitectura.*

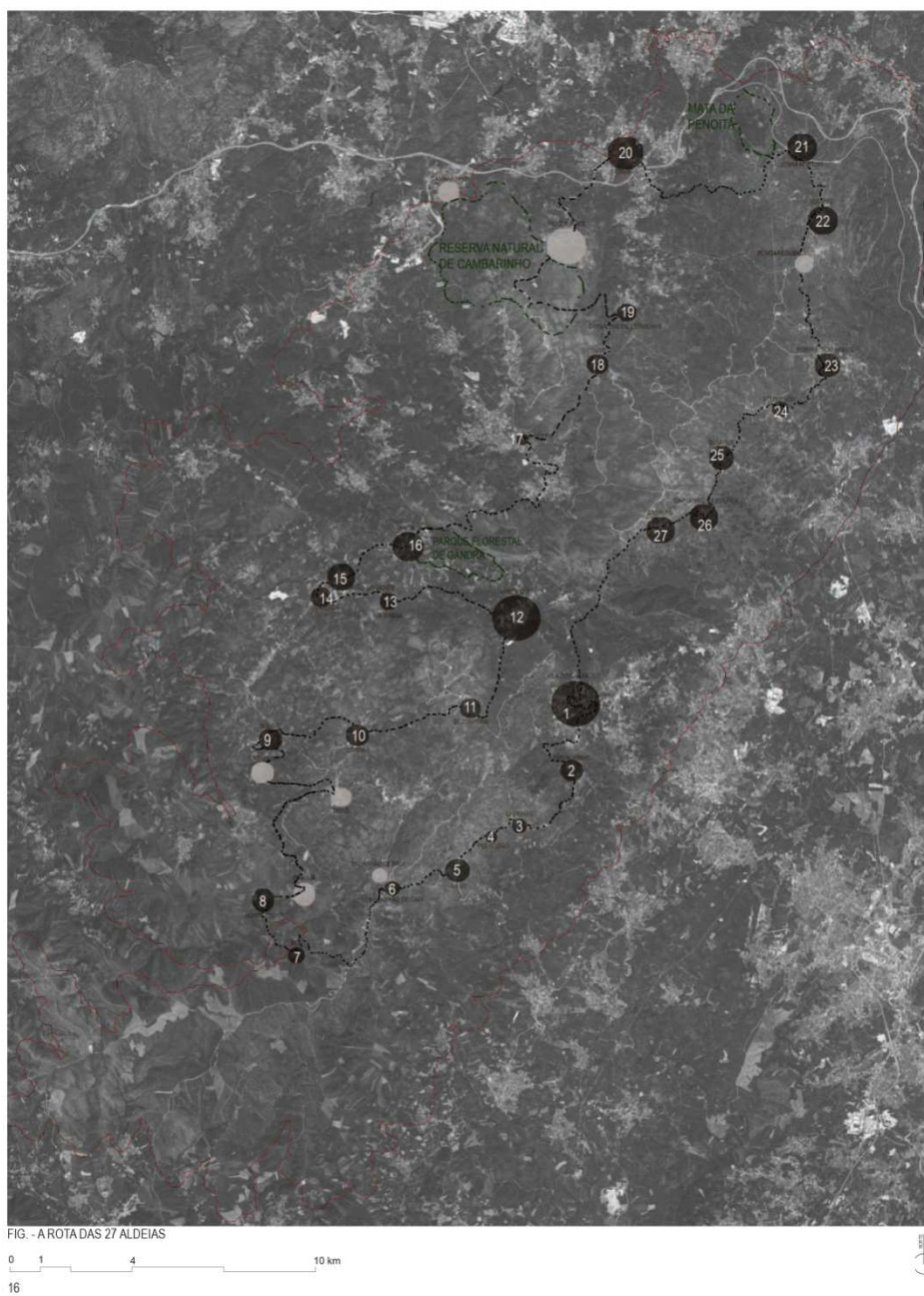
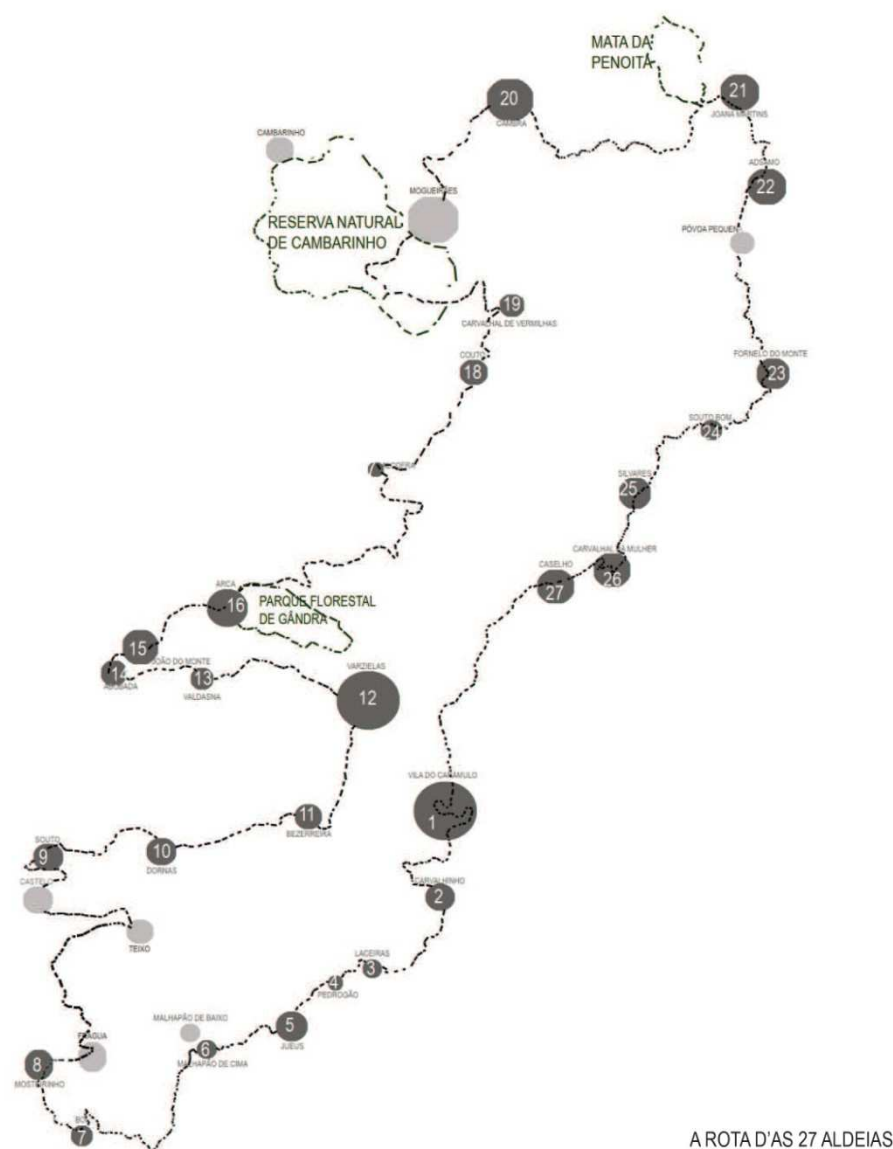


FIG 21 Escala territorial - ortofotomapa da Serra do Caramulo. Definição da Rota d'As 27 Aldeias



A ROTA D'AS 27 ALDEIAS

1 - Vila do Caramulo	5 - Jueus	9 - Souto	13 - Valdasna	17 - Alcofra	21 - Joana Martins	25 - Silvares	DISTANCIA TOTAL
2 - Carvalhinho	6 - Malhapão de Cima	10 - Dornas	14 - Abóbada	18 - Couto	22 - Adsamó	26 - Carv. da Mulher	91,7 KM
3 - Ladeiras	7 - Boi (Lugar do Boi)	11 - Bezerreira	15 - S. João do Monte	19 - Carv. de Vermilhas	23 - Forno do Monte	27 - Caselho	DURAÇÃO
4 - Pedrogão	8 - Mosteirinho	12 - Varzielas	16 - Arca	20 - Cambra	24 - Souto Bom		3 HORAS

FIG 22 Escala territorial - Definição da Rota d'As 27 Aldeias

5.3.2 O programa

Muitas questões surgem quando nos aproximamos de um programa de reabilitação e transformação de usos: que funções ou valores merecem ser preservados? E transformar no quê? Que alterações devem ser feitas e porquê?

Conceitos de autenticidade e reversibilidade são inadvertidamente associados à reabilitação ou transformação de um edifício.

A autenticidade não está na apropriação, mas no questionamento, subversão, recombinação, revisão daquilo que existe, procurando novas formas de olhar o lugar e perceber quais os factores a manter que garantam a permanência do lugar.

Já a reversibilidade consciencializa-nos para a efemeridade do construído, que deve sempre adaptar-se às necessidades e usos futuros.

Portanto, primeiro que tudo é necessário perceber o carácter identitário e simbolismo do edifício na vila o que lhe atribui valor patrimonial. Mais do que o seu valor estético ou económico, é o valor cognitivo que lhe atribui o carácter patrimonial. O valor das memórias em que o edifício participa. São as imagens existentes que despertam imagens emergentes multiplicando os seus próprios significados e significantes [AGUIAR,2005].

Outrora, o sanatório que fora pensado enquanto *máquina de cura* excluiu a população menos favorecida. Num contexto actual, de forma a responder às necessidades actuais da vila, prevê-se um programa quase que antagónico em relação a esse passado, sendo agora o palco comunitário da vila, permitindo o acesso de todos.

Quando se passeia pela vila, ouve-se uma ou outra história melancólica dos tempos em que a estância fez de uma pequena vila um centro dinâmico onde pessoas de todos os cantos vinham e permaneciam.

Hoje a vila não é mais do que uma sombra do que fora outrora; estancou no tempo, e são agora os filhos e netos dos que lá viveram que ouvem as histórias dos mais velhos que calcorreiam estes caminhos.

Mas estes jovens não precisam de uma terra abandonada que lembra as histórias de outrora, precisam de espaços que lhes atendam às necessidades. Espaços que sirvam a vila nos dias de hoje. E é perante essa falta de espaços, culturais ou sociais que se elabora um programa que venha responder às necessidades desta população mais jovem. Um programa que face às actuais condicionantes económicas terá um carácter híbrido.

Quando falamos de hibridez programática falamos a dois níveis, falamos da multifuncionalidade e flexibilidade programática, e respectiva auto-sustentabilidade. A criação de programas flexíveis é o reflexo da consciência do carácter transitório da arquitectura.

O exercício constante da profissão do arquitecto é o de imaginar soluções no presente soluções para o futuro. O desafio constante de vencer a efemeridade inerente da arquitectura passa pela previsão de espaços que tenham uma forte flexibilidade programática, que se permitam moldar às necessidades vitais de cada tempo.

A sustentabilidade funcional da proposta assenta não só nesta flexibilidade mas também no princípio de que todos os espaços da Casa são alugados, ou que garantam a auto-suficiência económica do edifício, através de outras fontes de rendimento

PROGRAMA

Mediateca	140 m ²
Atelier infantil/ Creche	131 m ²
Salas polivalentes	270 m ²
Auditório	250 m ²
- Exposições temporárias, espaços performativos	
- Conferências/palestras	
- Salas de festas e eventos sociais	
- <i>Speed meeting</i>	
- Exibição de filmes	
Cafetaria (Café d'Artes)	93 m ²
- Zona de refeições e Bar	
- Cozinha, área de serviço e dispensa	50 m ²
- Instalações sanitárias e balneários	28 m ²
Oficina de metalurgia e carpintaria	195 m ²
Ateliers artesanais + Loja	220 m ²
- <i>Workshops</i>	
- Exibição temporária	
Incubadoras de microempresas (<i>startup</i>)	
Espaços de <i>coworking</i> / Gabinetes de <i>coworking</i>	150 m ²
Núcleo museológico do Caramulo	270 m ²
Galeria <i>in-situ</i>	95 m ²
- Exposições temporárias	
- Espaço performativo	
Estúdios de habitação temporária (≈ 1 mês)	125 m ²
- Zona de cozinhas + Lavandaria	43 m ²
- Sala de convívio	41 m ²
Área administrativa	102 m ²
- Gabinetes de Direcção	
- Tesouraria	
- Arquivo	
- Sala de reunião	
Salas de apoio	
- Espaços lounge/Foyer	95 m ²
- Recepção/Portaria	15 m ²
- Camarins	25 m ²

5.3.3 Do ler ao intervir

"O homem é porém, amplo como o universo. E nós podemos, sem atraí-lo ao presente, recolher do passado o que ele tem de eterno"

Miguel Torga⁸

Neste ponto não se pretende somente uma memória descritiva acerca do processo construtivo, mas também uma memória do processo de reflexão, resultado da investigação dos capítulos anteriores.

O trabalho realizado na pré-existência, que por si só foi desvendando e oferecendo soluções ao longo do processo de trabalho, não podia esquecer a leitura tipológica do edifício original característico de um período crucial no desenvolvimento da vila.

O estado devoluto do edifício exigia também uma certa operação de restauro que, não tendo o mesmo carácter de uma intervenção num edifício monumental ou de grande valor patrimonial, deixa assim alguma liberdade criativa no processo de concepção.

A leitura da carta de Veneza, em particular do artigo 9.º, permitiu perceber o modo como este trabalho vai ao encontro da problemática do restauro: "o restauro é uma operação que deve ter um carácter excepcional. Destina-se a conservar e a revelar os valores estéticos e históricos dos monumentos e baseia-se no respeito pelas substâncias e pelos documentos autênticos (ou seja pela antiguidade e pela autenticidade).

É com estes pressupostos que se refere a operação de restauro neste trabalho, quando este visa optimizar a ligação harmoniosa entre passado e presente, e a ligação com o próprio meio onde esta se insere.

Já a operação de transformação, conceito referido no Dicionário Americano do Património como sendo "uma alteração marcada, na aparência ou carácter, normalmente para melhor" , tem um peso muito mais significativo neste trabalho.

Para esta mudança é necessário todo um processo de reinterpretação dos valores, símbolos e significados do edifício perante o lugar e as populações que habitam o local.

Não sendo apenas um testemunho de um período histórico e da evolução das técnicas de construção, a tipologia sanatorial surge de uma necessidade social, e em particular, o sanatório Dr. Jerónimo Lacerda, é sobretudo a génese de toda uma vila.

⁸ [TORGA, 1999]

Todo este peso identitário do edifício, que ainda não está reconhecido como património, tornou a operação de transformação muito mais delicada.

Pensar que todos os edifícios estão circunscritos no tempo pode ser falacioso. Este trabalho mostra que é possível prolongar a sua vida no tempo reequacionando-os e adaptando-os no/ao tempo.

Repensar o sanatório Dr. Jerónimo Lacerda e atribuir-lhe novamente um papel activo na realidade da vila foi ponto de partida neste trabalho.

Quando falamos em arquitectura heliotrópica ou sanatorial, podemos considerar que não existe formalmente um modelo construtivo desta tipologia de edifício. Se compararmos Zonnestraal, Paimio ou mesmo Aincourt com o sanatório Dr. Jerónimo Lacerda podemos ser levados a acreditar que existe um modelo funcional e programático bastante estável, que nas formas e práticas arquitectónicas diferem muito.

André Tavares sublinha alguns princípios comuns que identificam e caracterizam este modelo de arquitectura:

- Organização complementar de funções individuais e colectivas;
- Repetição em série da célula individual de habitação;
- Forte permeabilidade interior/exterior;
- Relação directa dos espaços interiores como Sol e exigência da iluminação natural;
- Sistemas passivos de ventilação permanente;
- Adopção de materiais específicos adequados à limpeza e à manutenção da higiene;
- Um habitar que exige a gestão específica da relação do corpo com o ambiente e a natureza [TAVARES,2005].

Foi assim que se estabeleceram os primeiros pilares de trabalho neste processo, uma vez que cada lugar é único, o nível de intervenção deve ser estabelecida de forma a otimizar as suas características, potenciando e revelando o que este tem de mais próprio.

Opta-se, portanto, por um conjunto de soluções localizadas, de carácter quase cirúrgico que possam resolver o programa de forma a reconhecer, preservar e reforçar o carácter do edifício. Procurou-se uma solução de impacto mínimo, seguindo o mote "menos é mais"⁹, permitindo que todos os princípios funcionais do edifício base sejam respeitados na intervenção.

Tal como na Casa da Escrita, antiga Casa do Arco em Coimbra, onde João Mendes Ribeiro desenvolveu um intenso trabalho de restauro do edifício que coloca cirurgicamente os novos elementos, como escadas ou mobiliário que redesenham a imagem do edifício adaptando-o aos novos espaços, sem no entanto anular as qualidades do espaço original.

⁹ Adágio do arquitecto Mies van der Rohe.



FIG 23 Casa da Escrita, João Mendes Ribeiro, Coimbra



FIG 24 Casa da Escrita, João Mendes Ribeiro, Coimbra

Considerados os princípios do trabalho e o trinómio lugar- edifício -utilizador, começou-se por um trabalho de identificação e recuperação volumétrica do desenho original do edifício.

O sanatório, primeiro edifício da estância, não estava à época de construção condicionado pela necessidade de uma relação harmoniosa com a envolvente do casario que surgir mais tarde; marcou e marca a linha divisória entre serra e vila.

No entanto, por necessidade de espaço, foram-lhe adicionados volumes que não estabeleciam uma clara relação de escalas entre vila e serra.

A recuperação do edifício implicava portanto anular as ambiguidades resultantes de sucessivos acrescentos ao edifício

No processo de limpeza e subtracção do volume pretendia-se harmonizar esta passagem subtil de escala da serra para a escala da vila através do edifício.

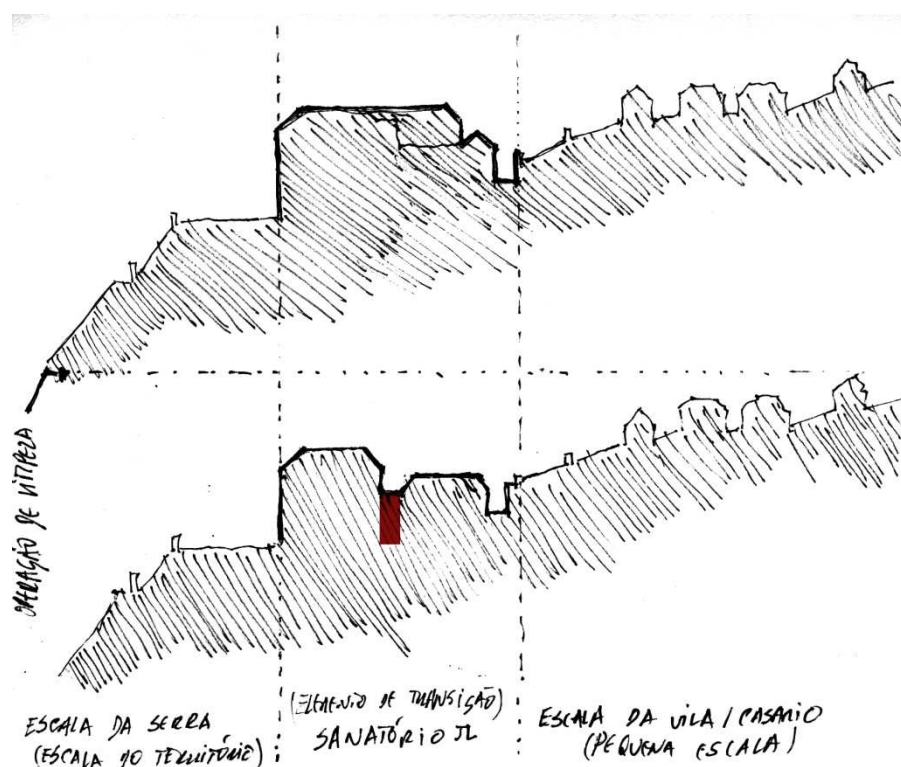


FIG 25 Estudos das relações e transições de escala

Um dos primeiros gestos projectuais, a limpeza do pátio, pretendia torná-lo no eixo distributivo exterior-interior principal. Apesar da entrada principal do edifício se situar no alçado a sudeste, o pátio será o principal espaço de transição entre os diferentes volumes.

A limpeza e requalificação deste permitiriam a passagem fluida da diferença de cotas entre o volume principal e os volumes a norte. Este funciona enquanto espaço de mediação e transição entre as duas diferentes escalas, a da vila e a da serra.

O arranjo exterior do edifício passa então pela hierarquização destes espaços e pela requalificação do passeio urbano. A génese desta hierarquização surge com a limpeza do pátio que relaciona zonas de recreio e lazer, como o é o Largo dos Cedros,

a nascente, com o parque infantil a poente ou na cota superior a Praça das Artes. Já na frente principal do edifício, em relação com a serra, requalificam-se os locais de contemplação pré-existentes como é o caso do miradouro e do terreiro que é requalificado e proposto agora como área de mercado municipal da vila.

Esta diversidade de espaços públicos pretende fazer da Casa das Artes um lugar de trocas onde a comunidade da vila e visitantes se possam reunir, fomentando e criando os laços sociais que a vila foi perdendo com o progressivo abandono finda a era pós sanatorial.

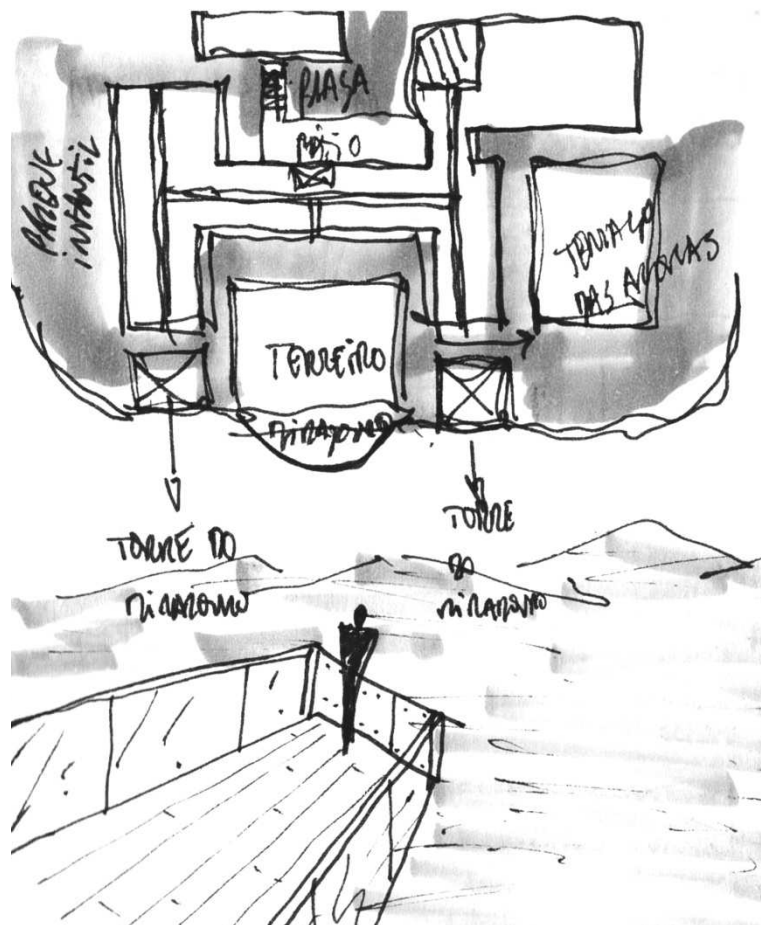


FIG 26 Estudos das relações e transições do espaço público.

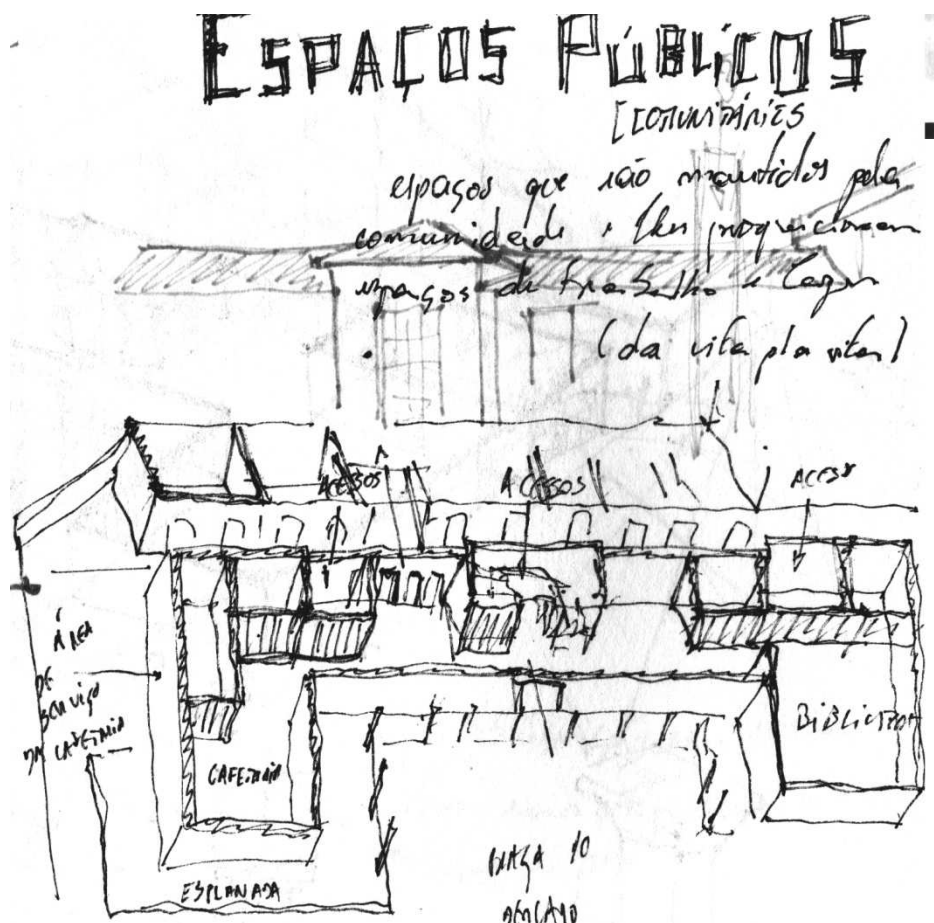


FIG 27 Estudos das relações e transições do espaço público.

Quanto à distribuição do programa, começando pela gradação pretendida entre espaço público-privado, inseriram-se os espaços de carácter mais público e destinados à comunidade no piso térreo, mantendo assim a índole primitiva destes espaços.

O hall de entrada requalificado abre agora para duas áreas de *lounge* que fazem a transição para o pátio, e consequentemente para a zona dos ateliers artesanais.

Um dos *lounges* distribui para o espaço do atelier infantil, que pode ser usado pela comunidade da vila ou pelos artistas e *co-workers*, enquanto o outro distribui para a zona da mediateca que tem permeabilidade e extensão para o Largo dos Cedros, albergando ainda a zona de recepção da Casa.

Estes *lounges* podem também ser utilizados para exibição temporária de mostras das actividades da vila.

A nível dos materiais, quando feita a inclusão de novos elementos na proposta, esta far-se-á através de estruturas metálicas leves ou painéis de vidro de forma a permitir sempre a leitura total do espaço.

Esta infra-estrutura flexível prevista para todo o sanatório, tem em consideração às palavras de Richard Rogers, que fala no perigo das intervenções de reabilitação que preservam somente a fachada e constroem por trás um edifício

totalmente desvinculado do original, essa *solução reduz um edifício interessante a uma concha histórica* [ROGERS,1997].

Com este pressuposto pretende-se simultaneamente a inclusão e adaptação às exigências do novo programa e a percepção da configuração original dos espaços e dos seus usos.

De forma a acentuar este jogo entre construção nova e existente há uma gradação ascendente no interior do edifício na relação quantitativa entre novo-existente, que acompanha a relação público-privado.

Portanto, o piso térreo sofre um trabalho de transformação espacial, enquanto o segundo e terceiro pisos sofrem um trabalho mais intensivo de restauro e limpeza espacial. O último piso sofre ambas as operações, transformação e restauro, consequência do seu avançado estado de deterioração. E por último, toda a cobertura do edifício é redesenhada, substituindo a telha de fibrocimento pela cobertura em telha de canudo, presente nos edifícios da envolvente do sanatório.

No piso térreo procedeu-se a uma limpeza no desenho formal do espaço de forma a amplificá-lo e reforçar o seu carácter público.

No segundo piso optou-se pela conservação e restauro de algumas paredes originais do edifício. A cal foi removida das antigas paredes de tabique e mantiveram-se as antigas células de habitação reconvertidas em células de *co-working*.

No entanto, a célula necessitou da transformação da parede que dá para a galeria interior de modo a respeitar a permeabilidade dos espaços de *co-working*. Assim, a antiga parede de tabique é substituída por um conjunto de painéis de vidro auto - pivotantes que permitem a extensão da célula. Esta situação replicar-se-á nas zonas de arrumos da galeria *in situ* do piso superior.

Ainda no primeiro piso, temos as duas grandes salas polivalentes do complexo, situadas nas alas do edifício.

Já na volumetria tardo surge o volume do auditório, à cota do primeiro piso do volume principal. Pré-existente, o auditório sofre uma operação de reabilitação e requalifica-se a entrada deste através da nova praça, relacionando-o à mesma cota com a zona das oficinas e cafetaria. A praça das artes, como lhe chamaremos, surge então no desenho não só como lugar de serventia destes três volumes, mas também com função de extensão dos mesmos, de forma a prolongar a relação interior-exterior.

Uma vez que, à escala da região, a vila relaciona não só os aglomerados rurais mas também os principais grandes centros urbanos, pretende-se que a Casa mais do que um acervo das memórias da vila, seja um acervo da Serra, das suas artes, dos seus costumes, das suas tradições, e que através de espaços expositivos, permanentes ou temporários, seja exibido o carácter identitário da serra, de modo a permitir ao visitante a leitura das memórias do Caramulo.

É no segundo piso que se situam as grandes áreas de exibição.

Era objectivo evitar a criação de espaços museológicos estagnados, mas antes amplificar a interacção destas zonas de mostra permanente com as mostras temporárias. Desta forma, as alas do volume em U, no segundo piso, são reservadas para a exposição do espólio permanente da Casa. Estes núcleos previstos reunirão não só o espólio da estância sanatorial mas salvaguardarão também o testemunho histórico da vila do Caramulo.

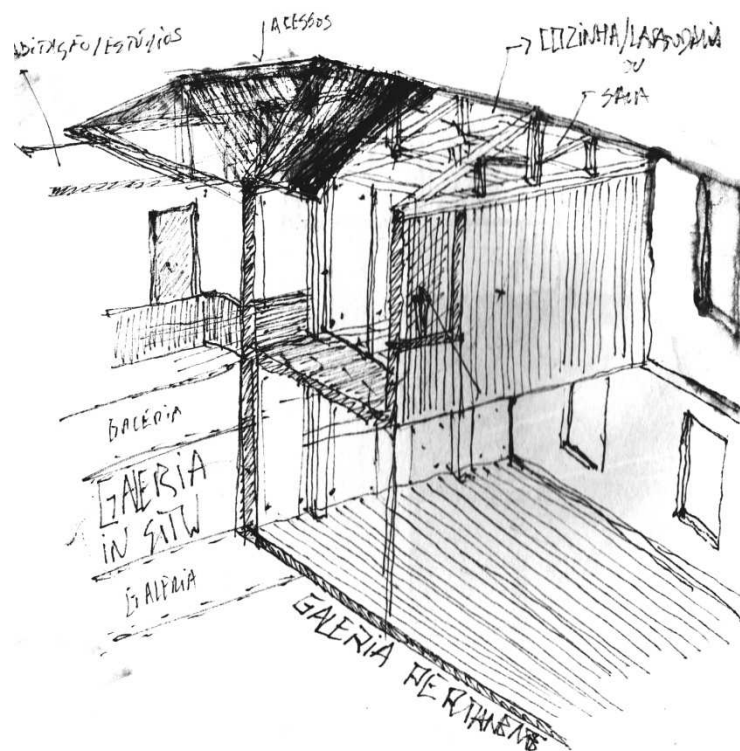


FIG 29 Estudos da relação das galerias permanente e temporária com o piso superior.

Já o corpo central do volume principal, à cota do segundo piso e em relação directa com os núcleos de mostra permanente, é destinado à exposição *in situ*.

Este conceito surgiu logo no início na concepção do programa da Casa.

Uma das questões fulcrais que se colocam ao trabalho é estabelecer um programa que cativa novos visitantes a percorrerem e permanecerem nesta vila serrana, sem se resumir apenas à dimensão de um circuito turístico. Nesse sentido, foi necessário reflectir sobre que tipo de fluxo de pessoas que se poderia adequar e rejuvenescer a este lugar.

Quando se pensou na Casa enquanto espaço relacional de mostras e trocas de conhecimento o conceito de arte *in situ* surge como uma das possibilidades de resolução no programa, porque respeita a flexibilidade e elasticidade espacial pretendidas, e pode funcionar simultaneamente como um catalisador da vitalidade do edifício.

O conceito em si não é propriamente uma novidade. Desde os anos 60 que diversos artistas começaram a explorar formas de contrariar o carácter itinerante das exposições e mostras de arte, e os consequentes custos de transportes, montagem e desmontagem.

Uma das respostas encontradas foi o na produção das obras em relação directa com o espaço de criação, que por si combina um conjunto de elementos variável de lugar para lugar. Elementos como profundidade, comprimento, peso, forma, altura, paredes são estudados agora de forma a serem tela da obra.

Esta crítica e reformulação do cânone museológico vem subverter o velho modelo em que a obra se adapta ao espaço; agora, pelo contrário, é o espaço que se adapta à obra.

Este novo modelo de espaço expositivo, muito mais interactivo, vem dinamizar estes lugares e mesmo reestruturar a relação do criador-obra-público.

Esta nova premissa deu origem a espaços como o centro cultural SESC Pompeia, projecto de reabilitação de uma antiga fábrica de Tambores, da autoria de Lina Bo Bardi, concluído em 1977. Este edifício, à semelhança do que se pretende para a Casa das Artes, incorpora a dimensão construtiva, formal e social do edifício pré-existente, e, através de um programa criado a partir das necessidades da comunidade do lugar, reinventa toda uma nova dinâmica através da extensa programática cultural que nele insere.

A sensibilidade com que Lina Bo Bardi intervém na zona dos armazéns da fábrica, seleccionando cuidadosamente os novos elementos que redesenham os novos espaços de trabalho e mostra, eleva a memória do traçado do edifício original.



FIG 30 Espaço de mostra *in situ* no SESC Pompéia, em São Paulo



FIG 31 Espaço de mostra *in situ* no SESC Pompéia, em São Paulo

Na casa, o segundo e o terceiro pisos do corpo central destinam-se à galeria *in situ* e à área de habitação temporária para que os artistas permaneçam em contacto próximo com o processo de criação.

No nível superior, o último piso, as células de habitações são reformuladas e adaptadas em módulos de habitação temporária. A célula é composta pela instalação sanitária e zona de dormir.

Esta zona de dormir foi também pensada como espaço de criação individual.

O lambril em madeira de pinho sobe aos 90 centímetros, e o resto da parede é revestida com quadros de ardósia negra.

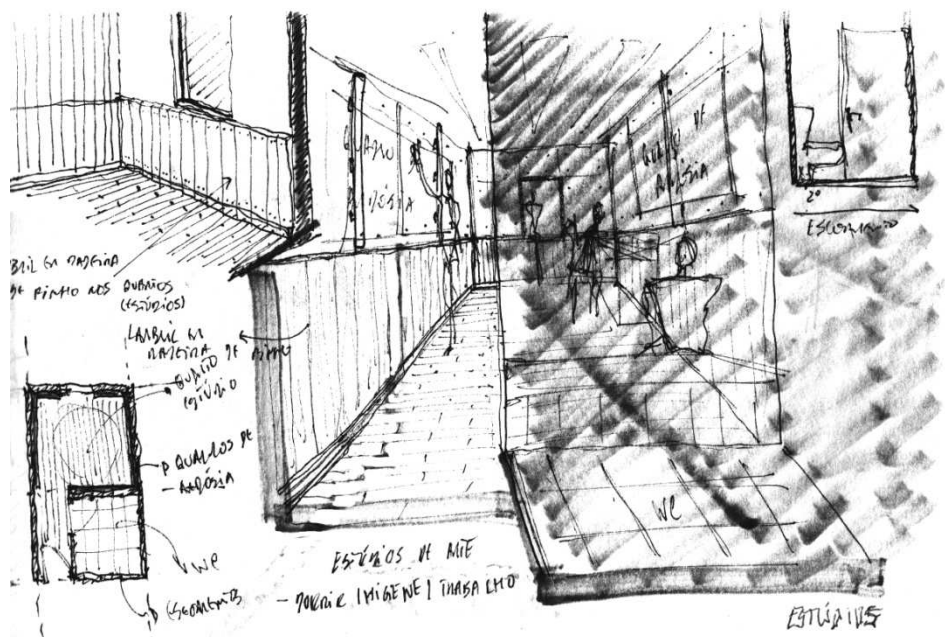


FIG 32 Estudos das materialidades no interior das células de habitação temporária

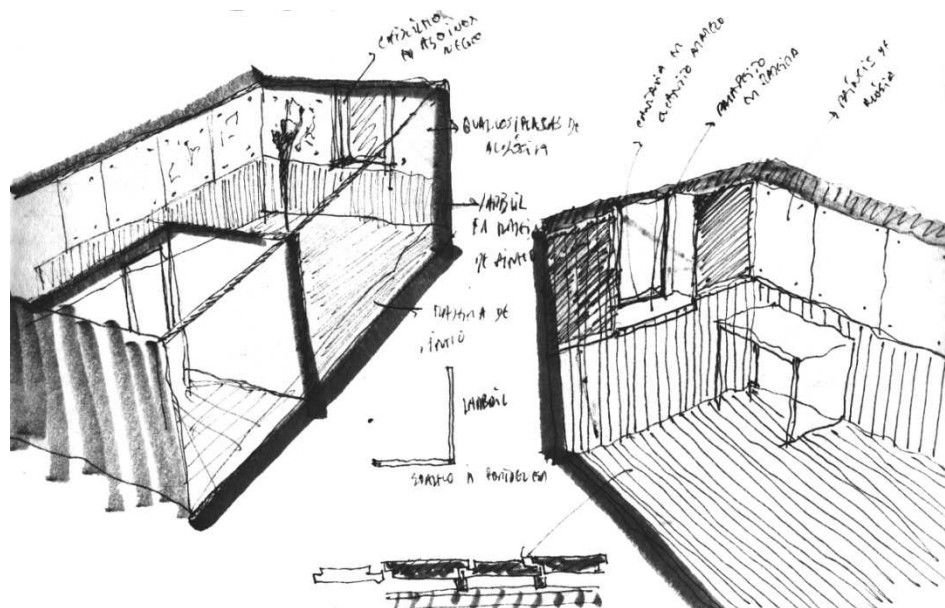


FIG 33 Estudos das materialidades no interior das células de habitação temporária

O processo operativo no trabalho de reabilitação destes dois pisos tem também uma forte vertente de trabalho de restauro. Nestes pisos a alvenaria de tijolo de burro é deixada à vista exibindo a história construtiva do edifício. É possível ler no tempo as suas diferentes fases, como se este tivesse a capacidade de se revelar e contar a sua história. Aqui o processo faz parte mais uma vez da exibição.

A nível dos materiais, em geral preserva-se em todo o edifício a mesma paleta pré-existente com vista a enaltecer a identidade do mesmo. Toda a adição é feita com o intuito de manter ou clarificar o desenho do espaço, daí o recurso às leves estruturas de vidro que pontuam a intervenção.

O uso da madeira pretende dar aos ambientes o conforto e intimidade pretendidos na Casa.

Como acontece em vários trabalhos de recuperação e reabilitação, o detalhe é reduzido ao essencial e a simplicidade dos acabamentos visa clarificar a formalidade da imagem original do edifício. Aposta-se essencialmente na recuperação das infra-estruturas interiores de forma a criar as condições necessárias aos novos usos.

Um dos exemplos de referência para as operações de recuperação da Casa foi a Casa das Caldeiras, em Coimbra recuperada pelos arquitectos Cristina Guedes e João Mendes Ribeiro. No edifício existente, através de um conjunto de operações localizadas, limpa-se e clarifica-se a sua imagem original. Operações comuns às realizadas na proposta apresentada, desde limpeza dos vãos, clarificação e enaltecimento dos materiais, reforço da estrutura existente, entre outras.



FIG 34 Casa das Caldeiras, João Mendes e Cristina Guedes, Coimbra



FIG 35 Casa das Caldeiras, João Mendes e Cristina Guedes, Coimbra



FIG 36 Casa das Caldeiras, João Mendes e Cristina Guedes, Coimbra

Um outro caso de estudo e referência neste projecto foi o trabalho de restauro do Palácio Condestable em Pamplona, da autoria do atelier Tabuenca & Leache, um projecto que procurou restaurar um palacete do século XVI. O edifício sofreu ao longo do tempo várias renovações e alterações, à semelhança da Casa, no entanto esta última intervenção visou recuperar, tanto quanto possível do carácter do palácio-mansão no seu estado original.

Sem ceder a uma estética extremamente contemporânea, a intervenção sustenta a continuidade natural entre o velho e o novo, o que é estabelecido através de finas estruturas em madeira que desenham os limites da intervenção, adequando os espaços, conscientes da efemeridade dos novos usos, flexibilizam o espaço de forma a receber outras futuras funções.

Na intervenção, a flexibilidade é entendida não como antecipação de todas as mudanças possíveis, mas antes como a aptidão para uma ampla margem de usos e interpretações. Daí o "esvaziamento" e depuração formal dos espaços tornando-os passíveis de acolher outros conteúdos e actividades espontâneas da comunidade da Casa.



FIG 37 Projecto de restauro do Palácio do Condestable, por Tabuenca & Leache, Pamplona



FIG 38 Projecto de restauro do Palácio do Condestable, por Tabuenca & Leache, Pamplona



FIG 39 Projecto de restauro do Palácio do Condestable, por Tabuenca & Leache, Pamplona

A abertura dos vãos segue a métrica pré-existente. Optar pela limpeza das caixilharias e estender os rasgos das aberturas é produto que resulta exclusivamente da necessidade de aumentar a luz natural nos espaços interiores.

No piso térreo opta-se por prolongar o vão à cota térrea de forma a diluir a separação interior-exterior e ampliar a permeabilidade na transição dos espaços públicos de recreio criados, a praça d'As Artes, o Largo dos Plátanos, a zona do Parque Infantil com o zona do miradouro pré-existente.

Deve-se ainda referir a operação de transformação da zona do auditório, que procura simplesmente adequar o espaço a questões de conforto e segurança. Equaciona-se no projecto um palco movível verticalmente, visto que por questões de conforto visual as antigas dimensões entre palco e plateia não se adaptam às exigências actuais. Posteriormente pensou-se num sistema laminar de madeira que forre todo o interior, um pouco à semelhança do auditório grande, da sala de congressos ou das salas de ensaio da Fundação Calouste Gulbenkian.



FIG 40 Sala de congressos da Fundação Calouste Gulbenkian

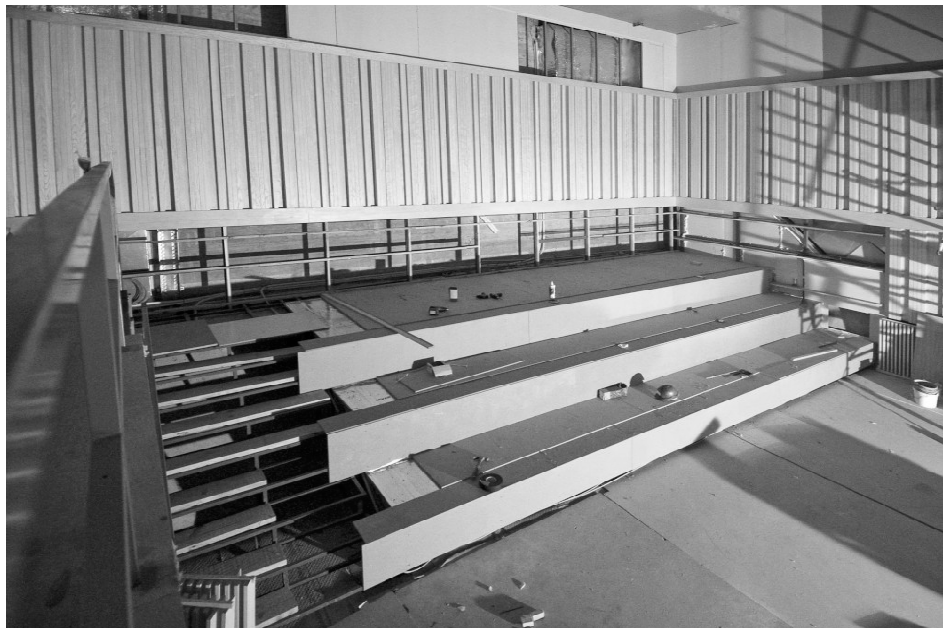


FIG 41 Sala de ensaio da orquestra da Fundação Calouste Gulbenkian



FIG 42 Sala de ensaio da orquestra da Fundação Calouste Gulbenkian

Essencialmente o conjunto de operações escolhidas na intervenção prevê a reutilização contemporânea do edifício, com a sua adaptação aos novos usos, conciliando valores patrimoniais e simbólicos com os actuais requisitos técnicos e de conforto e flexibilidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho construiu-se com a consciência de que a arquitectura e o desenho contemporâneo são essenciais na regeneração do território, em particular dos lugares esquecidos.

Em suma, pretende destacar e contestar a ideia corrente que impele a pensar que os projectos de reabilitação se confinam às áreas dos centros históricos ou ao património classificado.

Encontrar uma solução otimizada que dê resposta a todos os problemas do edifício passíveis de resolução através da arquitectura, mostrou-se uma tarefa muito mais complexa do que o esperado, dada a infinidade de possibilidades de resolução.

A investigação sobre o modelo sanatorial equacionou algumas das bases do trabalho, sendo completada pela pesquisa de casos de estudo de edifícios reabilitados que proponham os mesmos princípios operativos de intervenção.

O problema colocado implicou ainda a leitura do passado e da realidade presente da vila assim como a individualidade do sanatório, e da comunidade onde se insere.

Reconhecidas as temáticas específicas, operou-se sobre elas no trabalho teórico, que procurou enquadrar e definir a identidade do lugar, e no trabalho prático que procurou viabilizar uma das muitas soluções possíveis para a intervenção.

Contudo, num trabalho de intervenção sobre uma pré-existência, como é o caso, a leitura subjectiva do lugar condiciona toda a solução final.

Através do projecto proposto pretende-se a preservação e valorização da memória do lugar, associada à carga histórica e identitária da zona, e que, pela sua característica de espaço central, demonstre que através do redesenho do lugar é possível regenera-lo, e desta forma viabilizar a discussão para a criação de um modelo de intervenção neste território.

A operação de transformação apresentada surge como modelo-exemplo e catalisador que pode vir a ser explorado por outras operações de transformação e reabilitação no restante edificado devoluto da vila, ou mesmo em outros territórios.

Com o trabalho de interpretação e compreensão sobre uma pré-existência, como o Sanatório Dr. Jerónimo Lacerda, aprendi a pensar na arquitectura como um processo inacabado, talhado no tempo, propenso a novos significados e valores. A arquitectura deve promover novas formas de "viver" o espaço construído, adaptando-o às novas exigências transpondo o passado para o futuro.

Solucionar o desafio de devolver vida a este lugar é fruto não só das ferramentas do meu tempo, mas do meu imaginário, das minhas vivências, acabando

por ser no final um resultado subjectivo que pretende simplesmente oferecer uma nova visão deste lugar que seja passível de reinterpretação.

7 FONTES DOCUMENTAIS

ENQUADRAR

[x] AVELAS NUNES, José Carlos., *O (s) berço (s) da arquitectura branca em Portugal: O surgimento dos primeiros Sanatórios de Tuberculose*, In: http://www4.fe.uc.pt/aphes31/papers/sessao_3b/jc_avelas_nunes_paper.pdf

[x] FERNANDES, José Manuel Fernandes, *Português Suave, Arquitecturas do Estado Novo*, IPPAR, Lisboa, 2003

[x] MANN, Thomas, *A montanha mágica*, Livros do Brasil, Lisboa, 1970

[x] TAVARES, André, *Arquitectura Antituberculose, Trocas e Tráficos na construção terapêutica entre Portugal e Suíça*, FAUP Publicações, 1ª edição, 2005

[x] VELOSO, António José de Barros, *Caramulo, Ascensão e queda de uma estância de tuberculosos*, Bythebook, Lisboa, 2009.

LER

[x] PEREIRA, Paulo, *Lugares mágicos de Portugal: montes sagrados, altos lugares e santuários*, Temas e Debates, Lisboa, 2010

[x] SALGUEIRO, Teresa. *A cidade em Portugal: uma geografia urbana*, Edições Afrontamento, 2ª Edição, Porto, 1999

[x] SARAMAGO, José. *Viagem a Portugal*, 13.ª ed Caminho, Lisboa, 1980

[x] TORGA, Miguel, *Diário*, Publicações Dom Quixote, 1999

- [x] *As idades da construção, Técnicas de construção tradicional e sua aplicação à arquitectura contemporânea*, IEPF, Lisboa, 2010

- [x] AGUIAR, José, *Cor e cidade histórica: estudos cromáticos e conservação do património*, 2ª Edição, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto, 2005

- [x] ALMEIDA, Leopoldo, *Núcleos - centros em meio rural dispersos*, In: *Arquitectura: revista de arte e construção*. - Nº 80 (Dez. 1963), pp. 28-30

- [x] APPLETON, João. *Reabilitação de edifícios antigos patologias e tecnologias de intervenção*, Edições Orion, Amadora, 2003

- [x] BARDET, Gaston, *As aldeias-centros, pontos de apoio da estrutura rural renovada*, In: *Binário: arquitectura, construção, equipamento*. - Nº 28, 1961, pp.14-24

- [x] COSTA, Alexandre Alves Costa, *Lugares praticados versus lugares de memória*, In: *Revista Património* Nº1, Lisboa, 2013, pp.- 8-15

- [x] CHOAY, Françoise, *L'allégorie du patrimoine*, Seul, Paris, 1992

- [x] DUARTE, Ana, *Educação Patrimonial*, Texto Editora, 2ª edição, Porto, 1994

- [x] FERNANDES, Fátima, and Michele Cannata, *Construir no tempo Building upon time: Souto de Moura, Rafael Moneo, Giorgio Grassi*, Estar-editora, Lisboa, 1999

- [x] FERNANDES, Fátima, *Territórios reabilitados = Revamped landscape*. 1ª Ed., Caleidoscópio, Casal de Cambra, 2009

- [x] FERREIRA, Teresa, *'Less is more' and 'Continue creating': reflections on communication, sustainability and design in historical sites*. em KEALY, Loughlin, *Conservation / transformation*, EAAE, Leuven, Bélgica, 2011

- [x] KEALY, Loughlin, *Conservation / Transformation*, EAAE, Leuven, Bélgica, 2011

- [x] LOWENTHAL, David, *The past is a foreign country*, Cambridge University Press, Cambridge, 1985

[x] LOZANO, Eduardo E., *Community design and the culture of cities: the crossroad and the wall*. Cambridge University Press, Cambridge, 1990

[x] MORRIS, William. *The decorative arts, their relation to modern life and progress; an address delivered before the Trades' Guild of Learning*. Ellis and White, London, 1878

[x] PORTAS, Nuno, *Conservar renovando ou recuperar revitalizando*, Imprensa de Coimbra, limitada, Coimbra, 1983

OUTROS

[x] AUGÉ, Marc. *Oblivion*, University of Minnesota Press, Minneapolis: 2004

[x] BOTTON, Alain. *The architecture of happiness*, Pantheon Books, New York, 2006

[x] BROLIN, B., *The failure of Modern Architecture*, Van Nostrand Reinhold Company, Nova Iorque, 1976

[x] CALVINO, Italo, *As Cidades Invisíveis*, Editorial Teorema, Lisboa, 2008

[x] HERTZBERGER, Herman, *Lessons for students in architecture*, Uitgeverij 010 Publishers, Rotterdam, 1991

[x] LYNCH, Kevin, *A imagem da cidade*, Edições 70, Lisboa, 1982

[x] ROGERS, Richard, *Cities for a small planet*, Faber and Faber Limited, Londres, 1997

[x] SIZA, Alvaro, Dominique Machabert, *Alvaro Siza: une question de mesure*, Éditions Le Moniteur, Paris, 2008

[x] SIZA, Álvaro, *Imaginar a evidência*, Ed. 70, Lisboa, 2000

[x] TÁVORA, Fernando, *Da organização do espaço*, 4ª Edição, FAUP, Porto, 1999

Documentos electrónicos

[x] MUNICIPIO DE TONDELA| <http://www.cm-tondela.pt/>

[x] ICOMOS| *The International Charter for the Conservation and Restauration of Monuments and Sites - Charte Internationale sur la Conservation et la Restauration des Monuments et Sites - Carta Internacional sobre la Conservación y la Restauración de los Monumentos y los sitios*, Veneza, 1964 in http://www.icomos.org/charters/venice_e.pdf

[x] SIPA| <http://www.monumentos.pt/>

Fontes Manuscritas

[x] DEPARTAMENTO DE CARTOGRAFIA DA FACULDADE DE ARQUITECTURA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

Cartas militares da zona delimitada da Serra do Caramulo

[x] ESPÓLIO DA FAMÍLIA LACERDA

Plantas originais do projecto de Alberto Cruz para reconversão do Sanatório Dr. Jerónimo Lacerda, cedidas do espólio da família Lacerda

[x] DEPARTAMENTO DE CARTOGRAFIA DA CAMARA MUNICIPAL DE TONDELA

Cartografia vectorial do Concelho de Tondela

Filmografia

[x] HAS, Wojciech J., *Sanatorium pod klepsydra (The Hourglass Sanatorium)*, 1973, disponível em www.youtube.com/watch?v=ZDgBBCI6aEw, visionado em 20 de Dezembro de 2013

[x] LERNER, Jaime, *A song of the city*, 2008, disponível em www.ted.com/talks/jaime_lerner_sings_of_the_city.html, visionado em 18 de Novembro de 2013

[x] NEVES, Hugo Dinis, *Aldeia dos Tísicos*, 2013, - trailer disponível em <http://aldeiadosisticos.pt/>, visionado no auditório do Grande Sanatório no dia 12 de Outubro de 2013

[x] SCHAUB, Christoph e Marcel Meili, *Il Girasole, una casa vicino a Verona*, 1935, disponível em <http://www.flixy.com/villa-girasole-1935-revolving-house.htm>, visionado em 14 de Outubro de 2013

ANEXO I

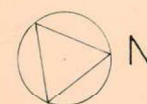
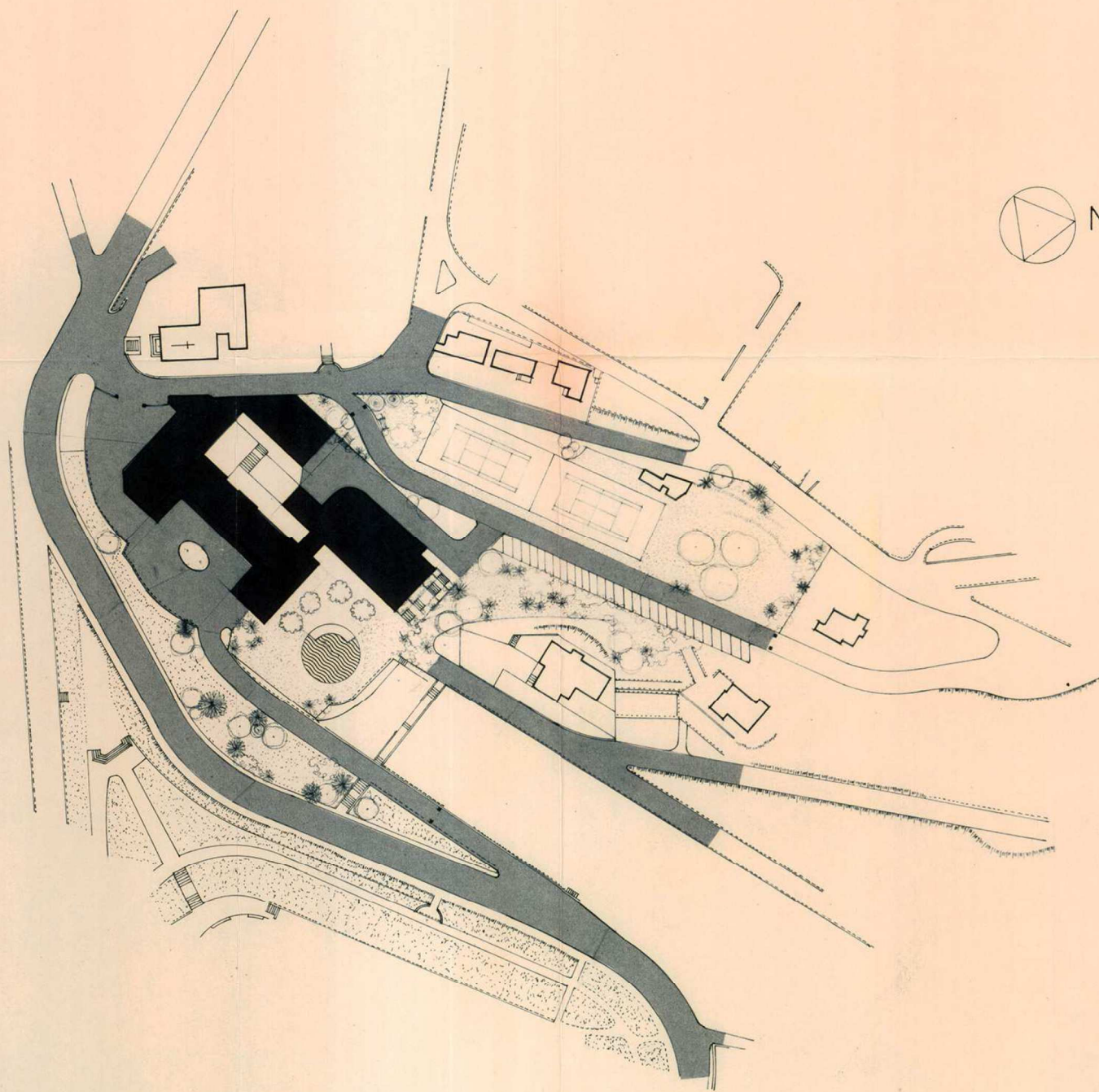
LIVRO I - A ROTA D'AS 27 ALDEIAS

Formato digital a consultar em:

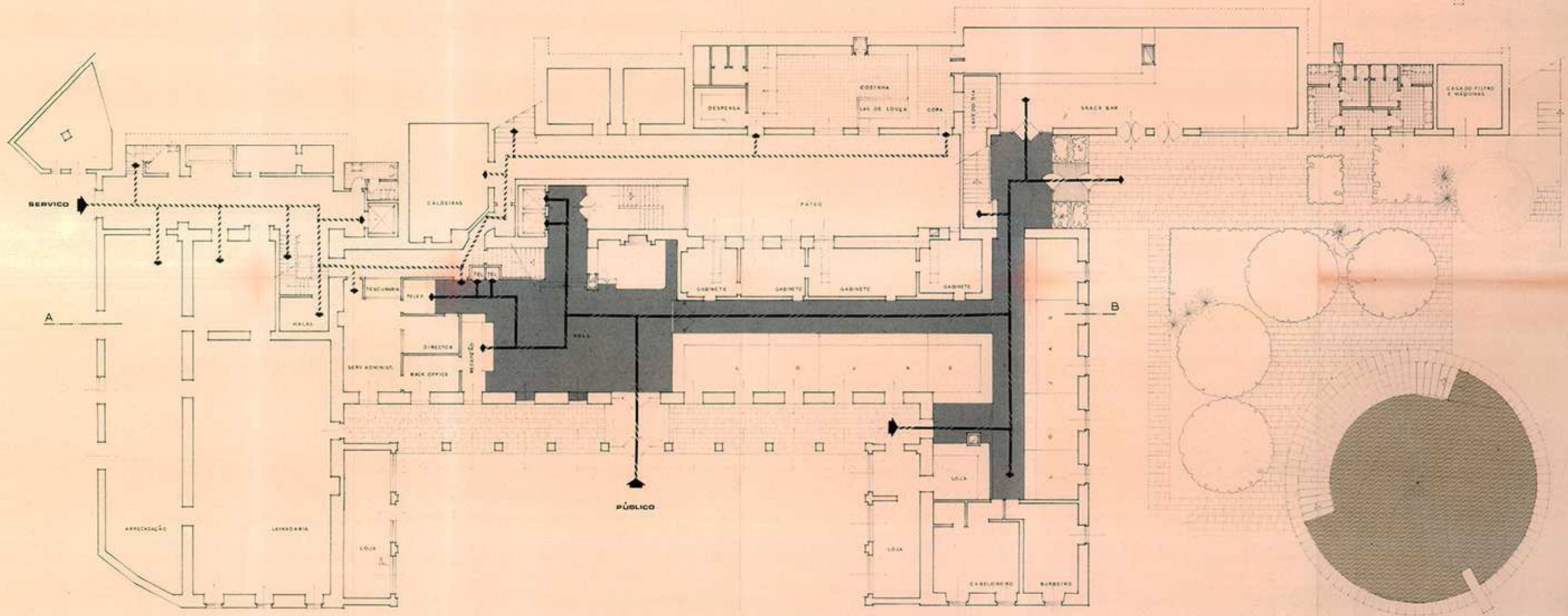
- http://issuu.com/catarinacoimbra/docs/livro__a_rota_das_27_aldeias

**DESENHOS DO PROJECTO DE AMPLIAÇÃO E ADAPTAÇÃO DO SANATÓRIO DR.
JERÓNIMO LACERDA EM HOTEL DO CARAMULO**

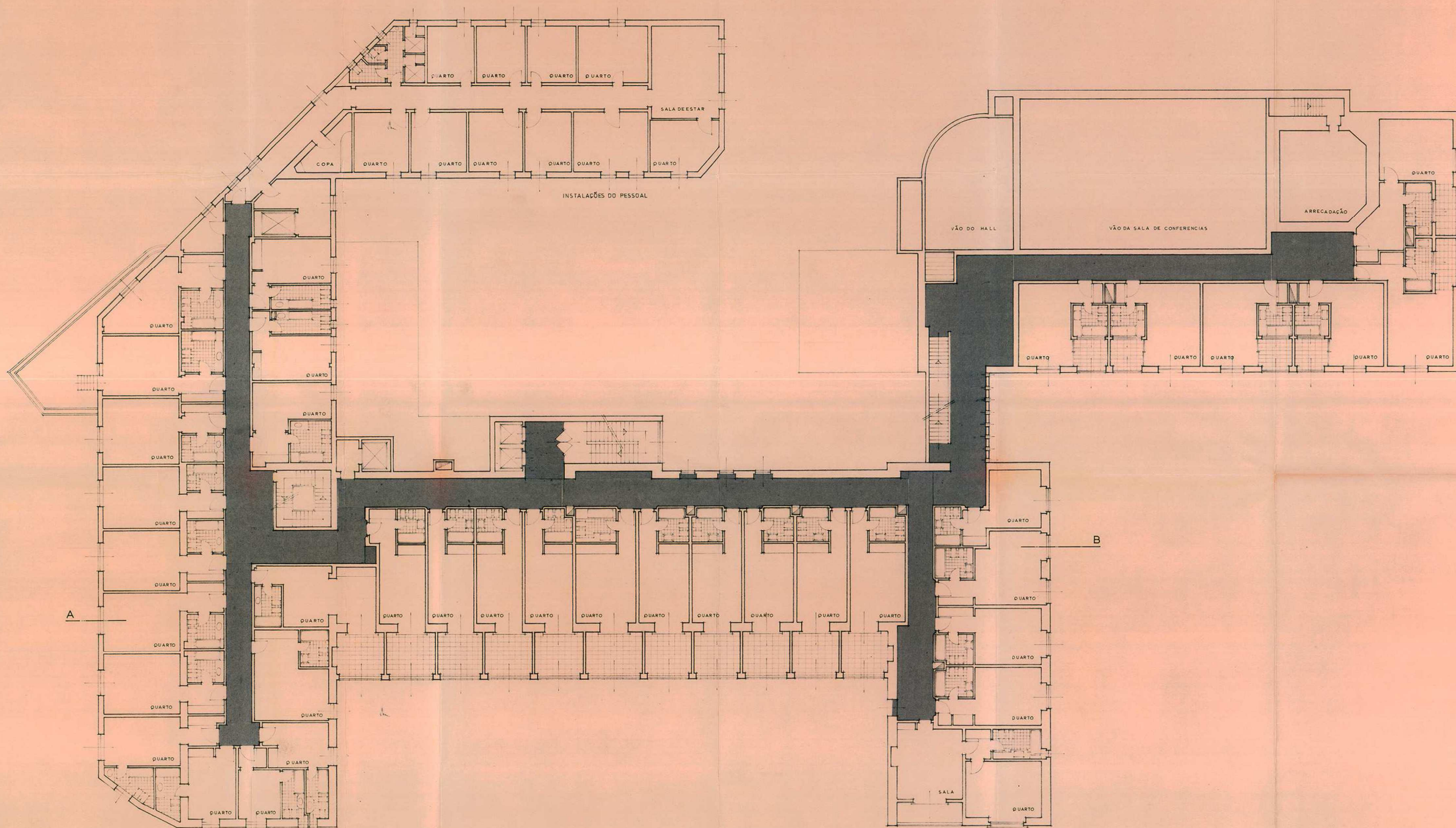
PROJECTO ARQ. ALBERTO CRUZ



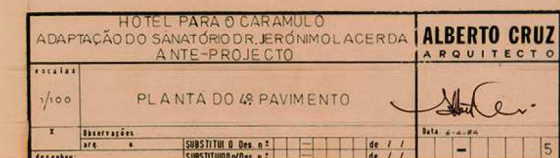
HOTEL PARA O CARAMULO		ALBERTO CRUZ	
ADAPTAÇÃO DO SANATÓRIO DR. JERÓNIMO LACERDA		ARQUITECTO	
ANTE-PROJECTO			
escala	PLANTA DE LOCALIZAÇÃO		<i>Alberto Cruz</i>
1/1000			
x	Observações	Substituído Des. n.º	Data: A-A-PP
desenhado	arq. o.	Substituído p. Des. n.º	de / /
			1

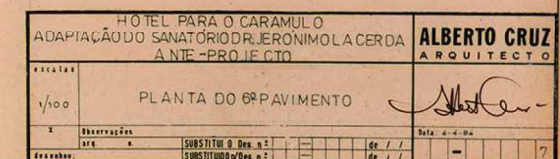


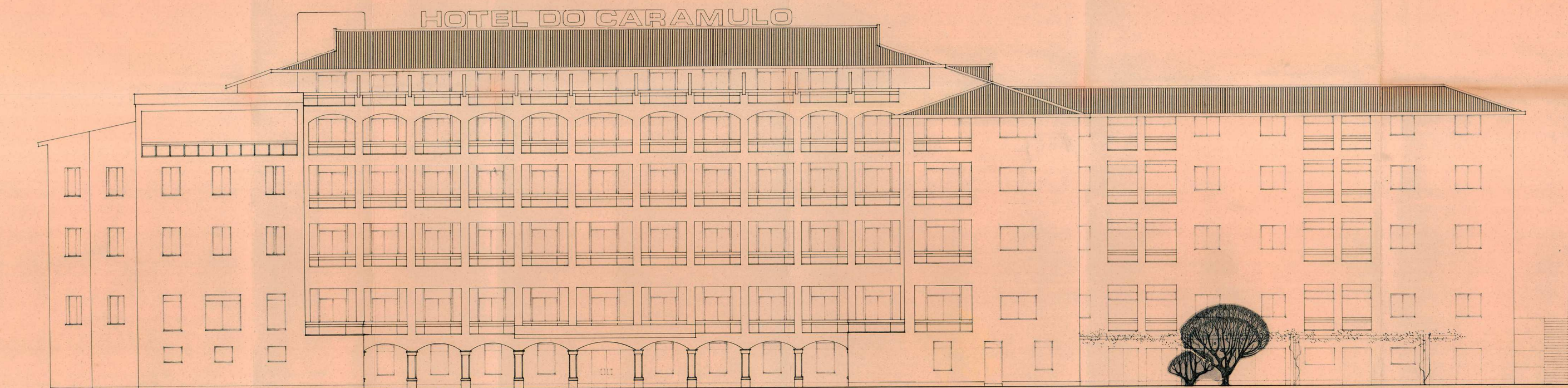
HOTEL PARA O CARAMULO		ALBERTO CRUZ	
ADAPTAÇÃO DO SANATÓRIO DE JERONIMOLACERDA		ARQUITECTO	
ANTI-PROJECTO		2	
PROJETO	PLANTA DO 1º PAVIMENTO	2	
ESCALA	1:500	2	
FECHA	1957/11/11	2	
LOCAL	PORTUGAL	2	

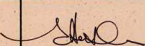


HOTEL PARA O CARAMULO		ADAPTAÇÃO DO SANATÓRIO DR. JERÓNIMO LACERDA		ANTE-PROJECTO		ALBERTO CRUZ	
ARQUITECTO							
Escala		1/100		PLANTA DO 3º PAVIMENTO		Data 6-4-50	
Observações		Substituição do Des. n.º 1		de / /		de / /	
Desenhado		Substituído por Des. n.º 1		de / /		de / /	

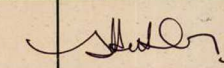


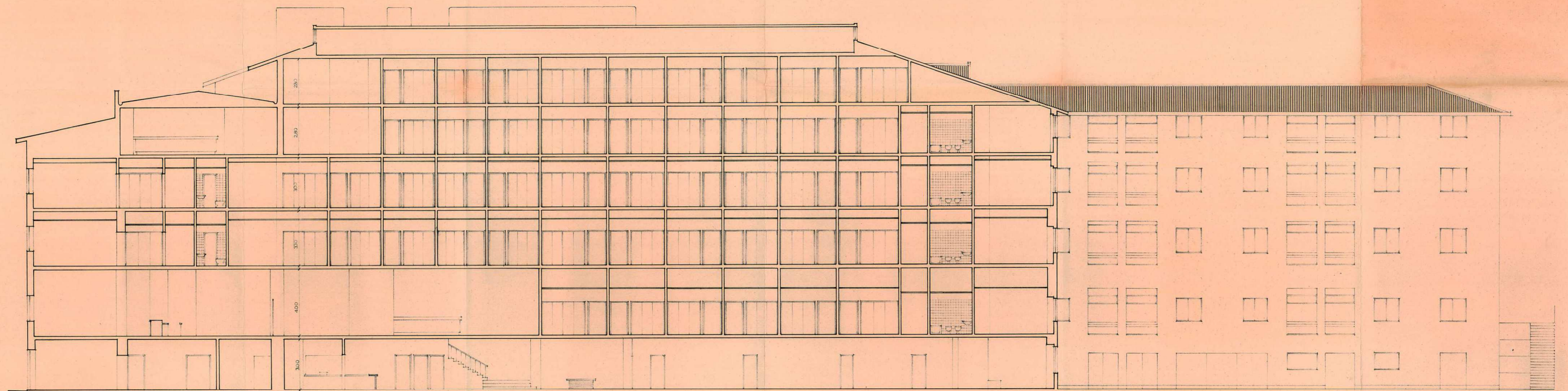


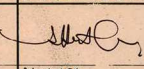


HOTEL PARA O CARAMULO				ALBERTO CRUZ	
ADAPTAÇÃO DO SANATÓRIO DR. JERÓNIMO LACERDA				ARQUITECTO	
ANTE-PROJECTO					
escala	ALÇADO PRINCIPAL				
1/100					
X	Observações		Data: 0-0-00		
1/100	Substitui o Des. n.º			de / /	
Revisões:	Substitui o Des. n.º			de / /	



HÓTEL PARA O CARAMULO ADAPTAÇÃO DO SANATÓRIO DR. JERÓNIMO LACE RDA ANTE-PROJECTO									
ALBERTO CRUZ									
ARQUITECTO									
escala:	ALÇADO LATERAL DIREITO								
1/100									
X	Observações	Data: 6-4-84							
desenho:	arq.	SUBSTITUI O Des. n.º			de / /				
		SUBSTITUIDO p/Des. n.º			de / /				10



HOTEL PARA O CARAMULO ADAPTAÇÃO DO SANATÓRIO DR. JERÓNIMO LACERDA ANTE-PROJECTO												ALBERTO CRUZ ARQUITECTO	
escala	CORTE LONGITUDINAL POR A-B												
1/100													
Observações		Data: 6-6-94											
desenho		SUBSTITUIÇÃO		de		de		de		de			
		SUBSTITUIÇÃO		de		de		de		de			
										11			

RECOLHA FOTOGRÁFICA DO SANATÓRIO DR.JERÓNIMO LACERDA



Imagem 1 Sanatório Dr. Jerónimo Lacerda, em 1922 ainda conhecido por Grande Hotel.



Imagem 2 Vista sobre o Grande Hotel aquando do início dos arranjos urbanos para o Parque do Caramulo.



Imagem 3 Fase de adição da galeria a poente do Grande Hotel



Imagem 4 Alçado Nordeste e Norte do Grande Hotel.



CARAMULO — Grande Hotel Sanatorio

Imagem 5 Primeira fase de alteração do edifício - conclusão da construção da galeria a poente e ampliação do terceiro piso do edifício.



Imagem 6 Vista sobre as galerias originais do edifício.



Imagem 7 Primeira fase de alteração e ampliação do Grande Hotel, que passa agora a chamar-se Grande Sanatório do Caramulo.



Imagem 8 Primeira fase de expansão do Grande Sanatório concluída, em 1946



Imagem 9 Primeira fase de expansão do Grande Sanatório concluída, em 1946, visto a sul.



Imagem 10 Primeira fase de expansão do Grande Sanatório concluída, em 1946, visto a norte.



Imagem 11 Alteração das galerias aquando da primeira fase de expansão do Grande Sanatório concluída, em 1946.



Imagem 12 Sanatório Dr. Jerónimo Lacerda visto da Rua de Sabugosa (estado actual).



Imagem 13 Sanatório Dr. Jerónimo Lacerda visto a sul (estado actual).



Imagem 14 Sanatório Dr. Jerónimo Lacerda visto a norte (estado actual).



Imagem 15 Vista sobre as galerias exteriores do Sanatório Dr. Jerónimo Lacerda (estado actual).



Imagem 16 Vista sobre a galeria exterior do segundo piso e relação com a Serra (estado actual).



Imagem 17 Vista do alçado poente, alterado pelo projecto de 1984 de Alberto Cruz, para reconversão do sanatório em hotel (estado actual).



Imagem 18 Vista sobre o alçado Nascente do edifício, após múltiplas expansões e adições de volume (estado actual).



Imagem 19 Pormenor do alçado nascente do edifício



Pormenor do volume adicionado a tardoz do edifício principal



Imagem 20 Vista sobre o volume adicionado a tardoz do edifício original, de modo a ampliar o número de quartos (estado actual).



Imagem 21 Vista do alçado tardo, zona do pátio e auditório (estado actual).



Imagem 22 Vista do alçado tardo, volume adicionado na primeira expansão do edifício para adição de quartos e zona de arrumos



Imagem 23 Vista do alçado tardoz, volume adicionado na primeira expansão do edifício para adição de quartos e zona de arrumos

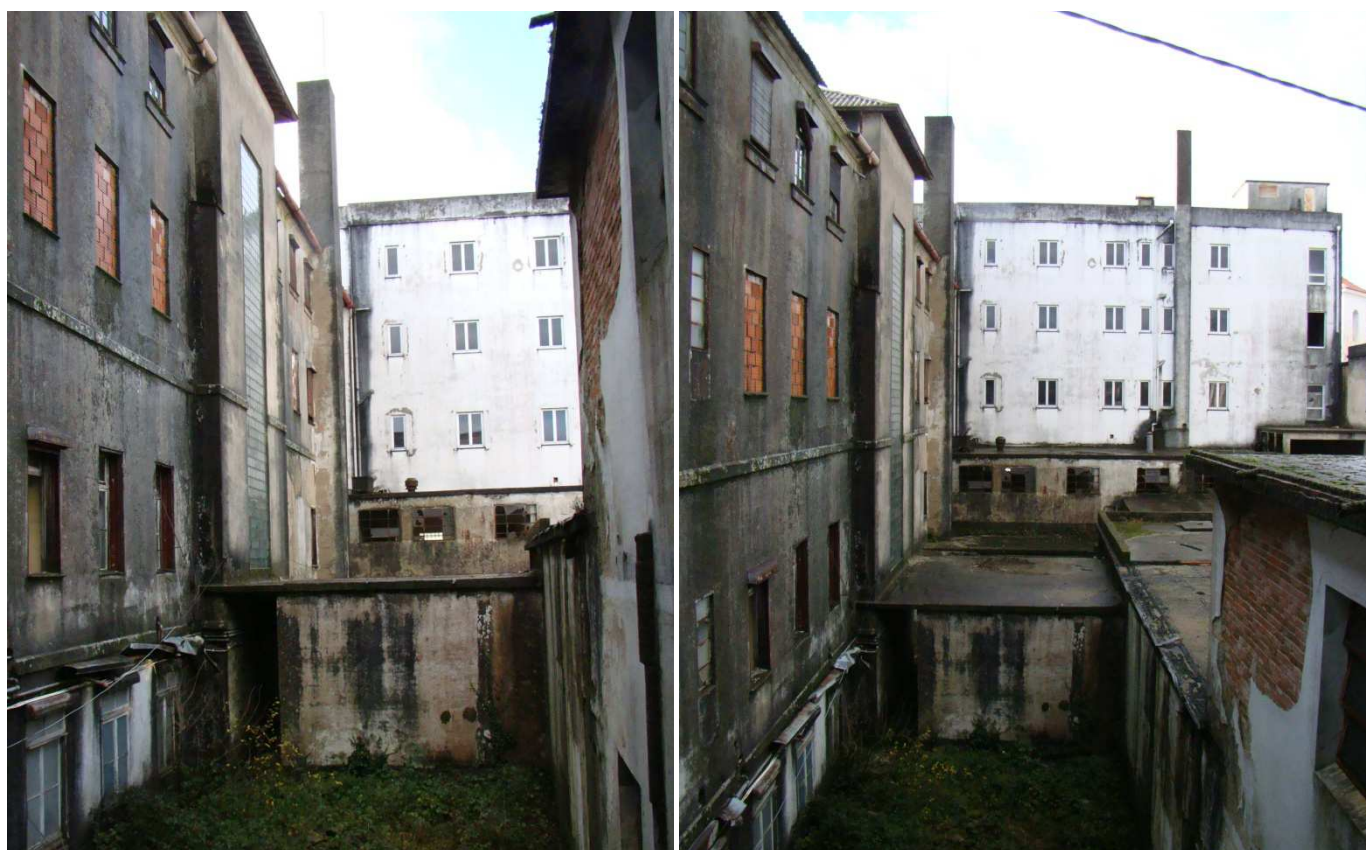


Imagem 24 Vista sobre o pátio, a tardoz do edifício principal (estado actual).



Imagem 25 Vista sobre o pátio a tardoz do edifício principal (estado actual).



Imagem 26 Vista sobre a galeria e entrada principal do edifício (estado actual).



Imagem 27 Vista interior da zona da entrada principal do edifício (estado actual).

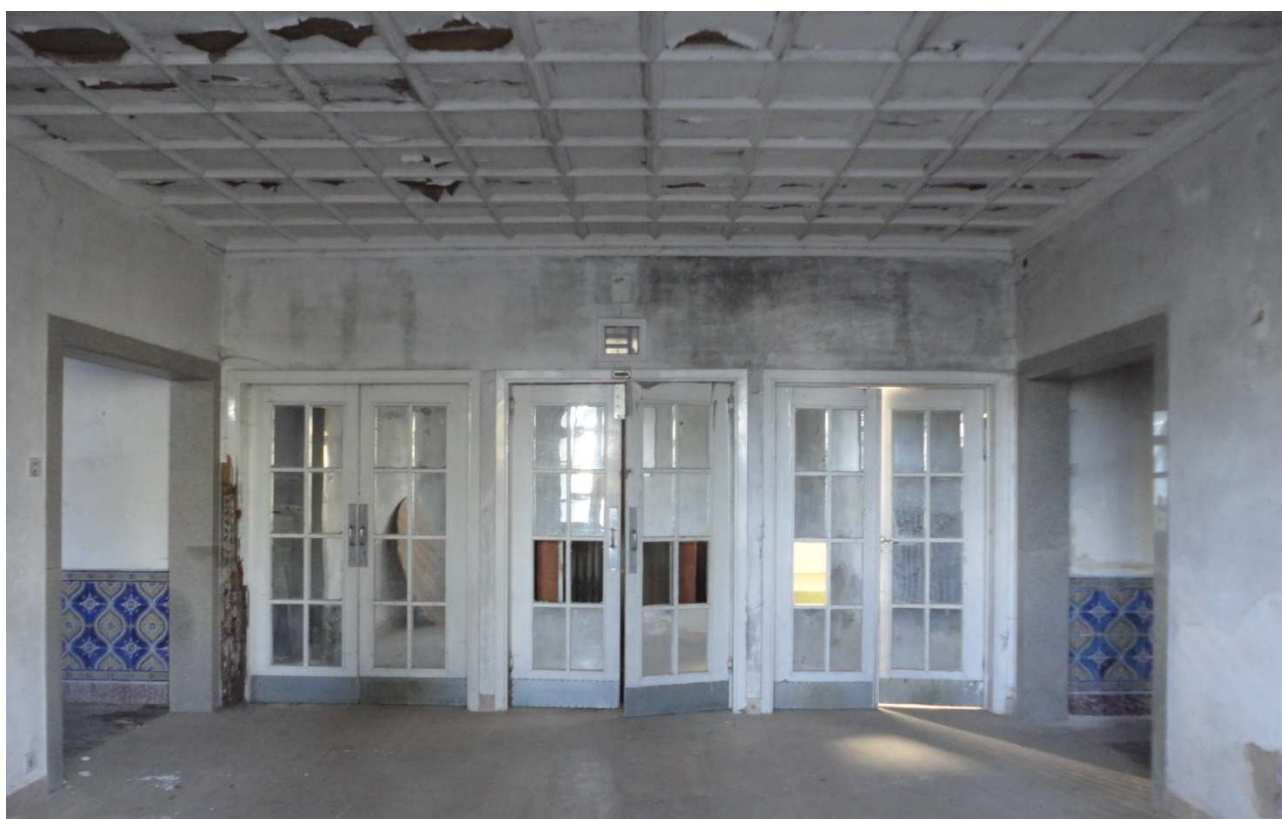


Imagem 28 Vista interior do hall de entrada (estado actual).

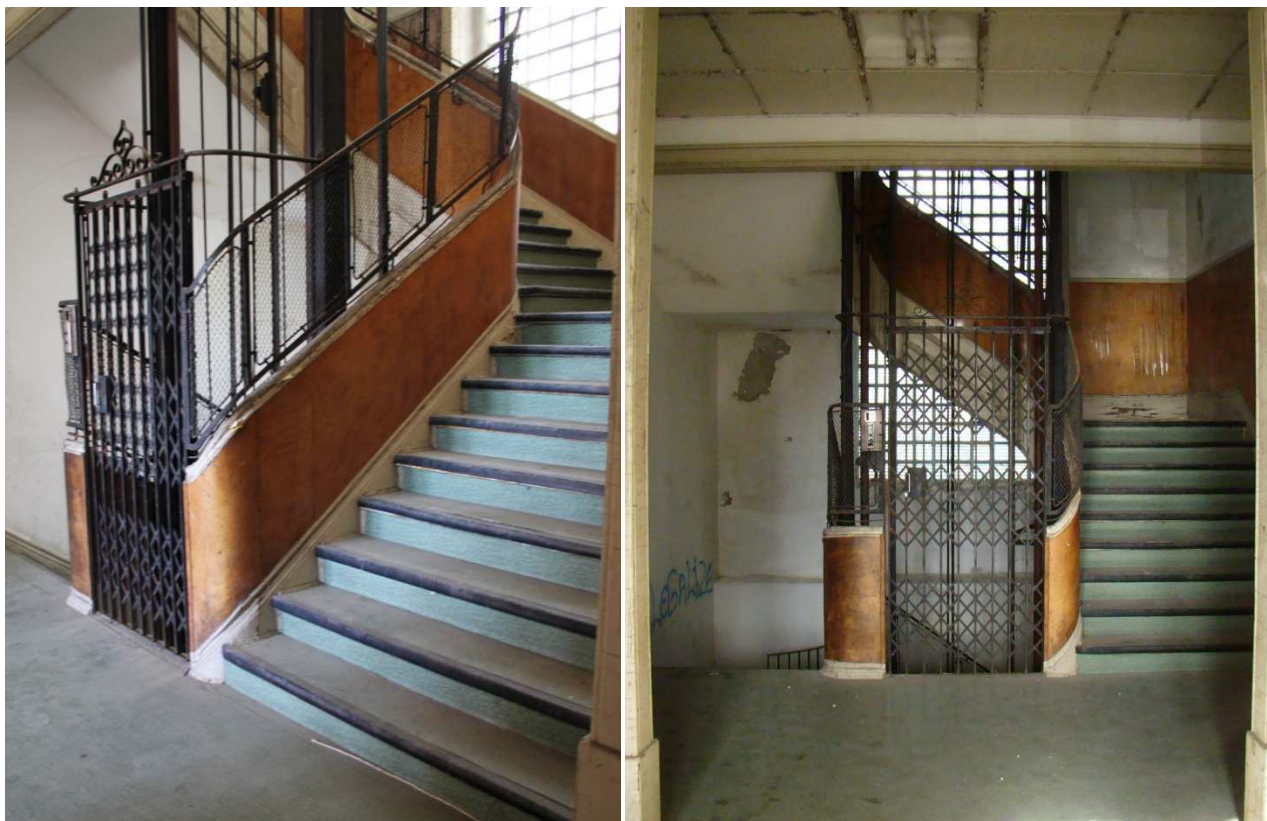


Imagem 29 Vista interior do elevador (estado actual).



Imagem 30 Vista da escadaria exterior de acesso ao pátio (estado actual).



Imagem 31 Vista interior da antiga sala de jantar no primeiro piso, após as alterações feitas na ala poente (estado actual).



Imagem 32 Vista interior da antiga sala de jantar no primeiro piso, após as alterações feitas na ala poente (estado actual).



Imagem 33 Vista sobre a galeria do segundo piso (estado actual).



Imagem 34 Vista interior do auditório (estado actual).



Imagem 35 Vista interior do auditório (estado actual).



Imagem 36 Vista interior do segundo piso (estado actual).



Imagem 37 Vista interior da alvenaria de tijolo de burro no segundo piso (estado actual)



Imagem 38 Vista interior do segundo piso (estado actual).



Imagem 39 Vista interior do terceiro piso (estado actual).

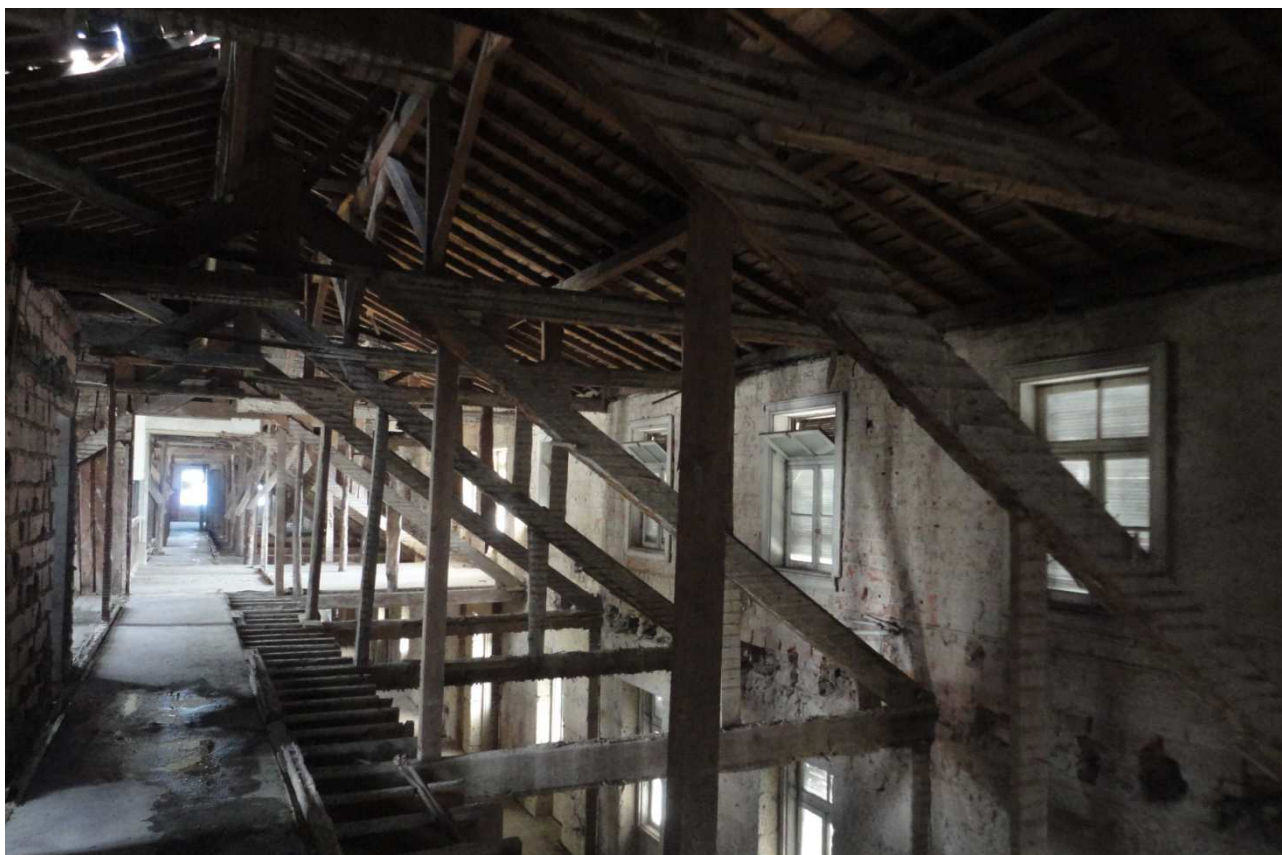


Imagem 40 Vista interior do terceiro piso (estado actual).



Imagem 41 Vista interior do terceiro piso (estado actual).

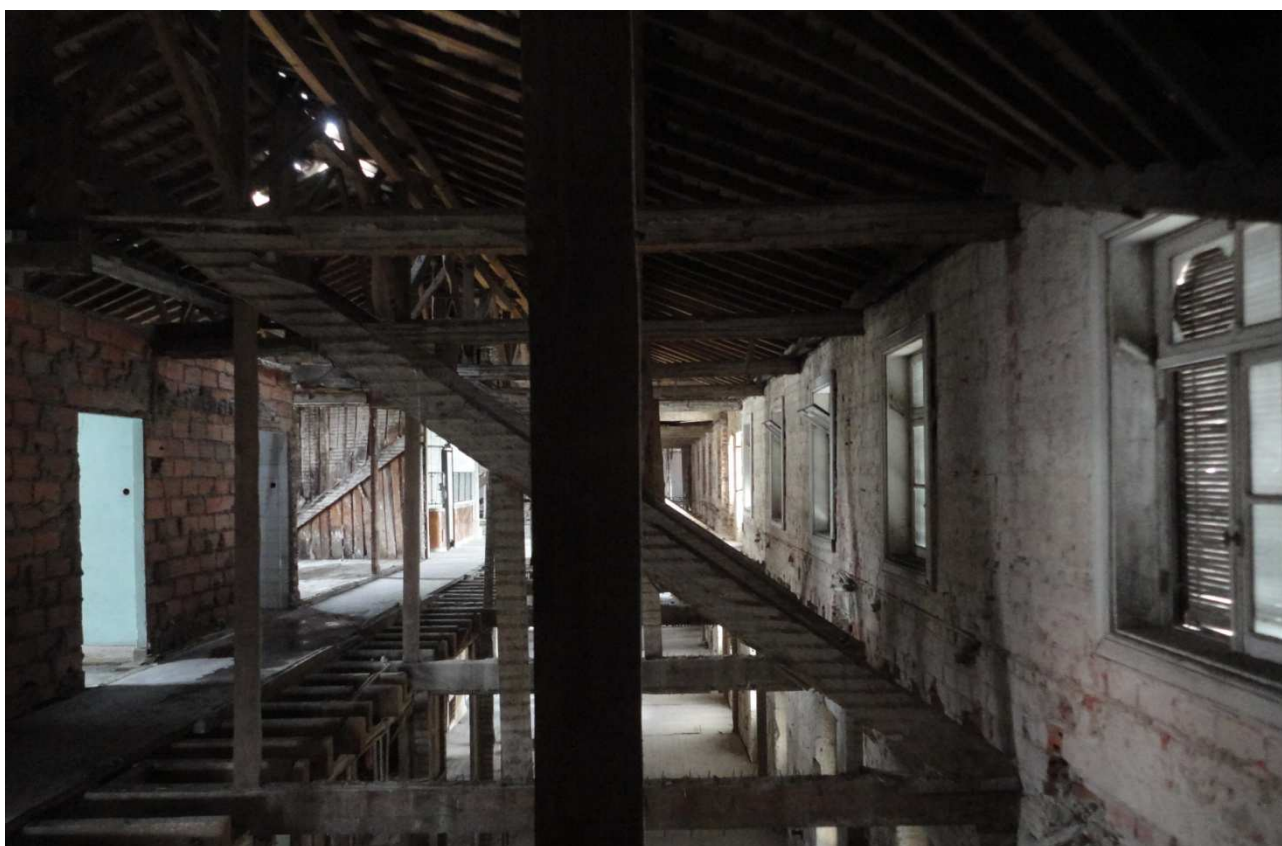


Imagem 42 Vista interior do terceiro piso (estado actual).



Imagem 43 Vista interior do terceiro piso, parede de tabique (estado actual).

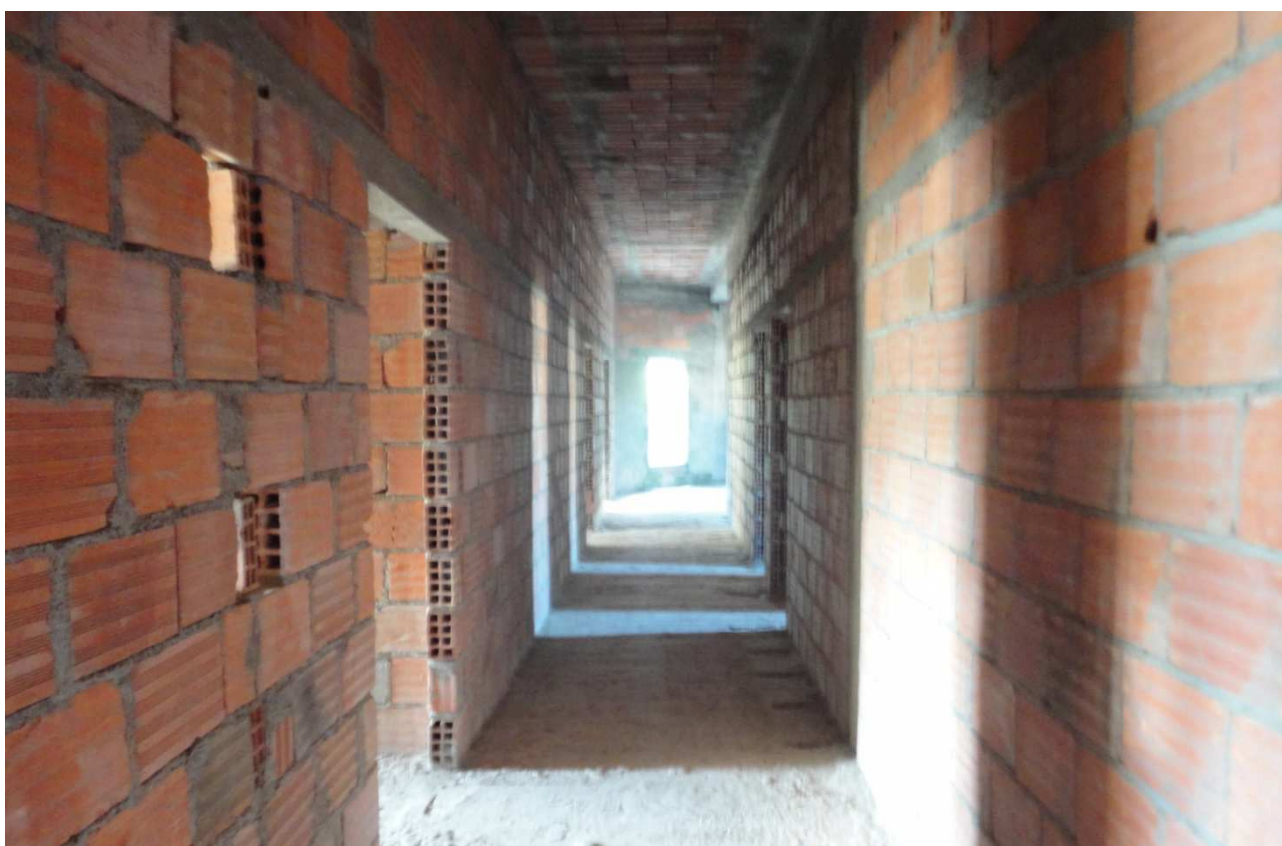


Imagem 44 Vista interior do terceiro piso na ala poente após as alterações de 1984 (estado actual).



Imagem 45 Vista interior do terceiro piso , caixa de acessos (estado actual).



Imagem 46 Vista interior do terceiro piso (estado actual).



Imagem 47 Vista interior do terceiro piso (estado actual).



Imagem 48 Vista interior do sistema de coberturas (estado actual).



Imagem 49 Vista sobre o Vale de Besteiros a partir da galeria do terceiro piso.



Imagem 50 Vista sobre o Parque do Caramulo, a partir da galeria do terceiro piso



Imagem 51 Vista sobre a Serra a partir do segundo piso, na ala poente.



Imagem 52 Vista sobre o mar de nuvens que cobre o Vale de Besteiros, a partir da galeria do terceiro piso.



Imagem 53 Vista a partir do Vale sobre a Vila do Caramulo.

ÍNDICE DE IMAGENS

Fotografias retiradas da Doação de José Castanheira da Silveira do fundo municipal da Biblioteca de Tomás Ribeiro de Tondela

Imagem 1	Sanatório Dr. Jerónimo Lacerda, em 1922 ainda conhecido por Grande Hotel.	3
Imagem 2	Vista sobre o Grande Hotel aquando do início dos arranjos urbanos para o Parque do Caramulo.	3
Imagem 3	Fase de adição da galeria a poente do Grande Hotel.....	4
Imagem 4	Alçado Nordeste e Norte do Grande Hotel.	4
Imagem 5	Primeira fase de alteração do edifício - conclusão da construção da galeria a poente e ampliação do terceiro piso do edifício.	5
Imagem 6	Vista sobre as galerias originais do edifício.	5
Imagem 7	Primeira fase de alteração e ampliação do Grande Hotel, que passa agora a chamar-se Grande Sanatório do Caramulo.	6
Imagem 8	Primeira fase de expansão do Grande Sanatório concluída, em 1946.....	6
Imagem 9	Primeira fase de expansão do Grande Sanatório concluída, em 1946, visto a sul.....	7
Imagem 10	Primeira fase de expansão do Grande Sanatório concluída, em 1946, visto a norte.....	7
Imagem 11	Alteração das galerias aquando da primeira fase de expansão do Grande Sanatório concluída, em 1946.	8

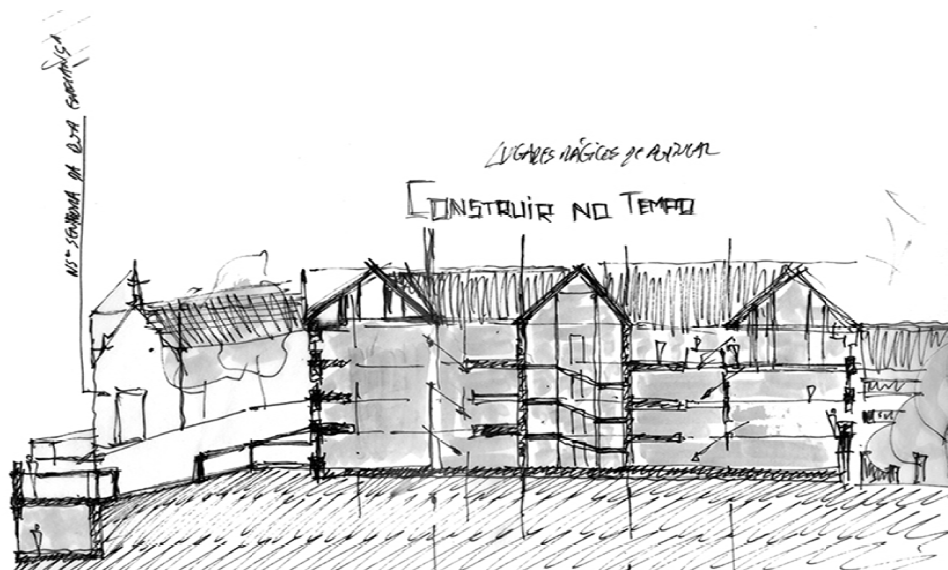
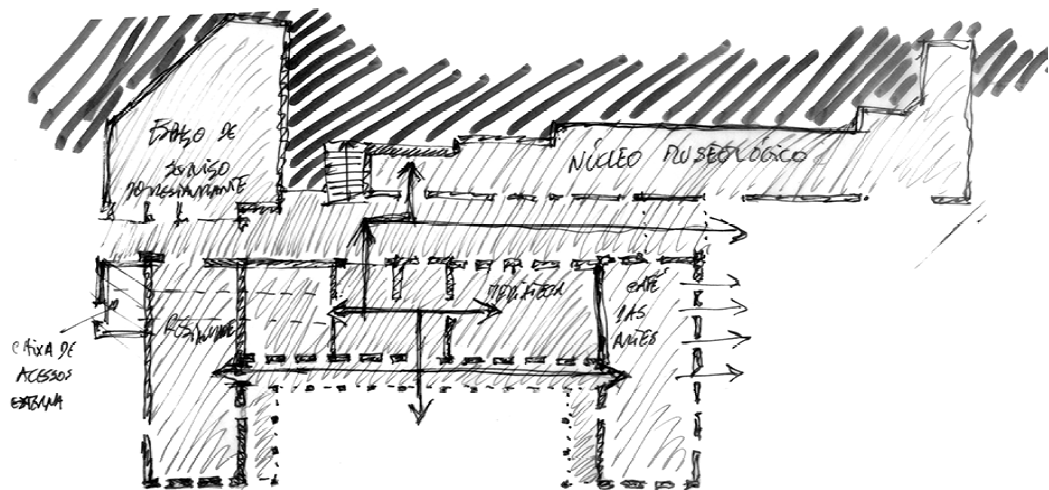
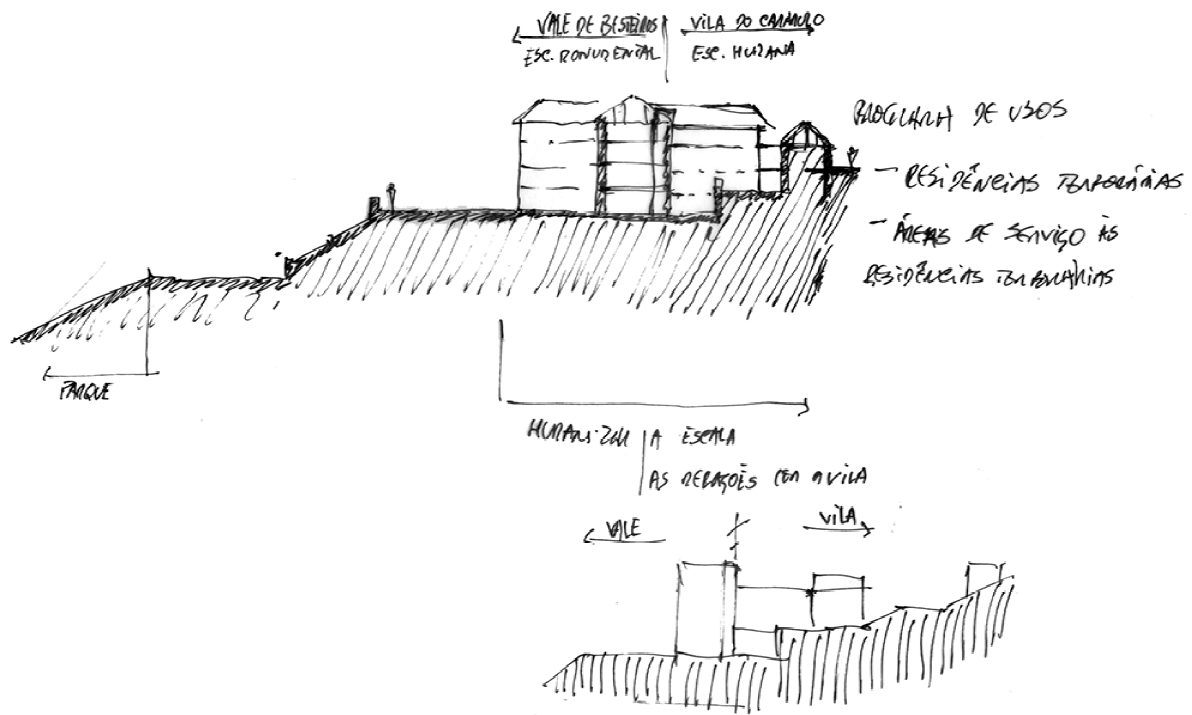
Fotografias pela autora

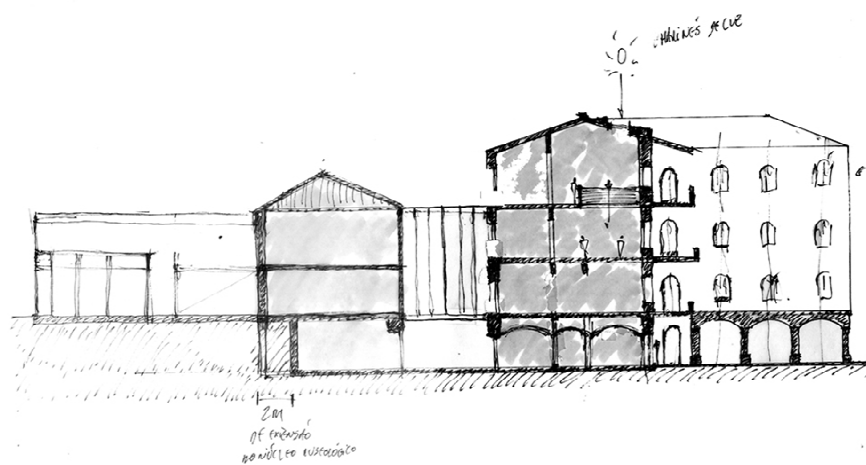
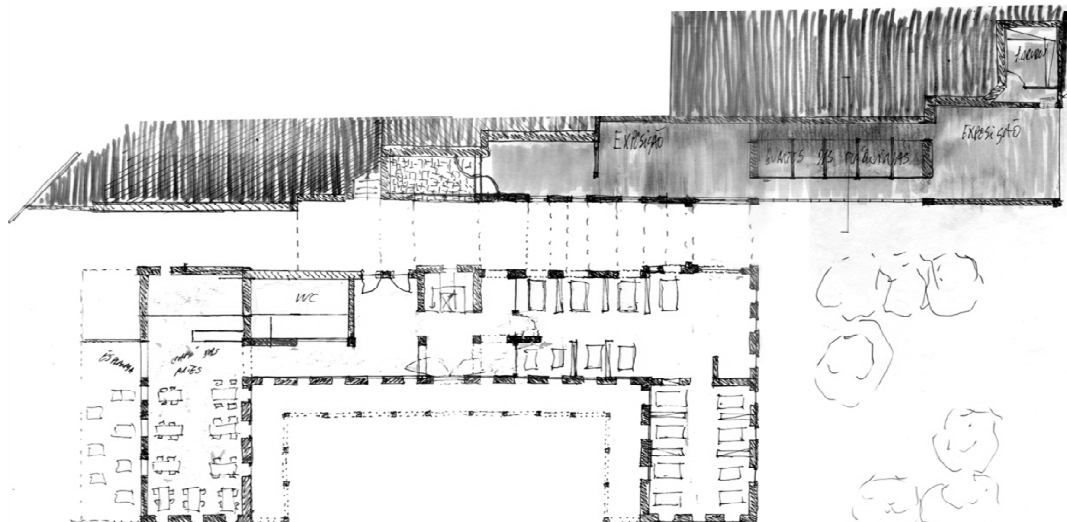
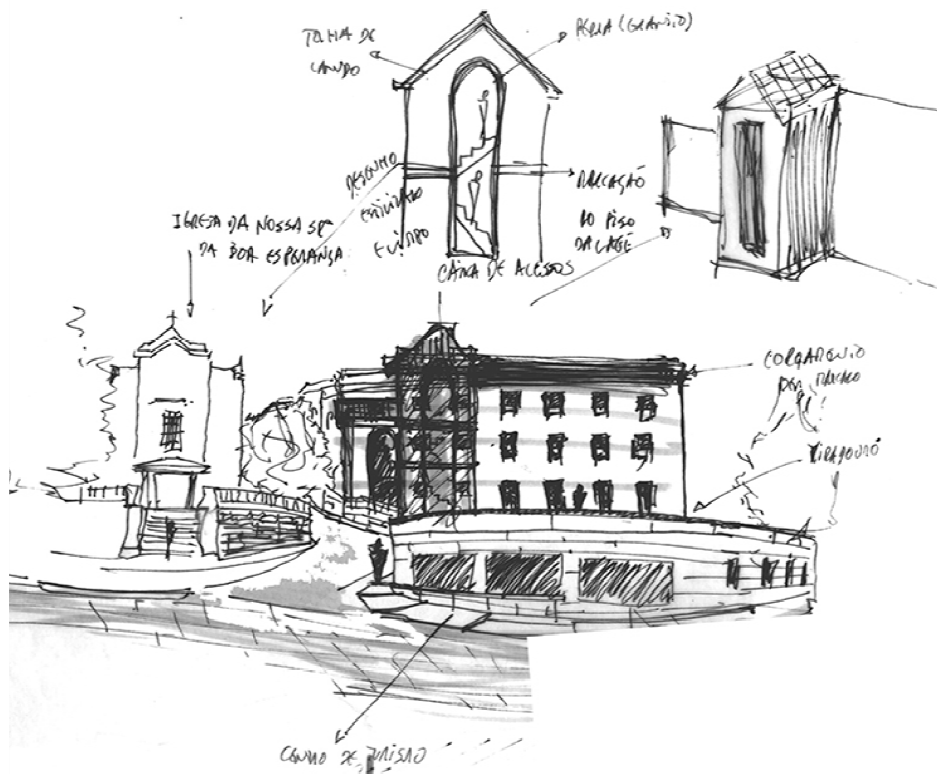
Imagem 12	Sanatório Dr. Jerónimo Lacerda visto da Rua de Sabugosa (estado actual).....	8
Imagem 13	Sanatório Dr. Jerónimo Lacerda visto a sul (estado actual).	9
Imagem 14	Sanatório Dr. Jerónimo Lacerda visto a norte (estado actual).....	9
Imagem 15	Vista sobre as galerias exteriores do Sanatório Dr. Jerónimo Lacerda (estado actual).	10
Imagem 16	Vista sobre a galeria exterior do segundo piso e relação com a Serra (estado actual).	10
Imagem 17	Vista do alçado poente, alterado pelo projecto de 1984 de Alberto Cruz, para reconversão do sanatório em hotel (estado actual).....	11
Imagem 18	Vista sobre o alçado Nascente do edifício, após múltiplas expansões e adições de volume (estado actual).	11
Imagem 19	Pormenor do alçado nascente do edifício Pormenor do volume adicionado a tardoz do edifício principal.....	12
Imagem 20	Vista sobre o volume adicionado a tardoz do edifício original, de modo a ampliar o número de quartos (estado actual).....	12
Imagem 21	Vista do alçado tardoz, zona do pátio e auditório (estado actual).	13
Imagem 22	Vista do alçado tardoz, volume adicionado na primeira expansão do edifício para adição de quartos e zona de arrumos.....	13
Imagem 23	Vista do alçado tardoz, volume adicionado na primeira expansão do edifício para adição de quartos e zona de arrumos.....	14
Imagem 24	Vista sobre o pátio, a tardoz do edifício principal (estado actual).....	14
Imagem 25	Vista sobre o pátio a tardoz do edifício principal (estado actual).....	15
Imagem 26	Vista sobre a galeria e entrada principal do edifício (estado actual).	15
Imagem 27	Vista interior da zona da entrada principal do edifício (estado actual).	16
Imagem 28	Vista interior do hall de entrada (estado actual).....	16
Imagem 29	Vista interior do elevador (estado actual).....	17
Imagem 30	Vista da escadaria exterior de acesso ao pátio (estado actual).	17
Imagem 31	Vista interior da antiga sala de jantar no primeiro piso, após as alterações feitas na ala poente (estado actual).	18
Imagem 32	Vista interior da antiga sala de jantar no primeiro piso, após as alterações feitas na ala poente (estado actual).	18
Imagem 33	Vista sobre a galeria do segundo piso (estado actual).	19
Imagem 34	Vista interior do auditório (estado actual).....	19
Imagem 35	Vista interior do auditório (estado actual).....	20
Imagem 36	Vista interior do segundo piso (estado actual).	20
Imagem 37	Vista interior da alvenaria de tijolo de burro no segundo piso (estado actual).	21
Imagem 38	Vista interior do segundo piso (estado actual).	21
Imagem 39	Vista interior do terceiro piso (estado actual).....	22
Imagem 40	Vista interior do terceiro piso (estado actual).....	22

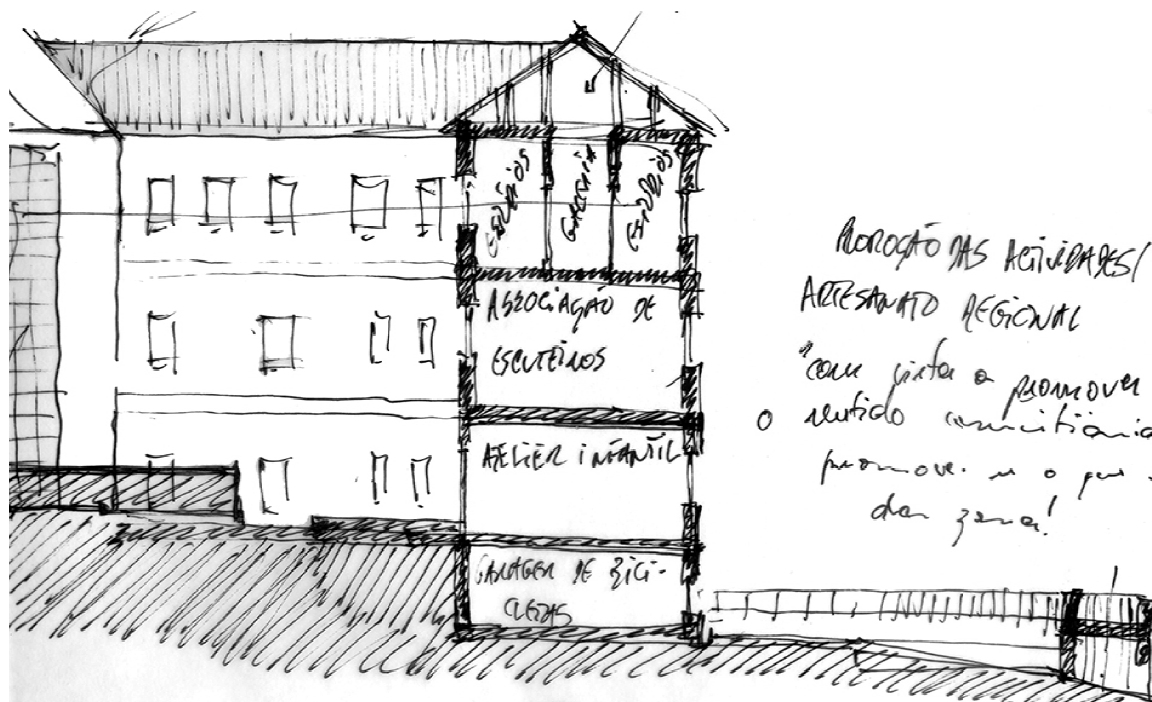
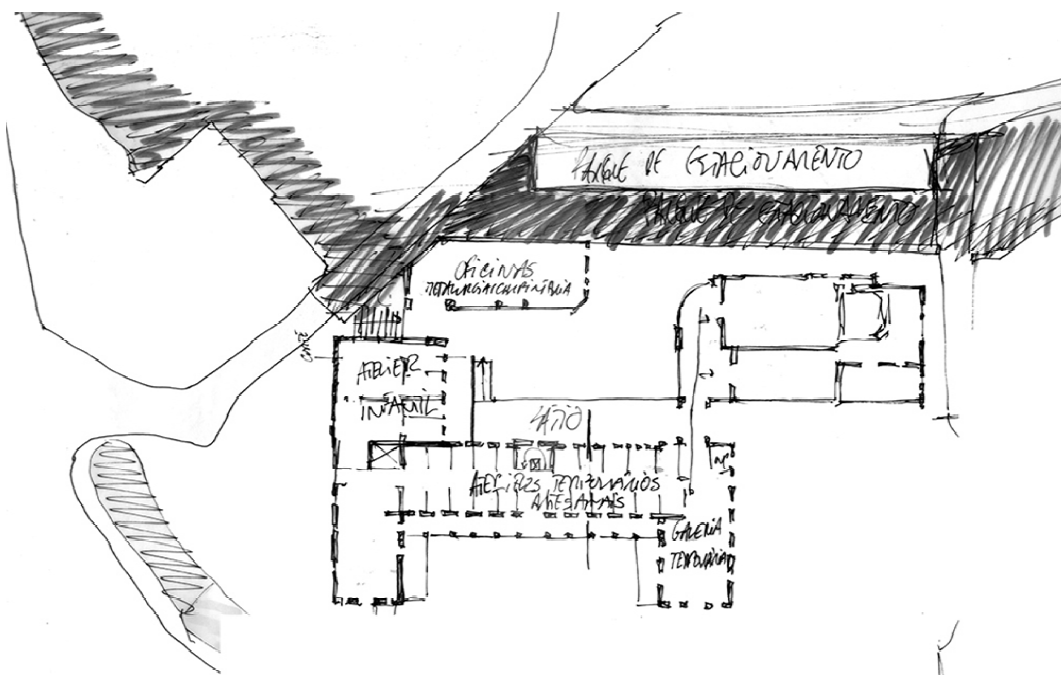
Imagem 41	Vista interior do terceiro piso (estado actual).....	23
Imagem 42	Vista interior do terceiro piso (estado actual).....	23
Imagem 43	Vista interior do terceiro piso, parede de tabique (estado actual).....	24
Imagem 44	Vista interior do terceiro piso na ala poente após as alterações de 1984 (estado actual).	24
Imagem 45	Vista interior do terceiro piso , caixa de acessos (estado actual).....	25
Imagem 46	Vista interior do terceiro piso (estado actual).....	25
Imagem 47	Vista interior do terceiro piso (estado actual).....	26
Imagem 48	Vista interior do sistema de coberturas (estado actual).....	26
Imagem 49	Vista sobre o Vale de Besteiros a partir da galeria do terceiro piso.	27
Imagem 50	Vista sobre o Parque do Caramulo, a partir da galeria do terceiro piso	27
Imagem 51	Vista sobre a Serra a partir do segundo piso, na ala poente.	28
Imagem 52	Vista sobre o mar de nuvens que cobre o Vale de Besteiros, a partir da galeria do terceiro piso.	28
Imagem 53	Vista a partir do Vale sobre a Vila do Caramulo.	29

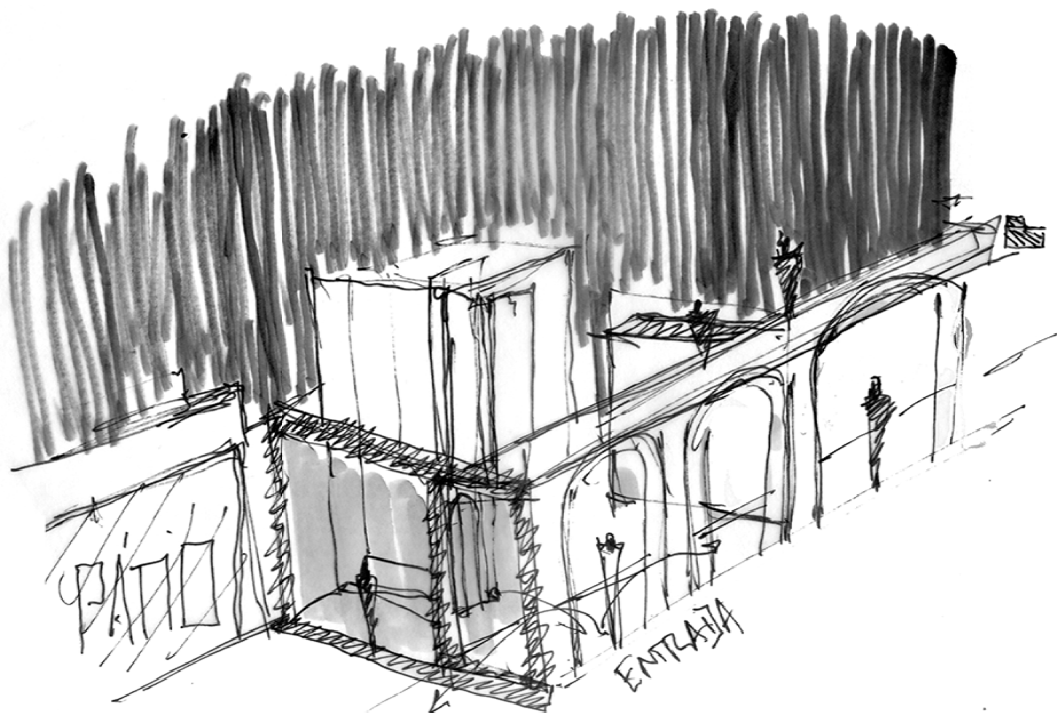
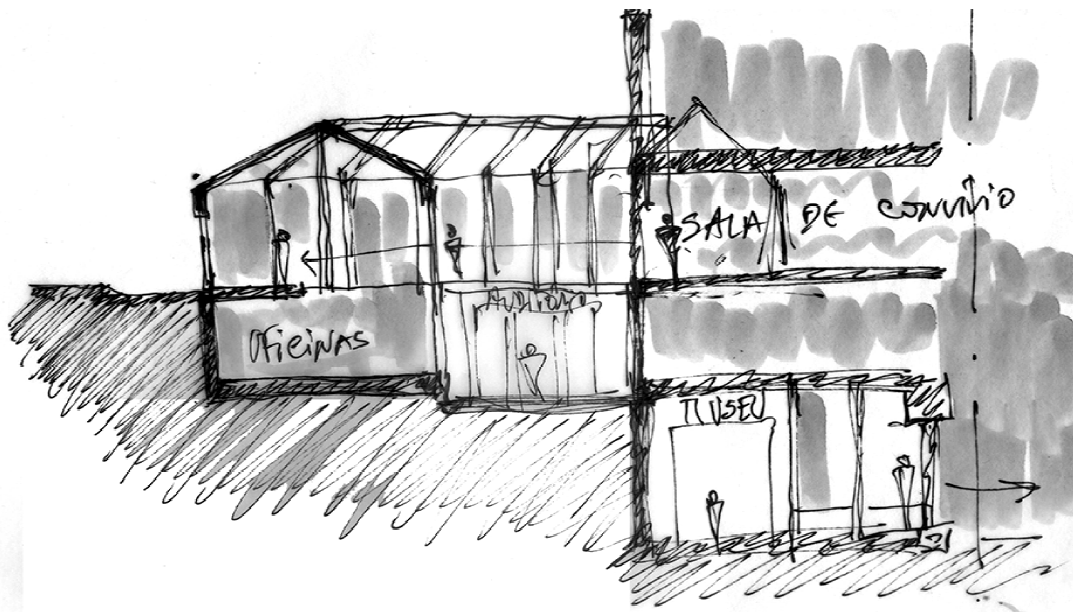
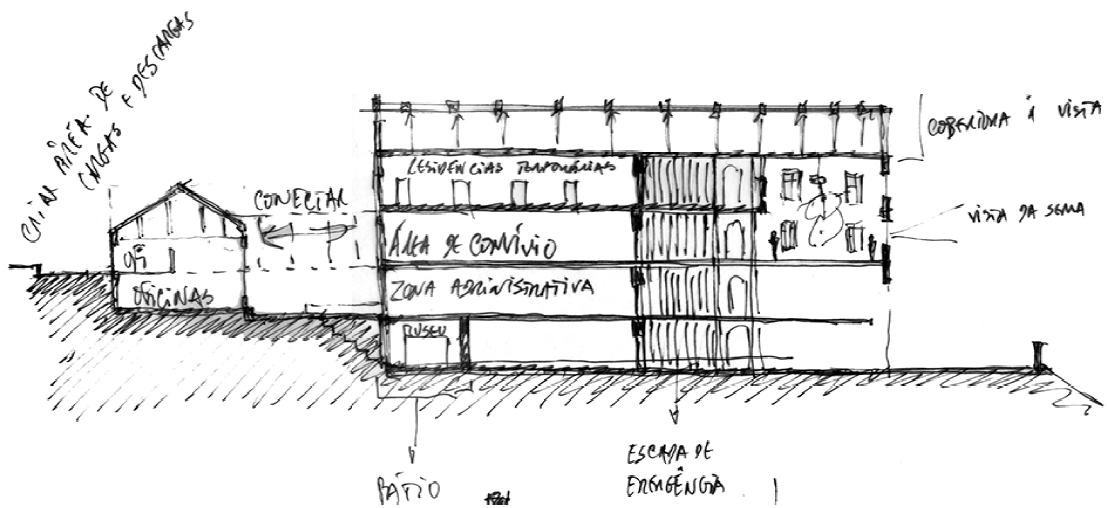
ANEXO IV

PROCESSO DE TRABALHO - DESENHOS

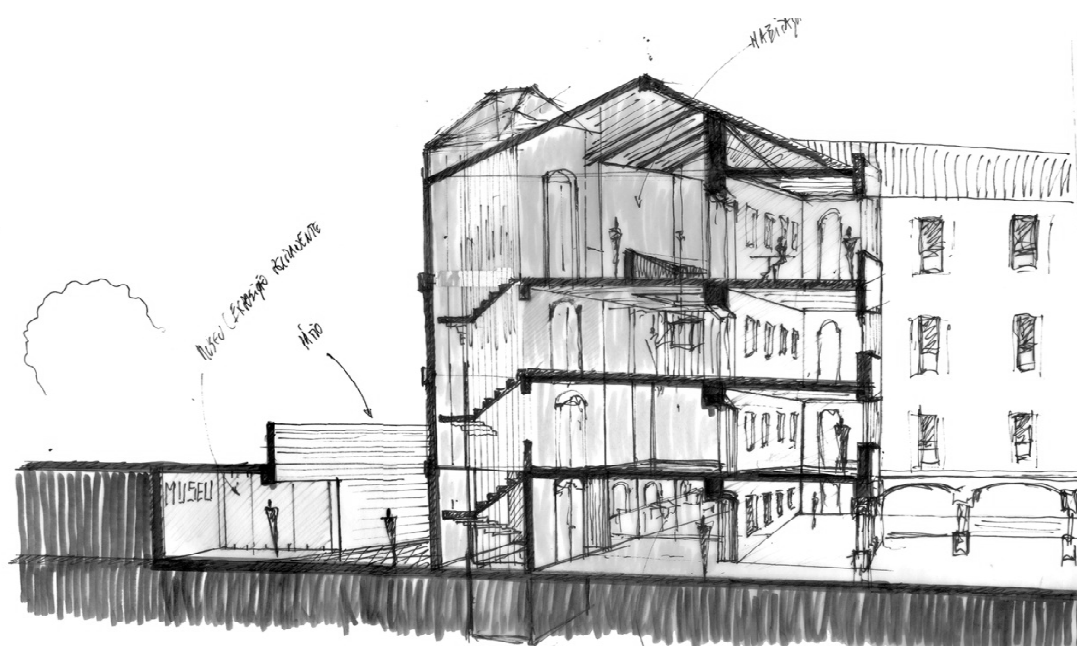
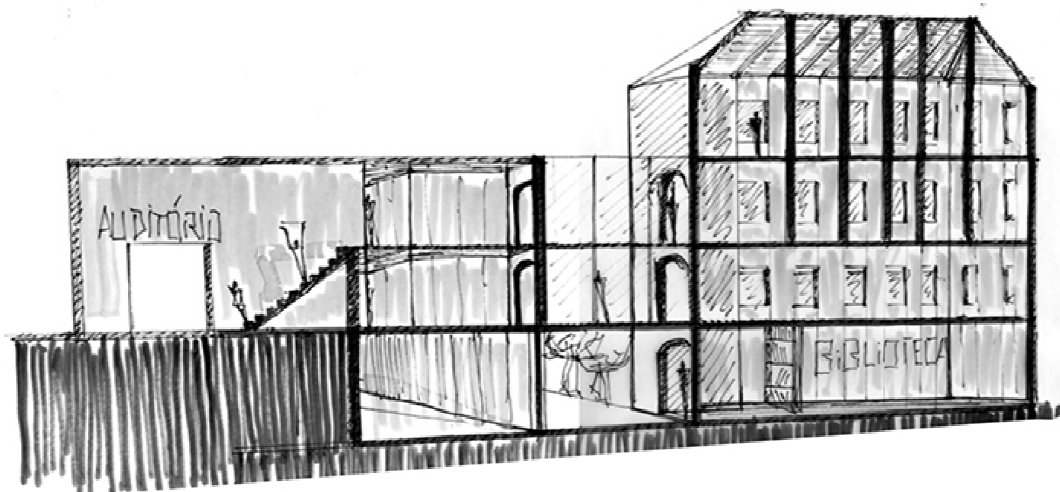
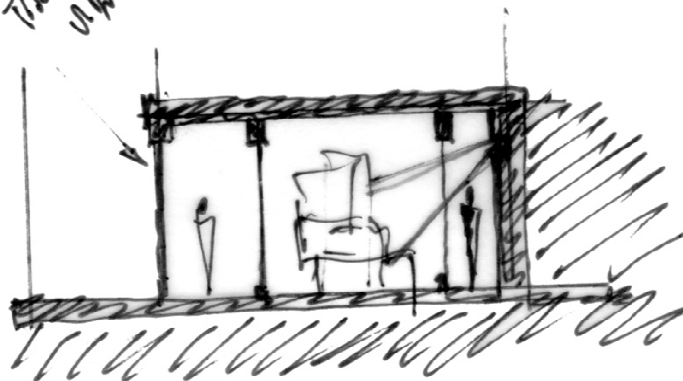




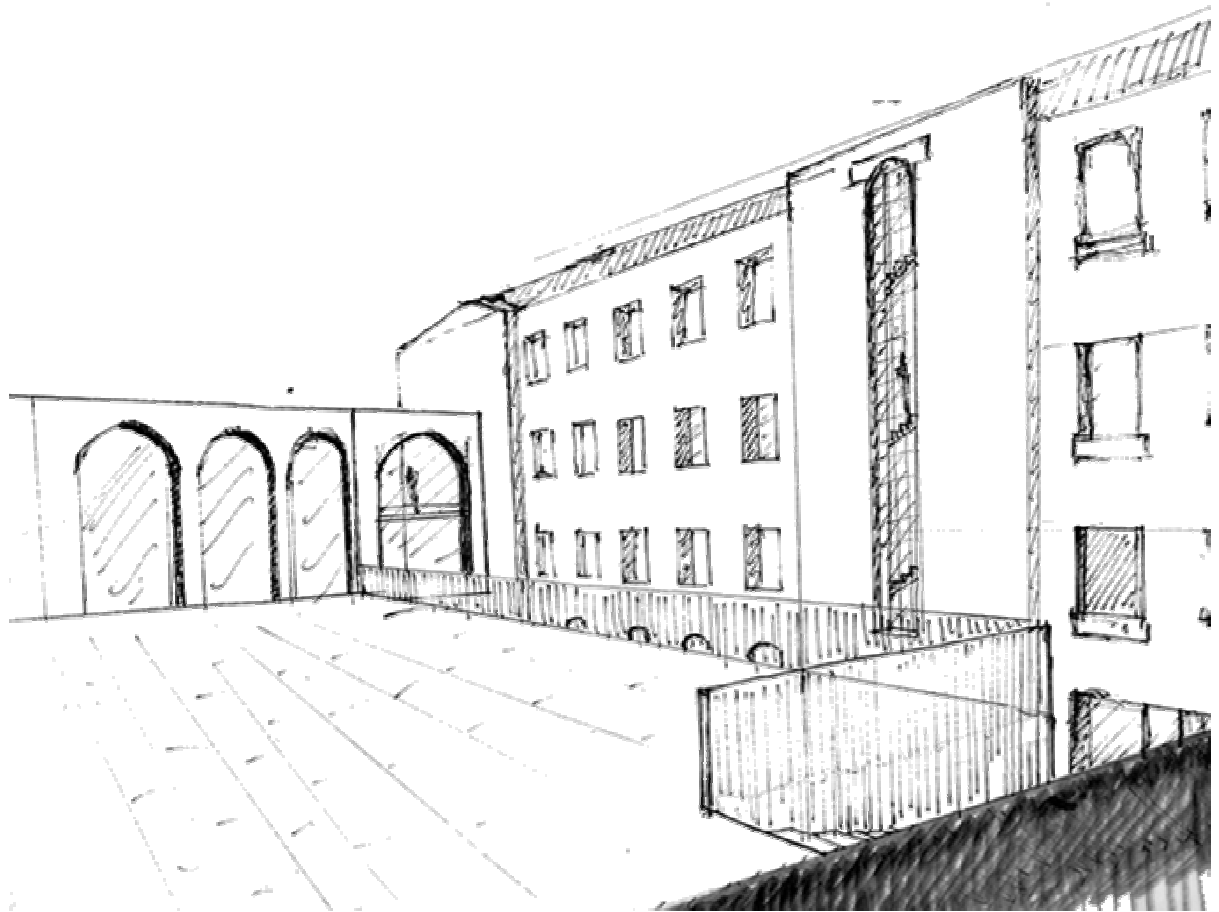
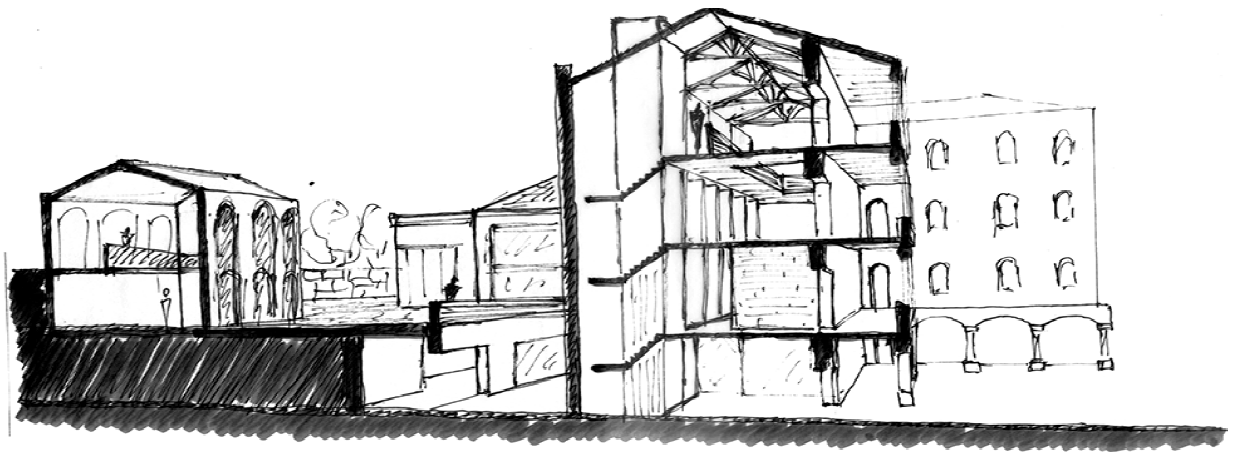


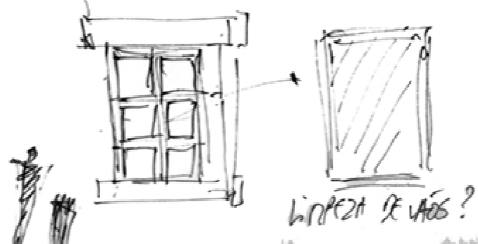
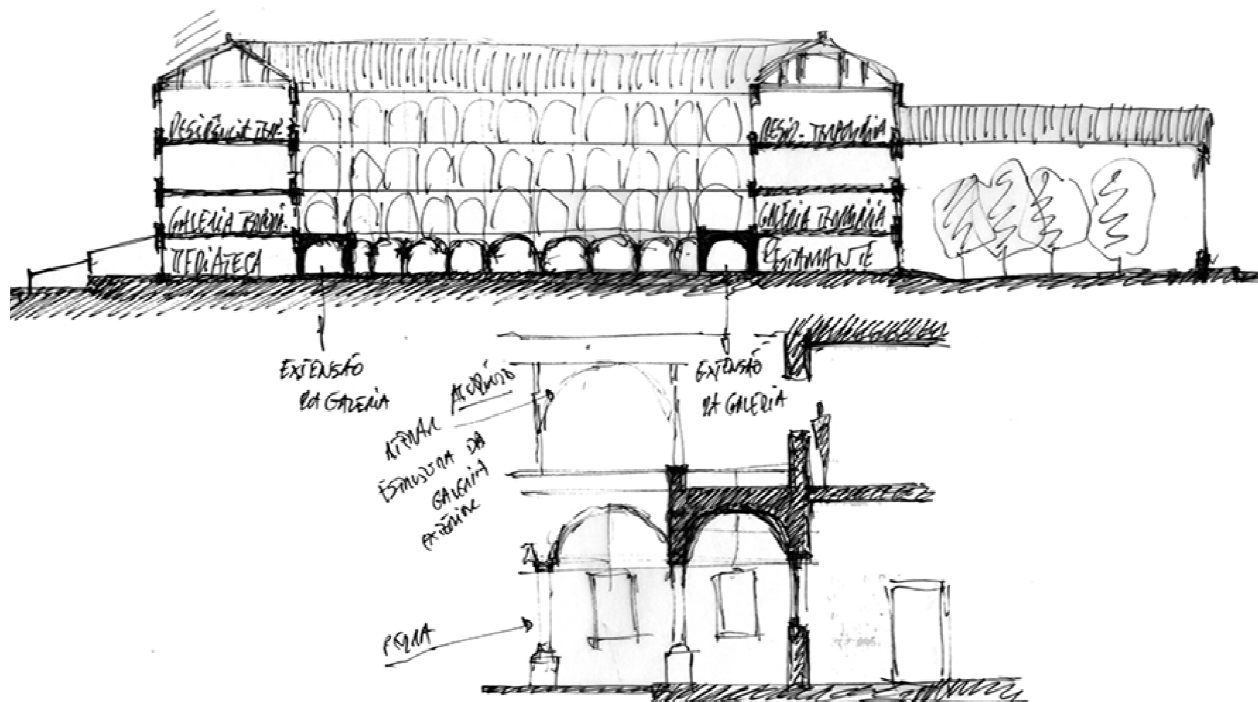
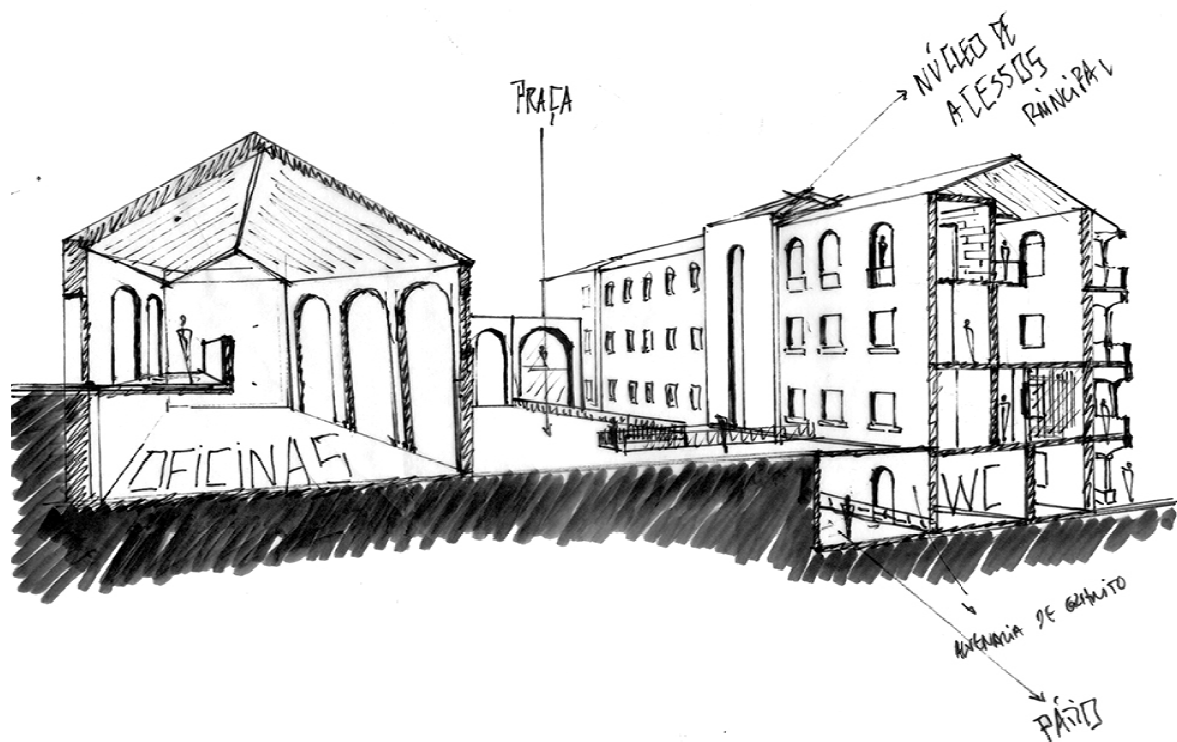


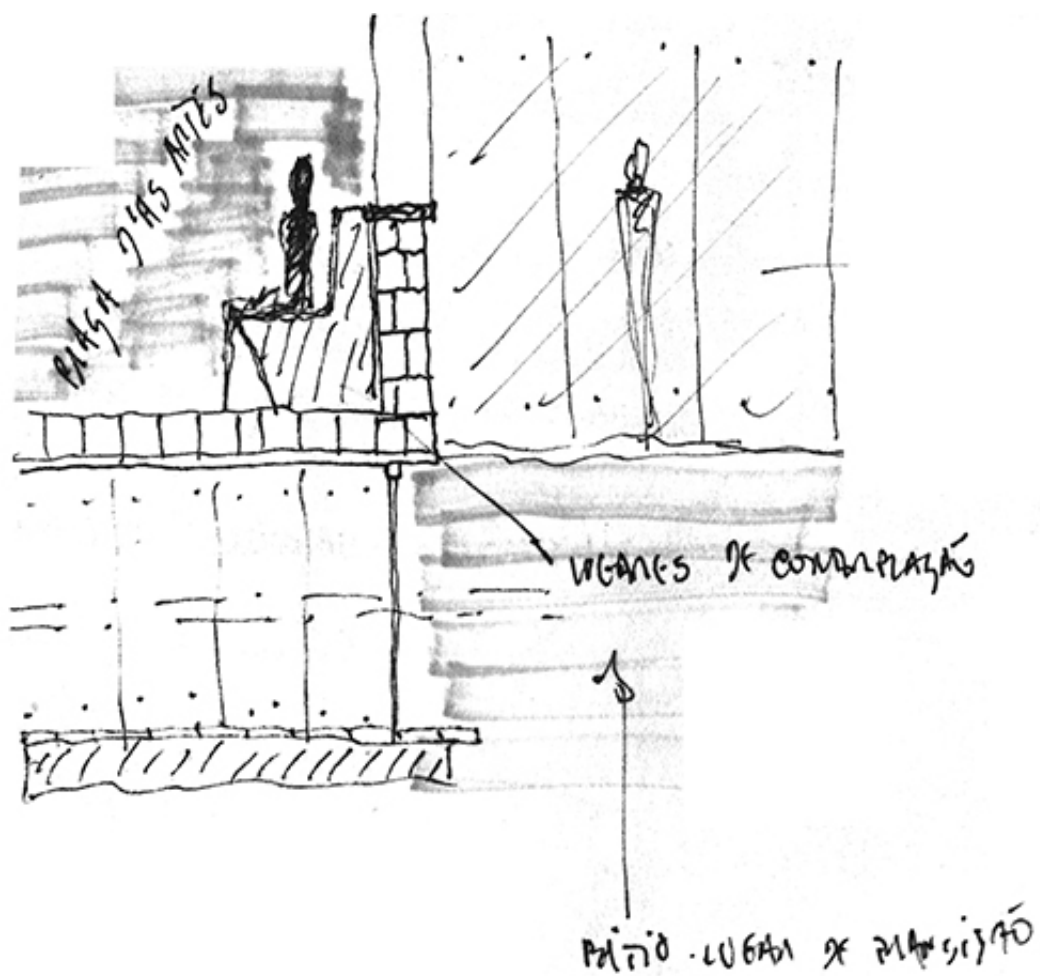
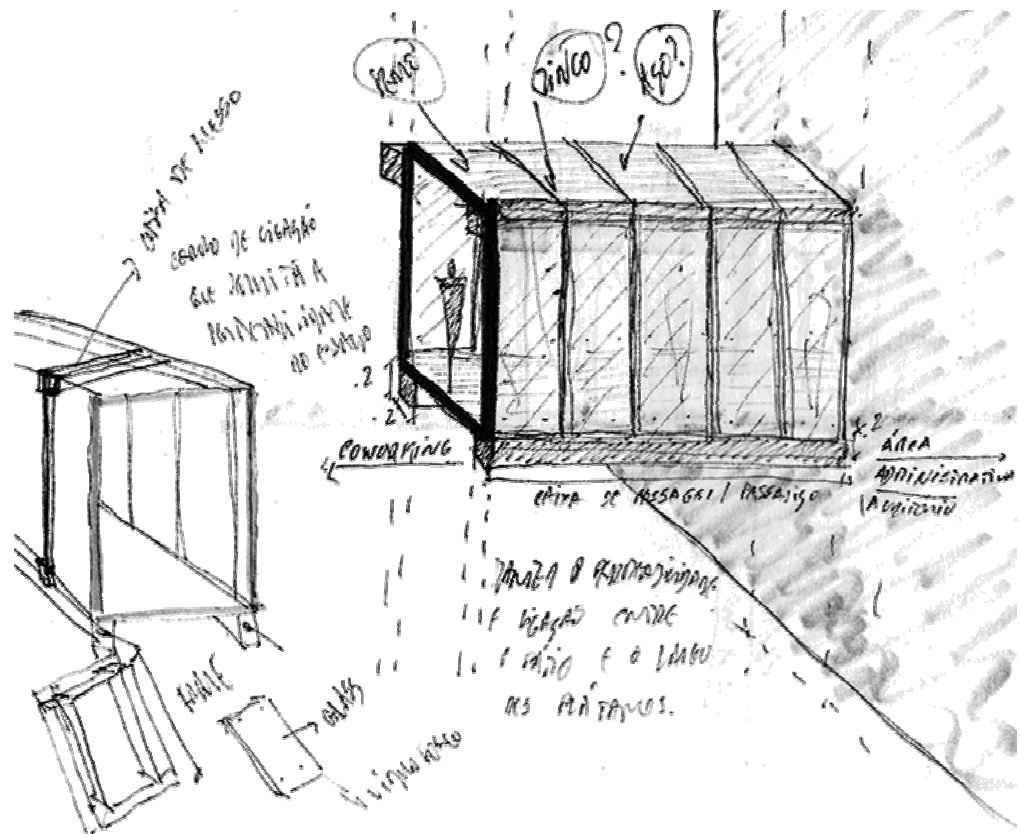
ACQUA
TIPO DE
VIA



relação com a caixa de acessos. o sistema é integrado, o valor de acesso







MAQUETES, FOTOMONTAGENS E VISTAS 3D

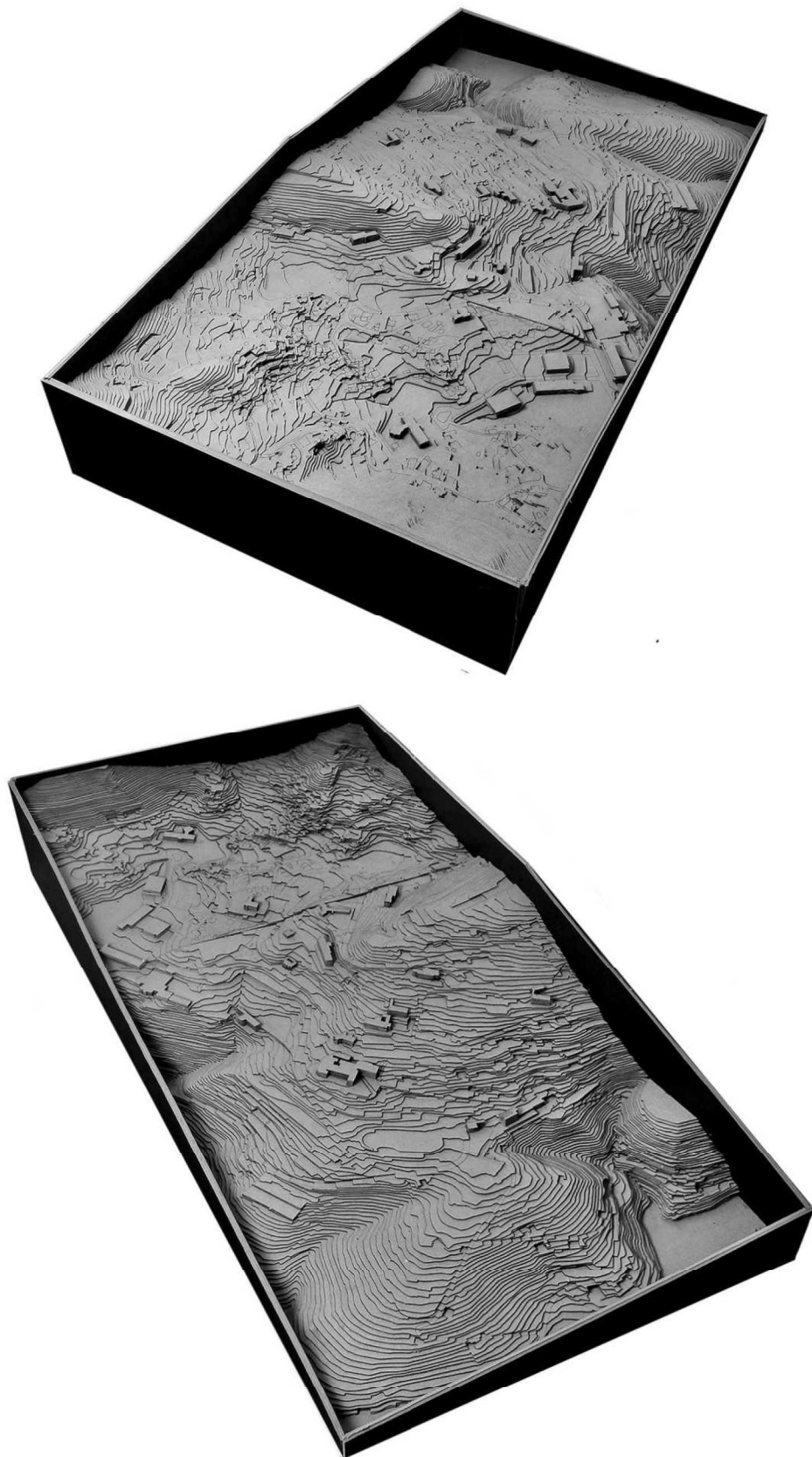


FIG 1 Modelo urbano da Vila do Caramulo, esc.:1/1000

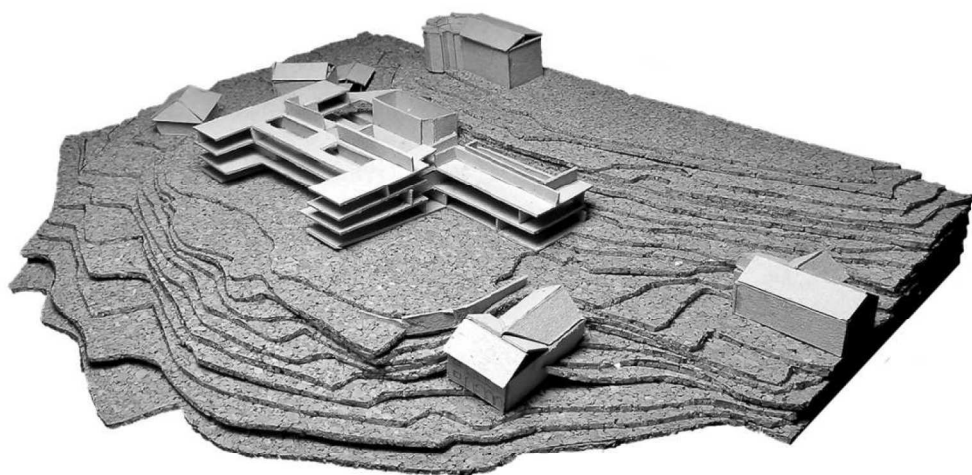
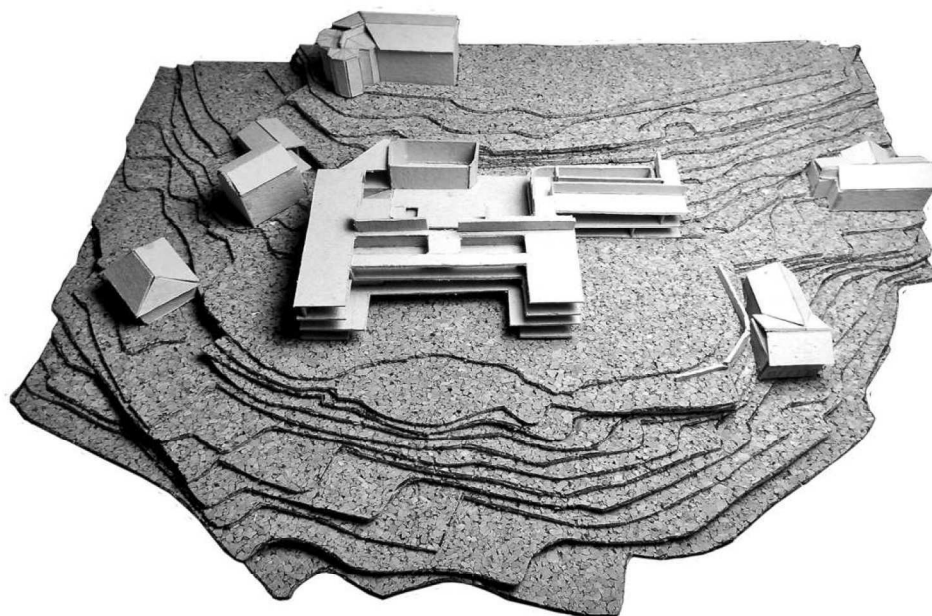


FIG 2 Modelo urbano da zona de intervenção, ec.: 1/500

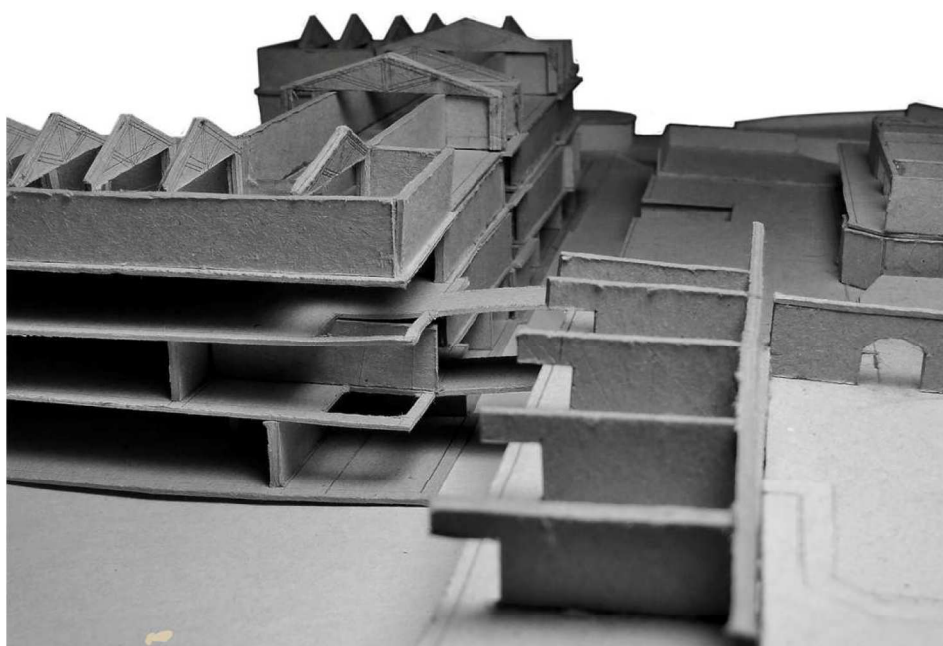
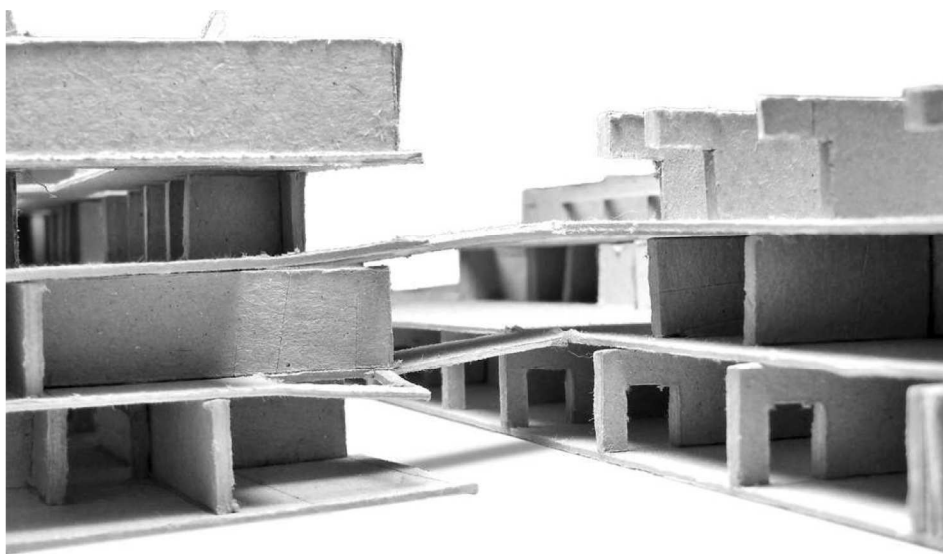
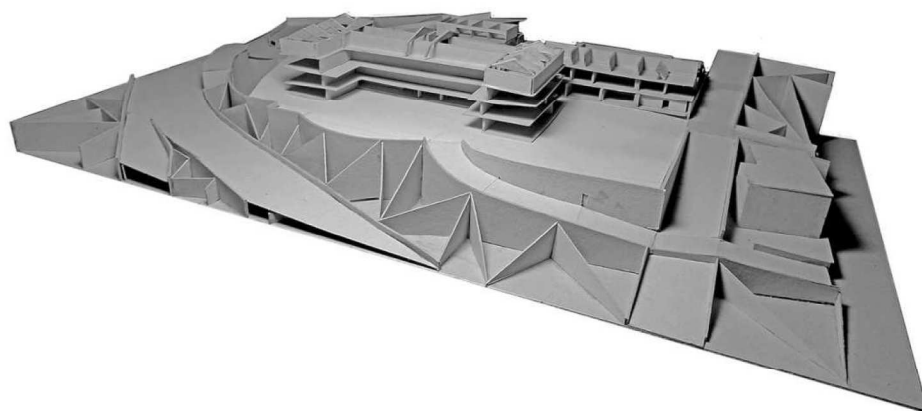


FIG 3 Modelo de estudo da intervenção, esc.: 1/200 - Modelo de estudo da intervenção, esc.: 1/200 - estudos das relações e transições dos espaços exteriores

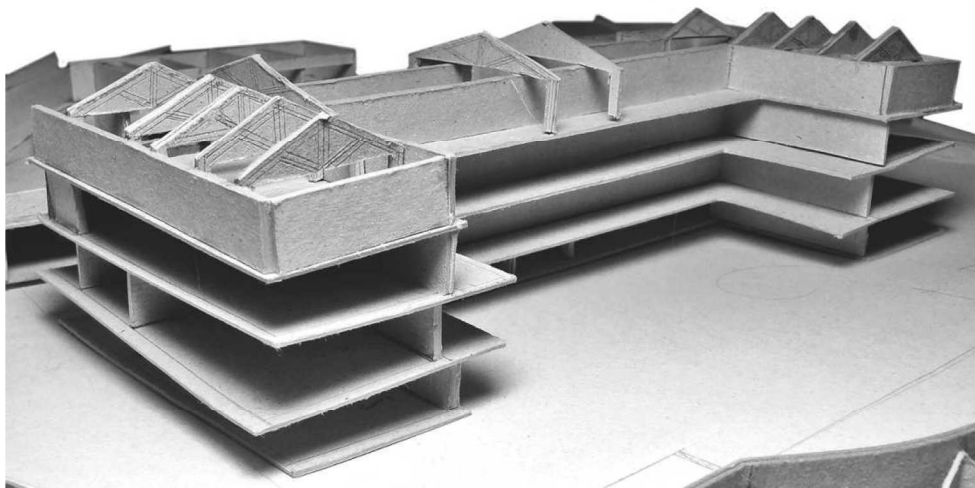


FIG 4 Modelo de estudo da intervenção, esc.: 1/200 - estudos das relações e transições dos espaços exteriores



FIG 5 Modelo de estudo da zona do auditório, esc.: 1/100

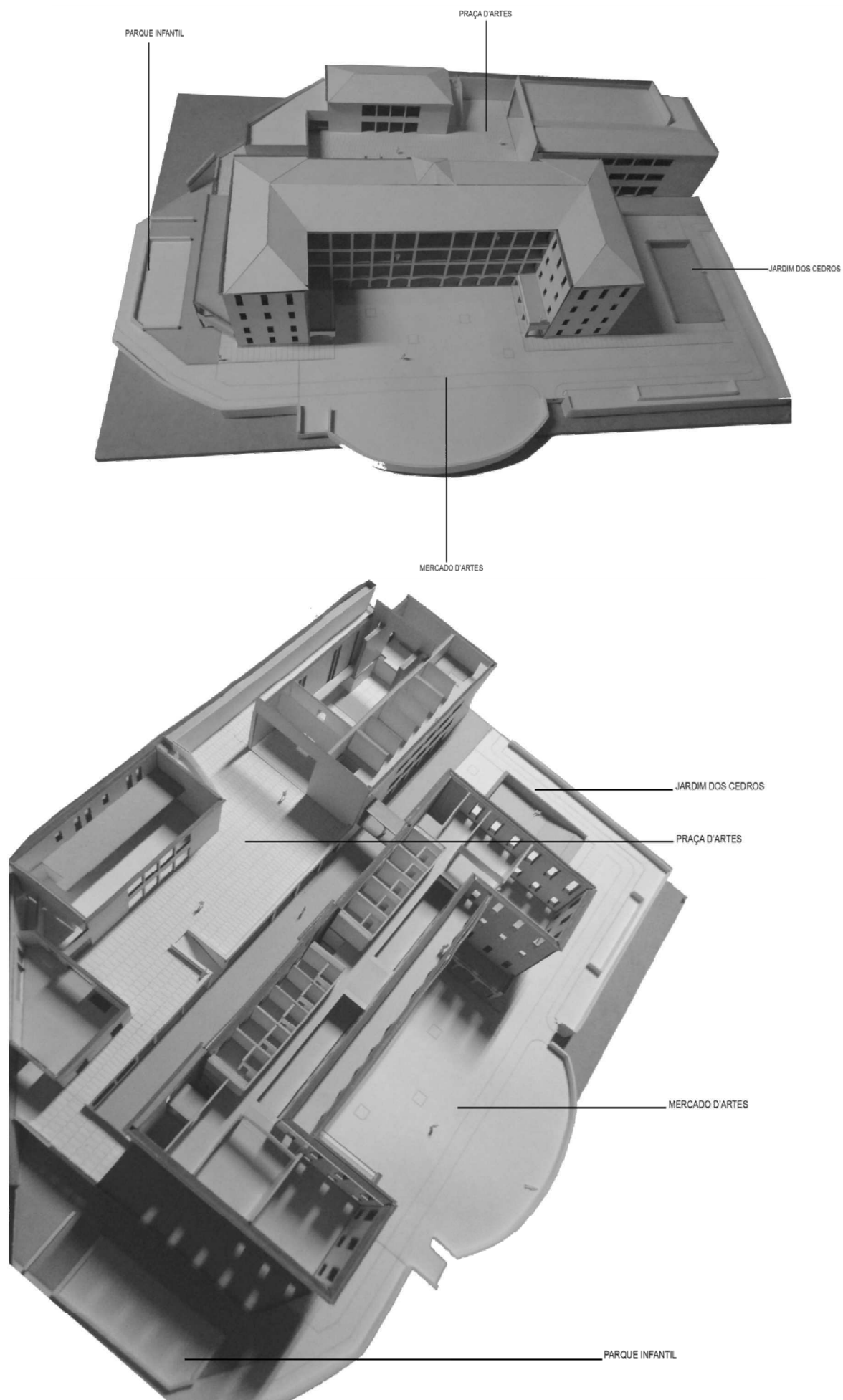


FIG 6 Maquete final 1/100

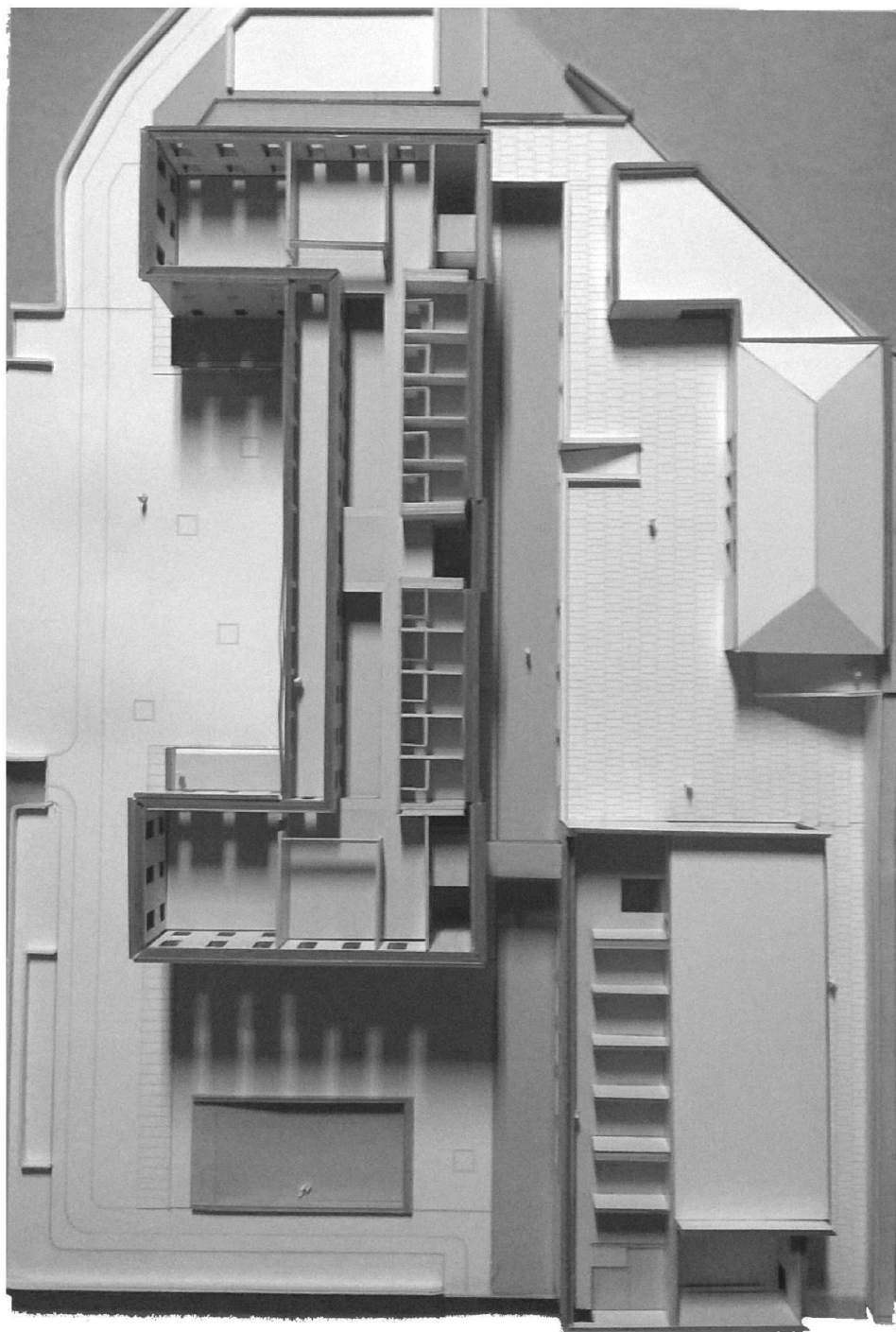


FIG 7 Maquete 1/100

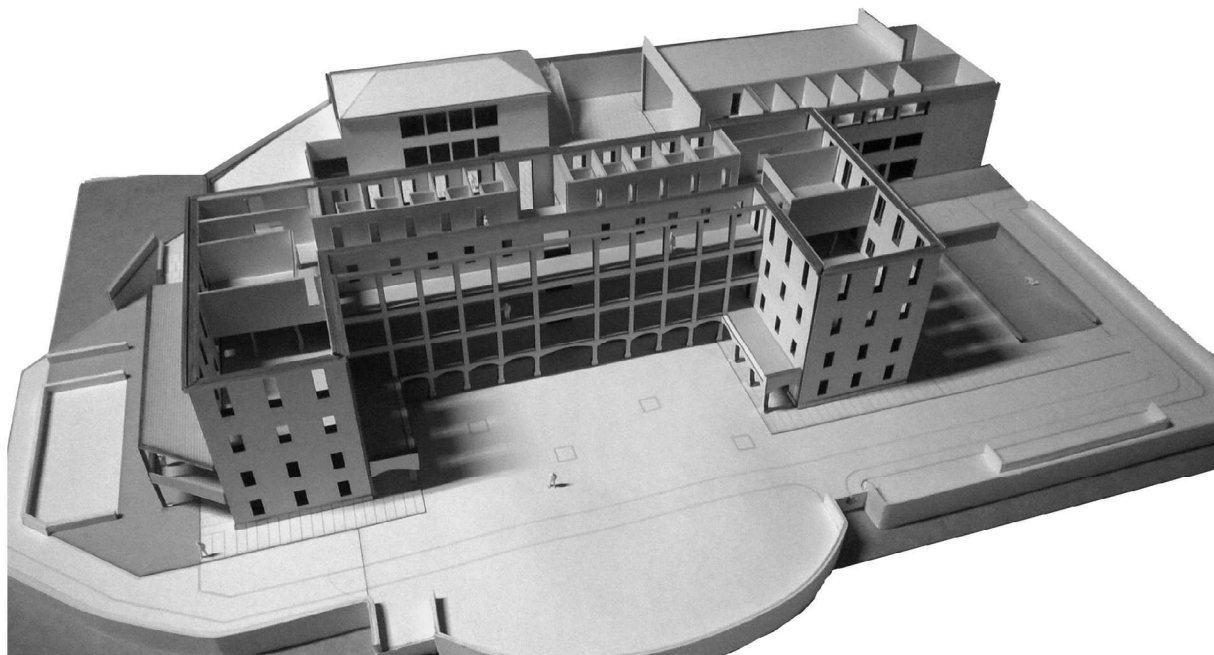
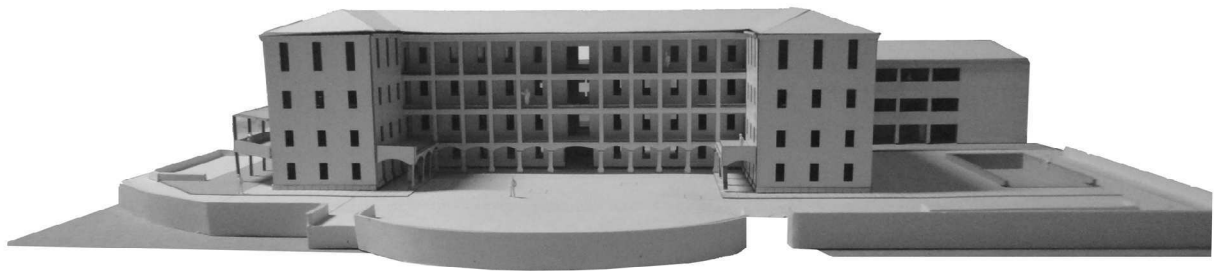


FIG 8 Maquete 1/100 (exterior) e vista do Hall de entrada e zona lounge.



FIG 9 Fotomontagem interior do modelo 1/100 das relações de espaço à cota do piso térreo



FIG 10 Fotomontagem a partir do modelo final 1/100 sobre a relação entre o Jardim dos Cedros, Pátio e passadiço.



FIG 11 fotomontagem a partir do modelo 1/100 da zona dos ateliers artesanais.



FIG 12 Fotomontagem interior do modelo 1/100 da zona da galeria in situ

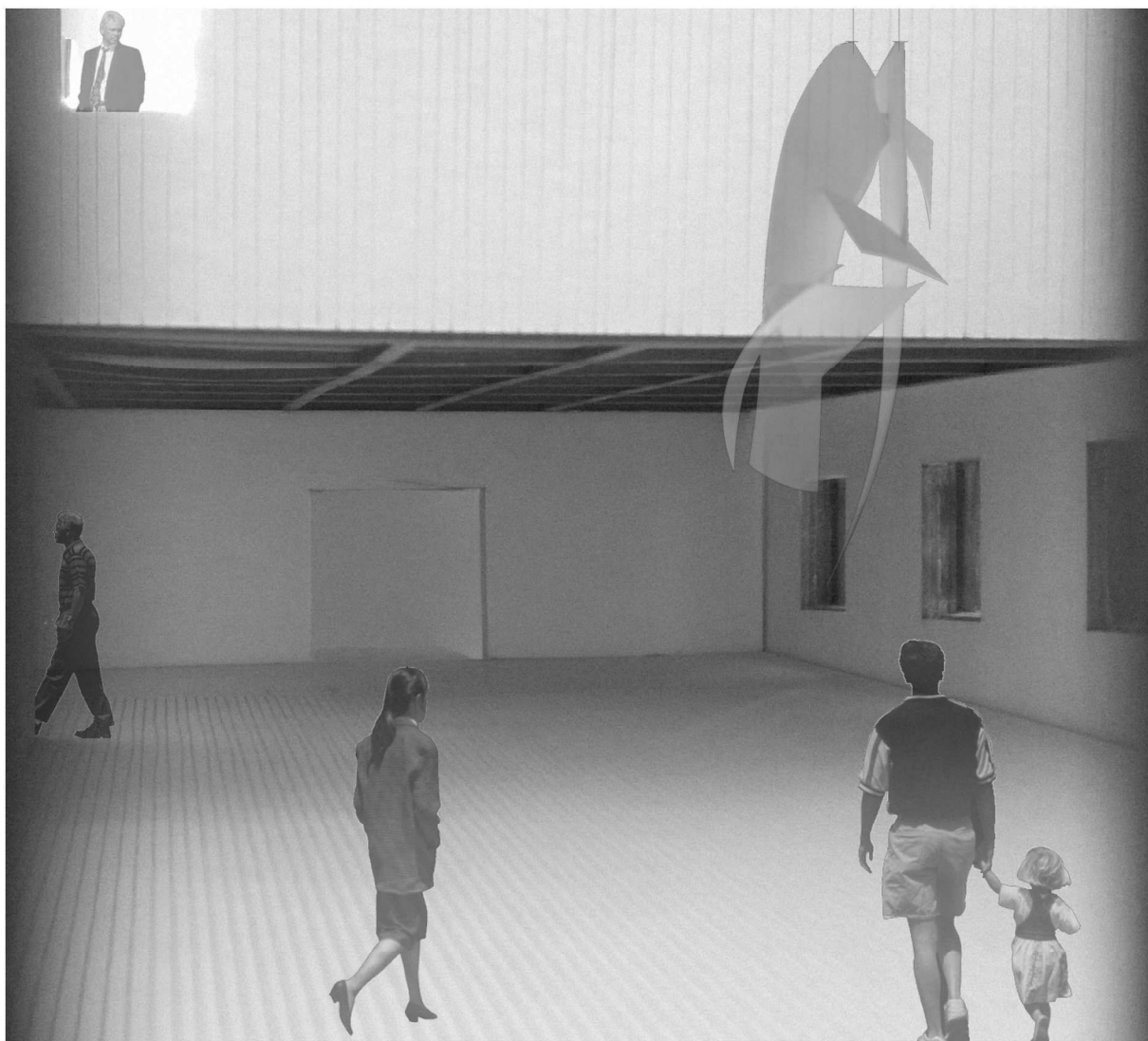


FIG 13 Fotomontagens do interior das galerias permanente e in situ (modelo 1/100)



FIG 1 Vista do pátio



FIG 2 Vista da galeria exterior do piso térreo



FIG 3 Vista interior do Hall de entrada e zona Lounge



FIG 4 Vista sobre a Praça d'Artes



FIG 5 Vista da galeria permanente



FIG 6 Vista sobre a zona dos estúdios de habitação temporária e relação com a zona da galeria *in situ*



FIG 7 Vista da galeria *in situ*



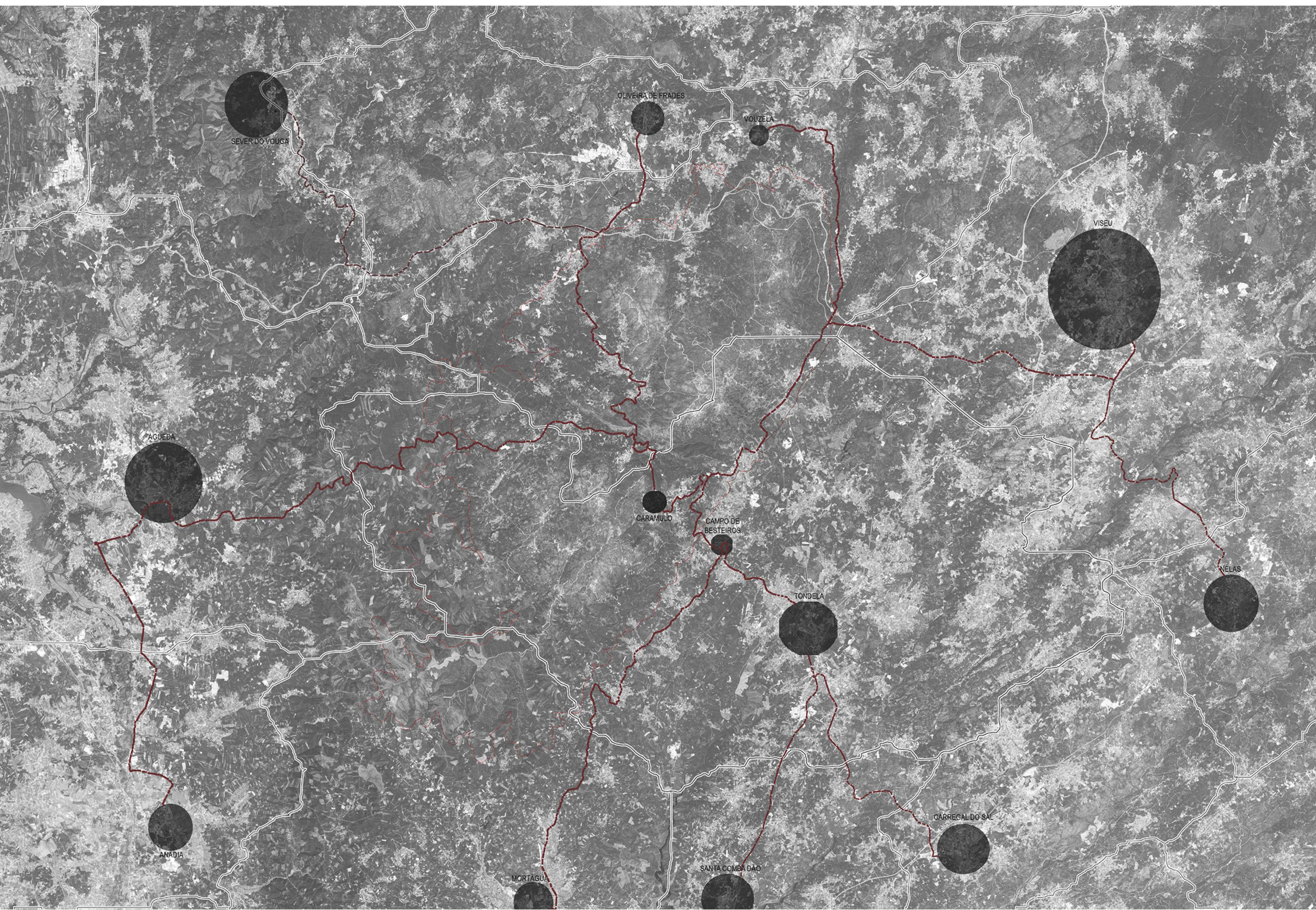
FIG 8 Vista da galeria permanente e galeria *in situ*



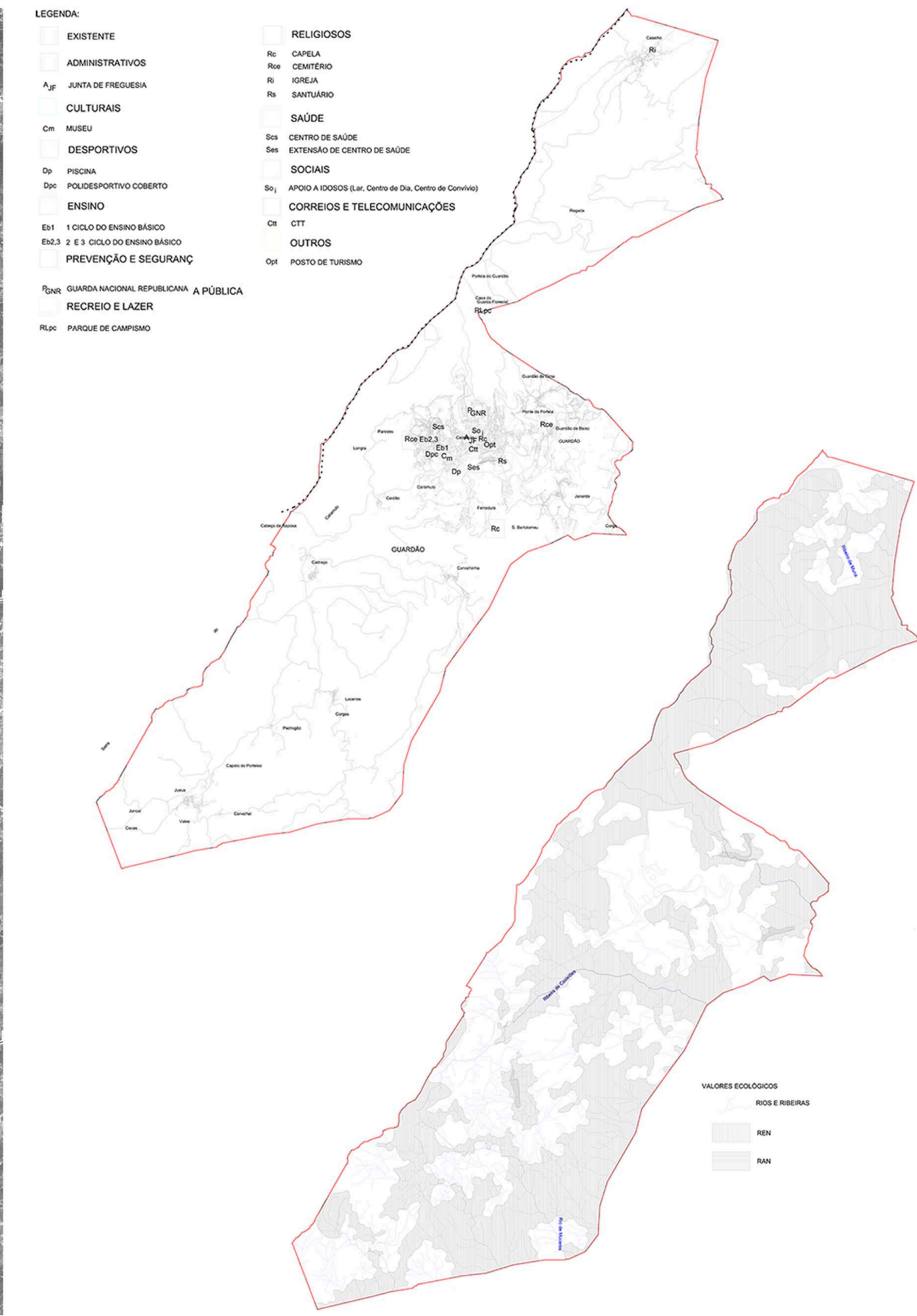
FIG 9 Vista interior do auditório

ANEXO VI

PEÇAS DESENHADAS



Ortofotomapa das relações da Vila do Caramulo com os principais centros urbanos

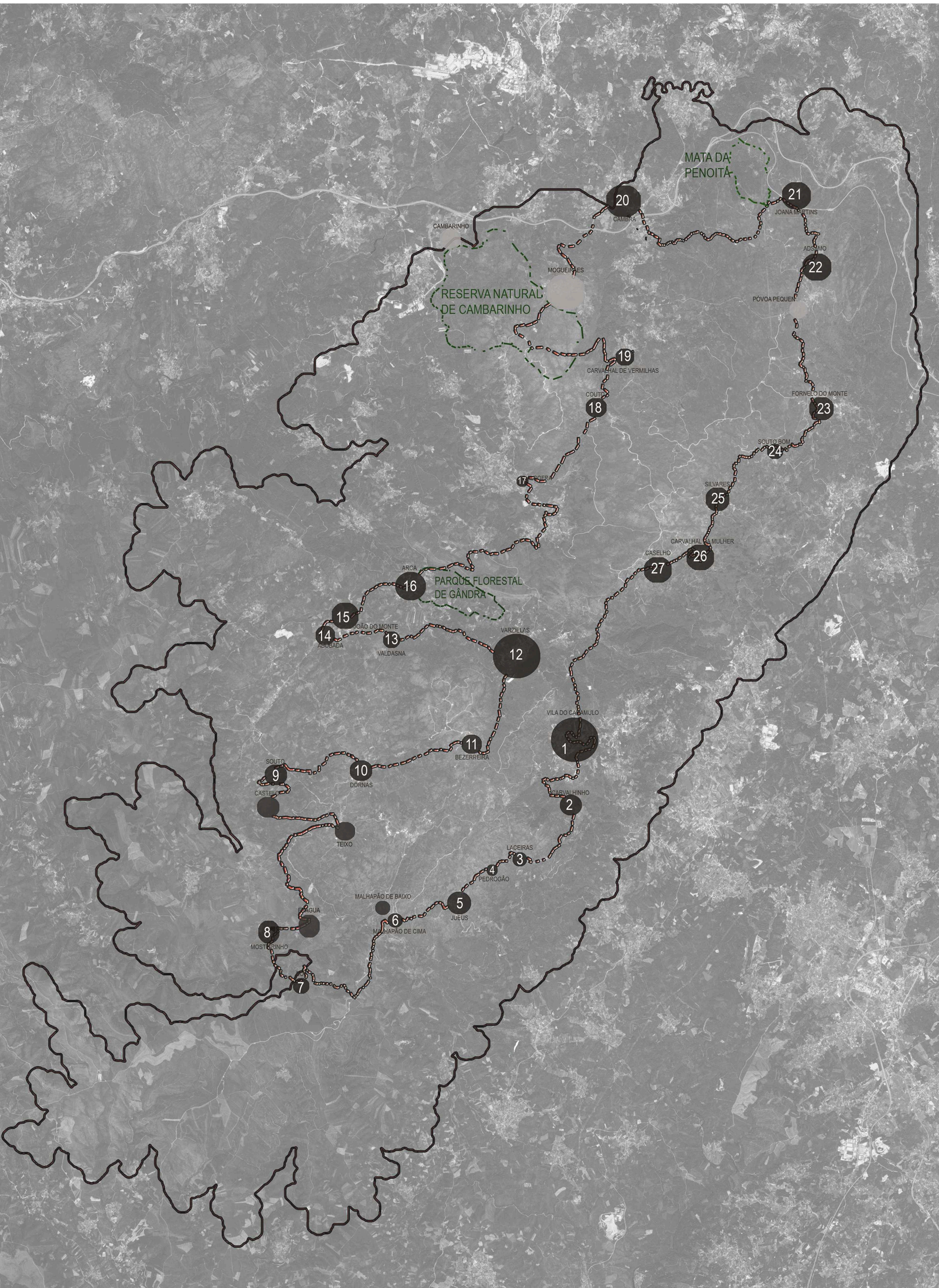


Análise da freguesia do Guardo

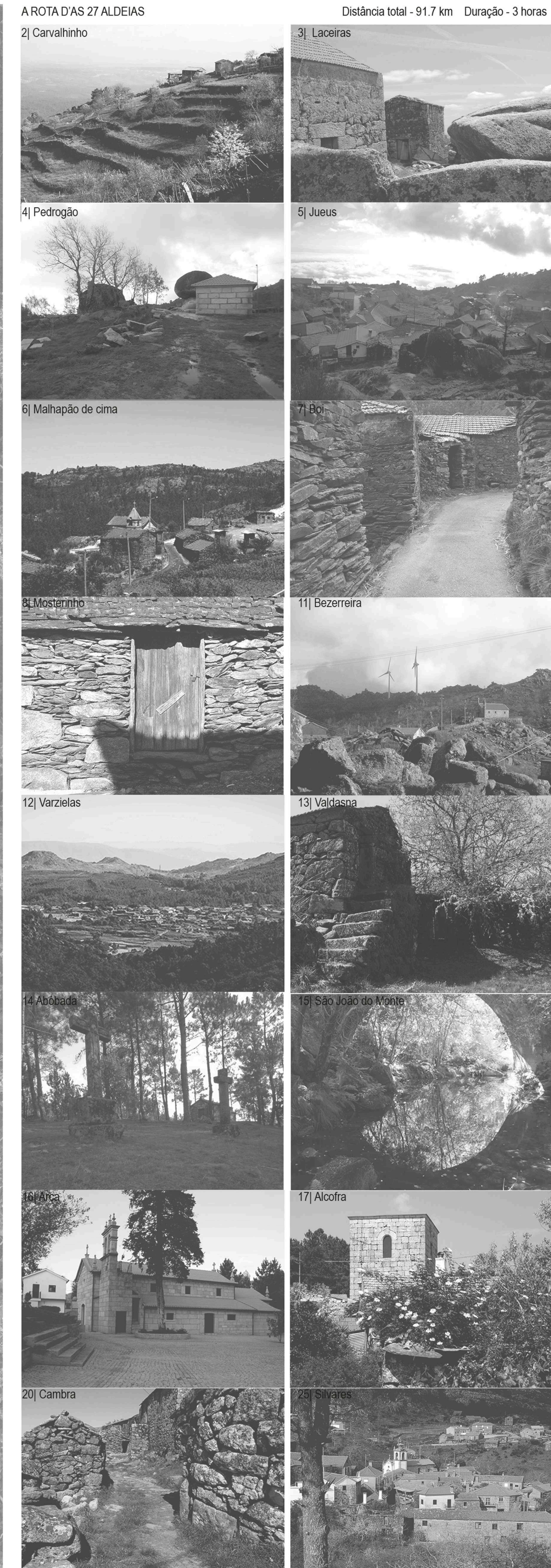


Planta diagramática da evolução da construção da Vila do Caramulo

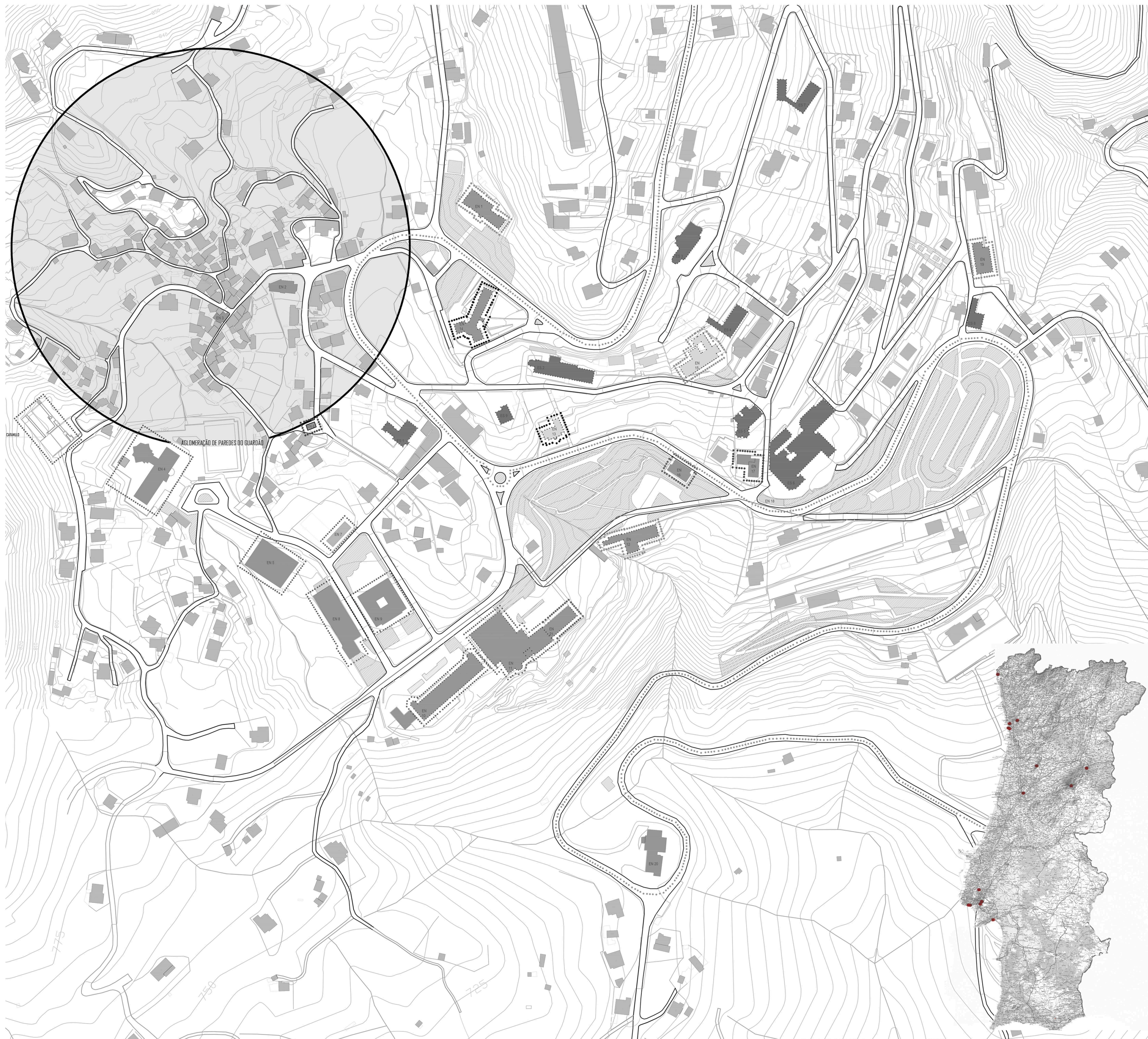
Diagramas representativos da evolução da Vila do Caramulo



Ortofotomapa da Serra do Caramulo

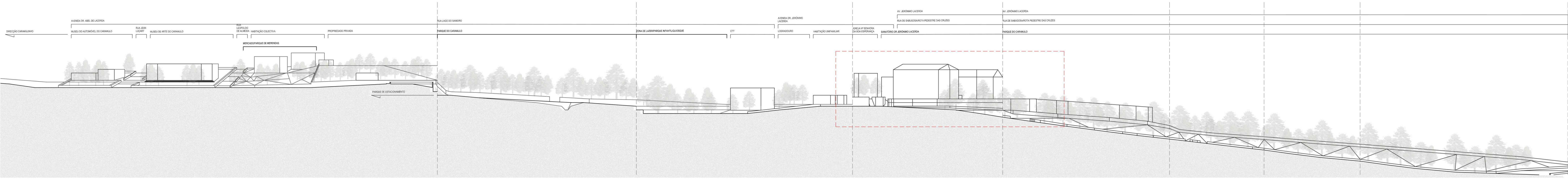


A ROTA DAS 27 ALDEIAS

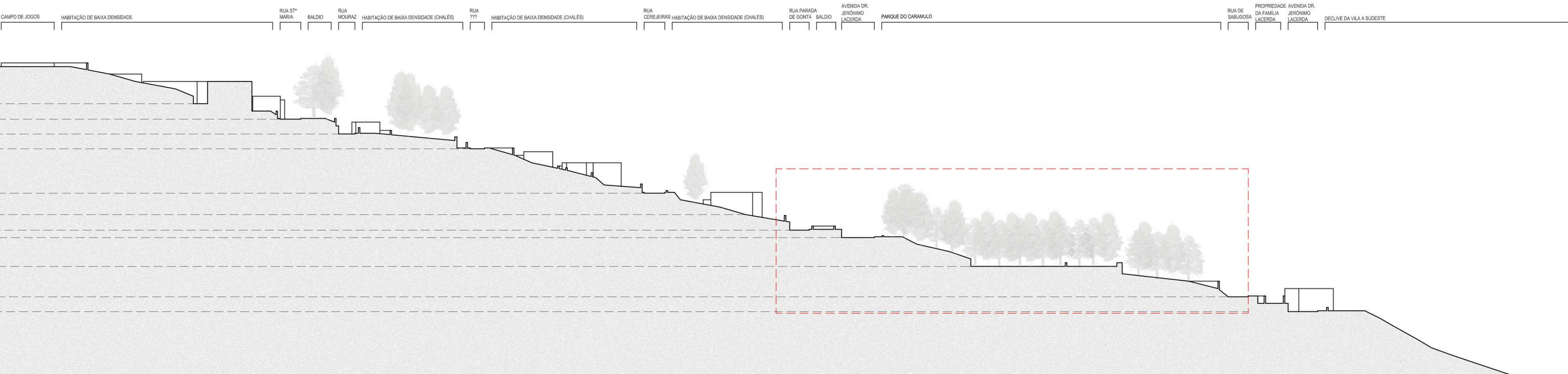


Planta territorial da Vila do Caramulo

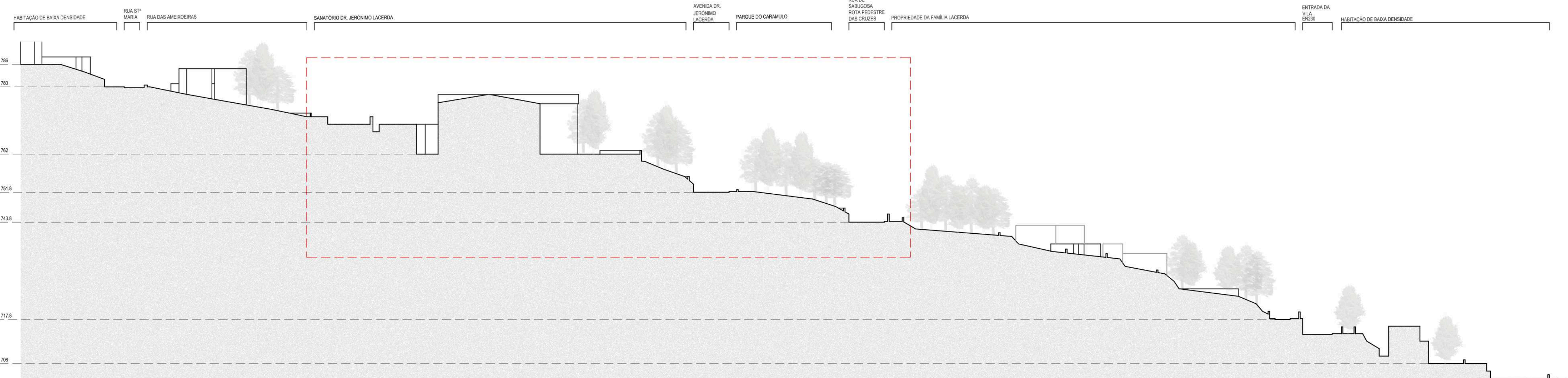
Inventário dos principais sanitários existentes em Portugal



CORTE URBANO esc. 1/750

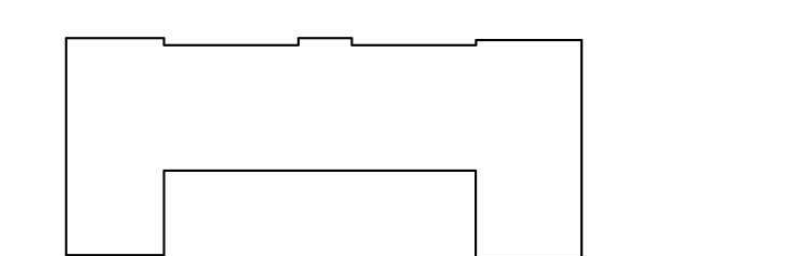


CORTE URBANO esc. 1/750

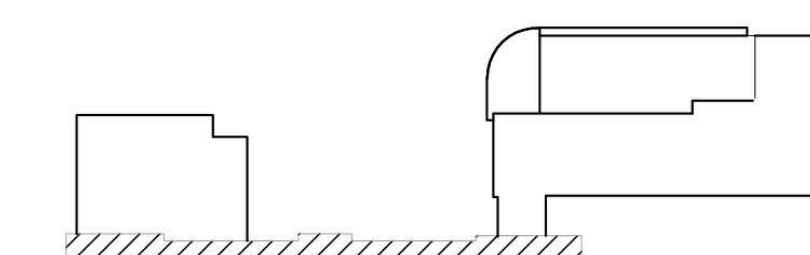


CORTE URBANO esc. 1/750

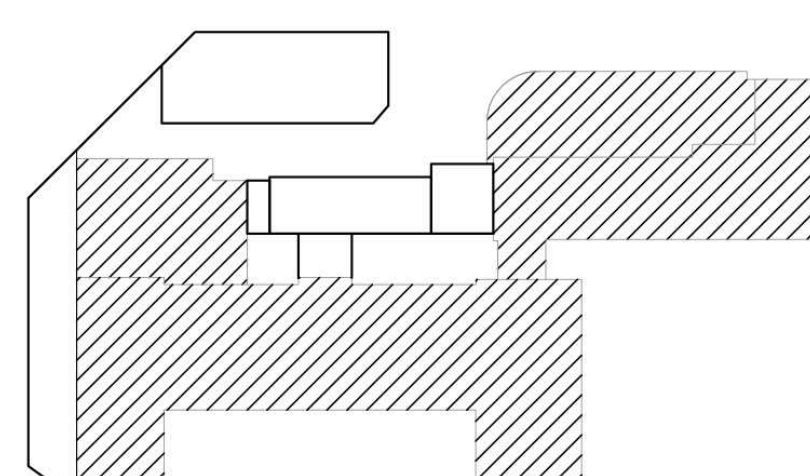
DIAGRAMA DAS FASES DE CONSTRUÇÃO DO EDIFÍCIO



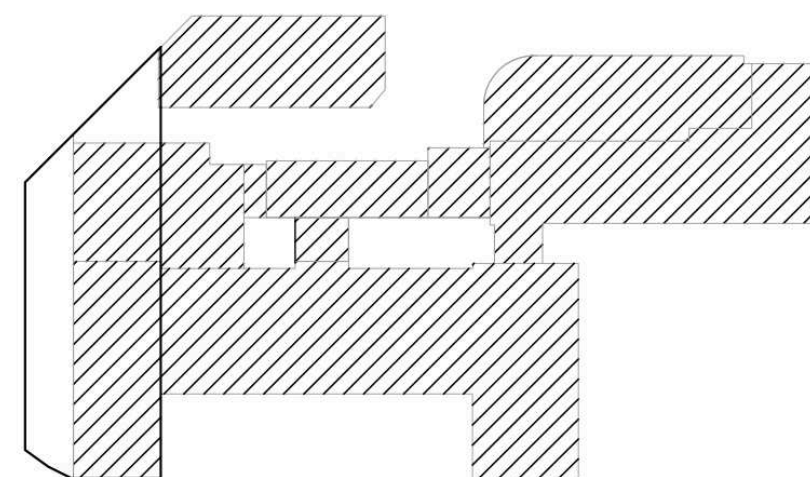
EDIFÍCIO ORIGINAL (1920) - Projectado por Álvaro Pinto de Miranda. Edifício de montanha composto por uma planta rectangular ladeado de duas alas, compondo desta forma uma das plantas regulares da arquitectura sanatorial.



PRIMEIRA EXPANSÃO (1920-1930) - São adicionados dois corpos a norte, acrescentando mais quartos, a área das cozinhas e o espaço do auditório.



SEGUNDA EXPANSÃO (1920-1930) - É adicionado um corpo a ponte, de estrutura leve criando uma zona de galeria coberta, necessária na terapêutica da doença. São adicionados ainda volumes de arrecadação.

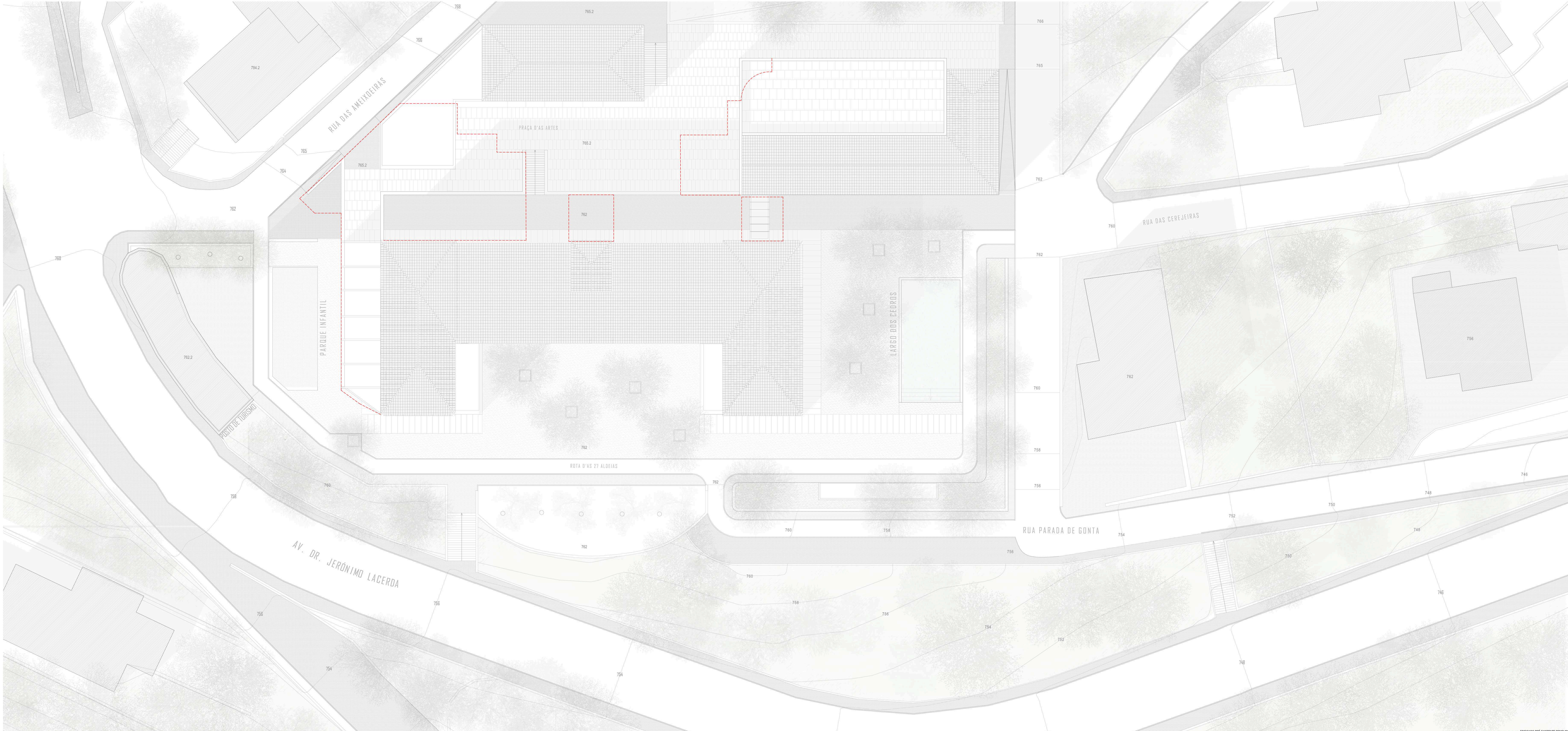


TERCEIRA EXPANSÃO (1984) - É realizado um anteprojecto por parte do arquitecto Alberto Cruz com vista a converter o sanatório num hotel de características turísticas e de repouso. As obras são iniciadas e toda a ala ponte sofre alterações. É nesta fase que surge um quinto piso no volume.

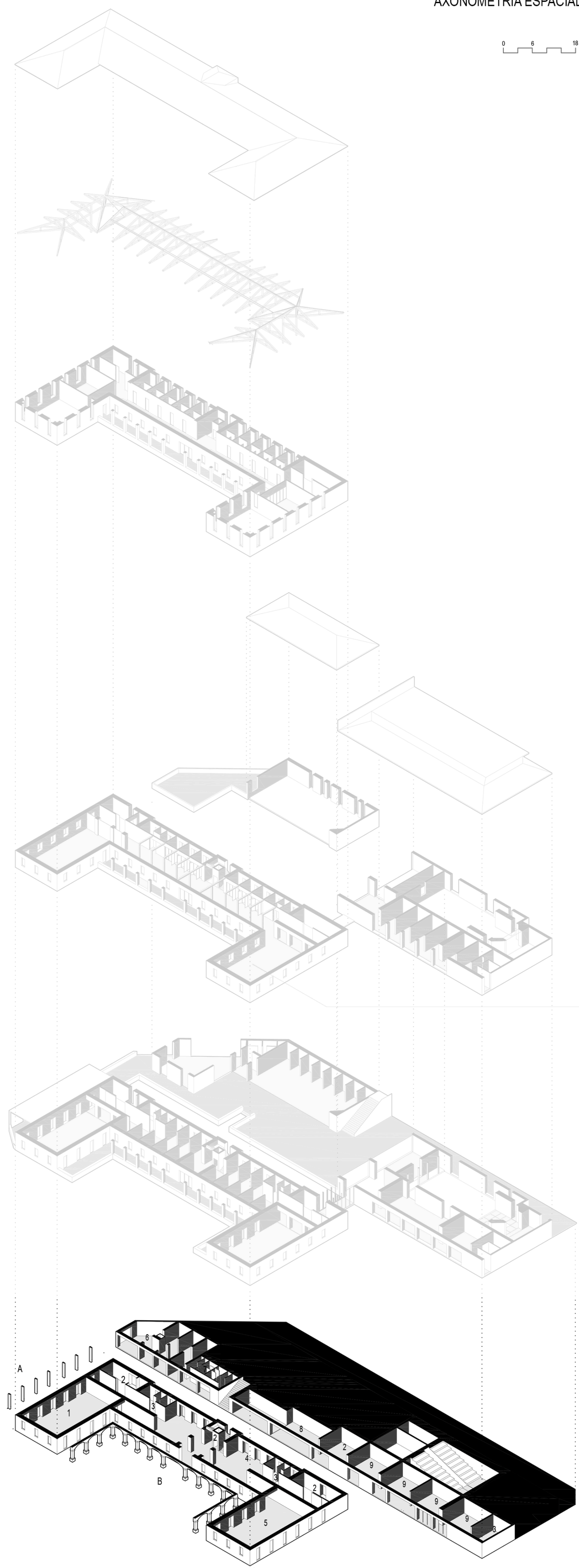


A CASA DAS ARTES

DINÂMICAS DE UMA ARQUITECTURA HELIOTRÓPICA - REABILITAÇÃO E RECONVERSÃO DO SANATÓRIO DR. JERÓNIMO LACERDA EM CASA D'ARTES DO CARAMULO



EDIFÍCIO PRÉ-EXISTENTE DEMOLIDO PLANTA DA ENVOLVENTE 46x1000



PISO TÉRREO

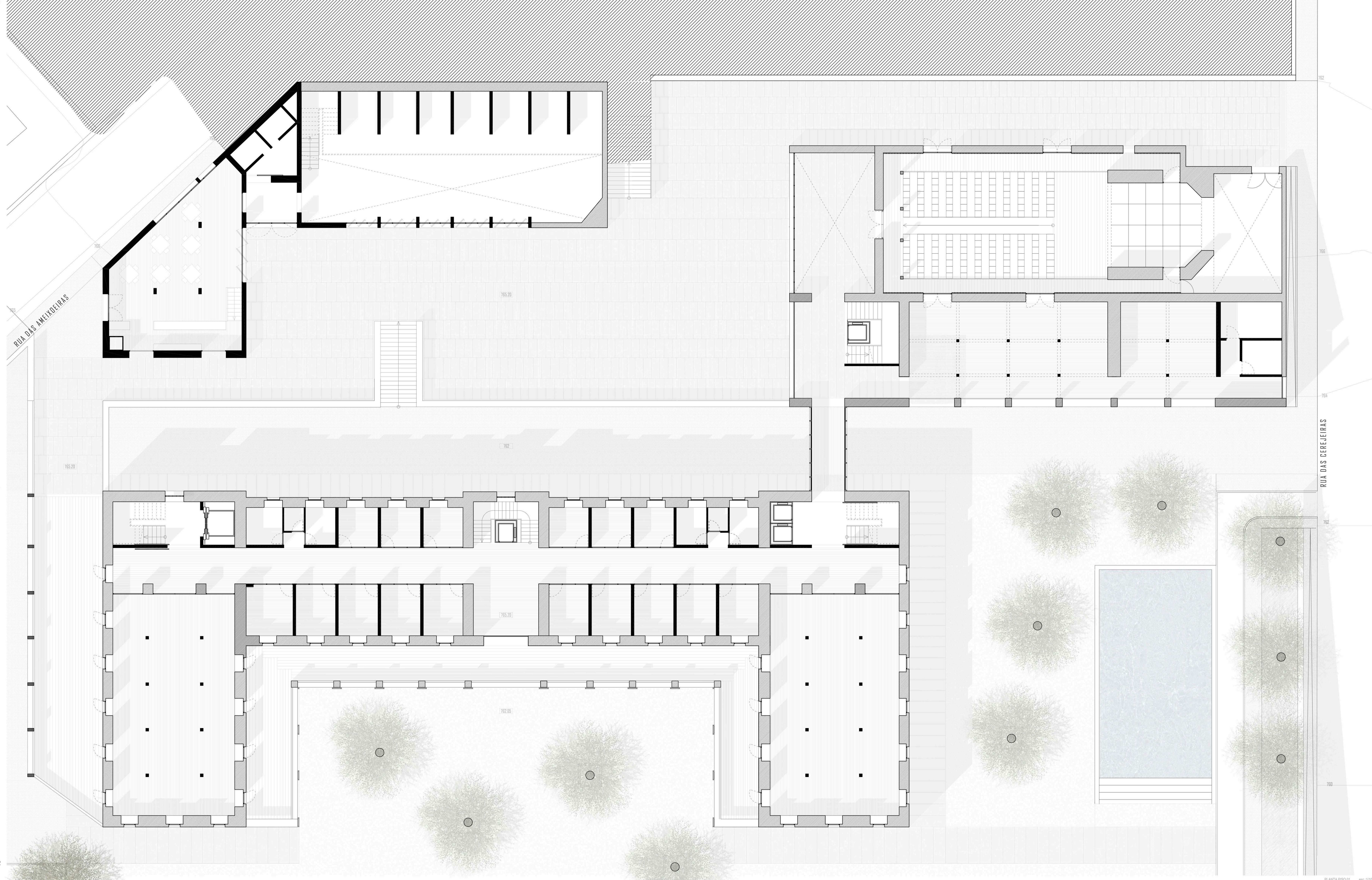
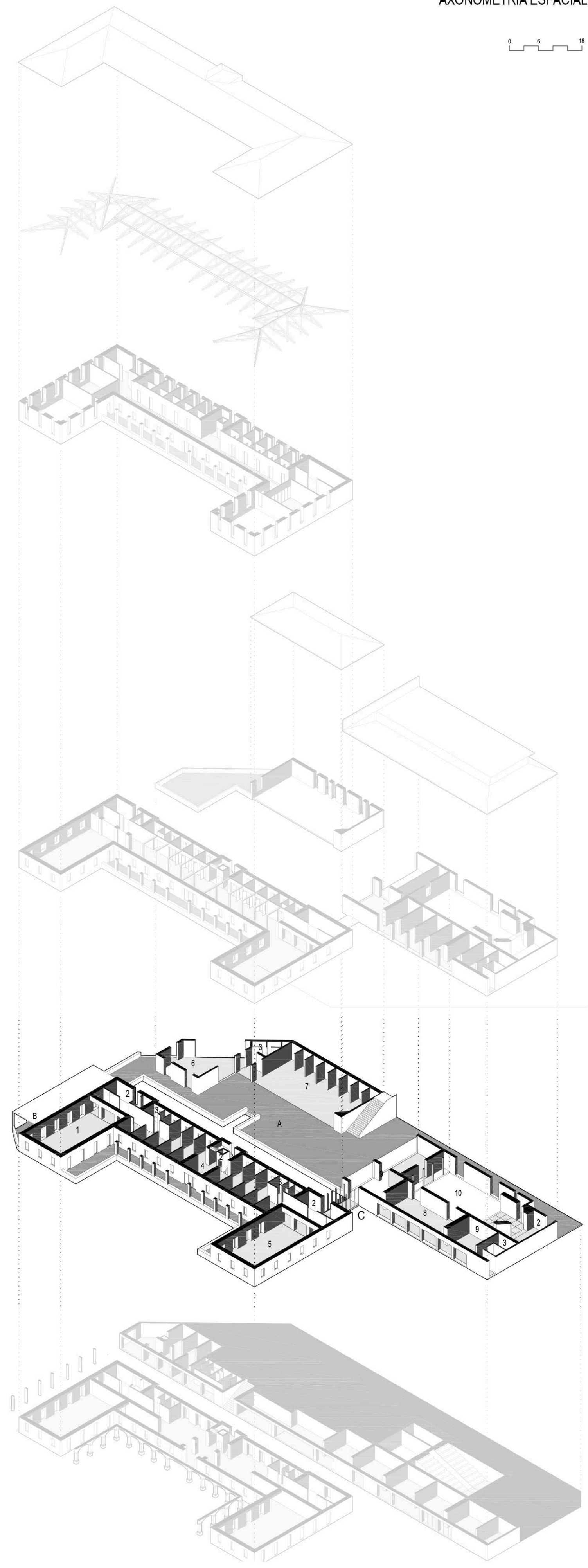
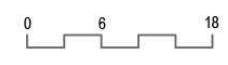
1 - Atelier infantil	131 m2	A - Parque infantil
2 - Acessos verticais	60 m2	B - Mercado d'As Artes
3 - Instalações sanitárias	90 m2	C - Largo dos Cedros
4 - Zona de recepção	15 m2	
5 - Biblioteca	140 m2	
6 - Cozinha	106 m2	
7 - Instalações sanitárias e vestíbulos	30 m2	
8 - Loja d'As Artes	44 m2	
9 - Ateliers artesanais	115 m2	
10 - Auditório	202 m2	

ABC DO PISO TÉRREO | 1740 m2
ÁREA DE IMPLANTAÇÃO DO EDIFÍCIO | 2022 m2



PLANTA PISO TÉRREO esc: 1/100

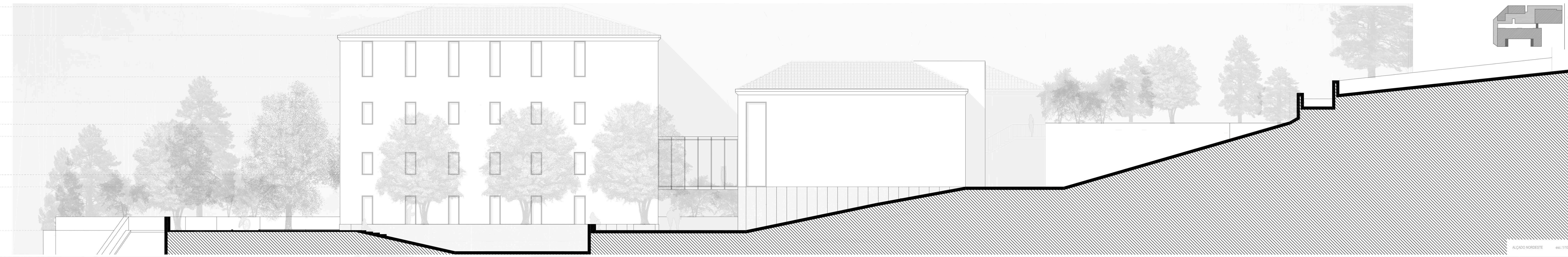
ALÇADO BUDEITE esc: 1/100

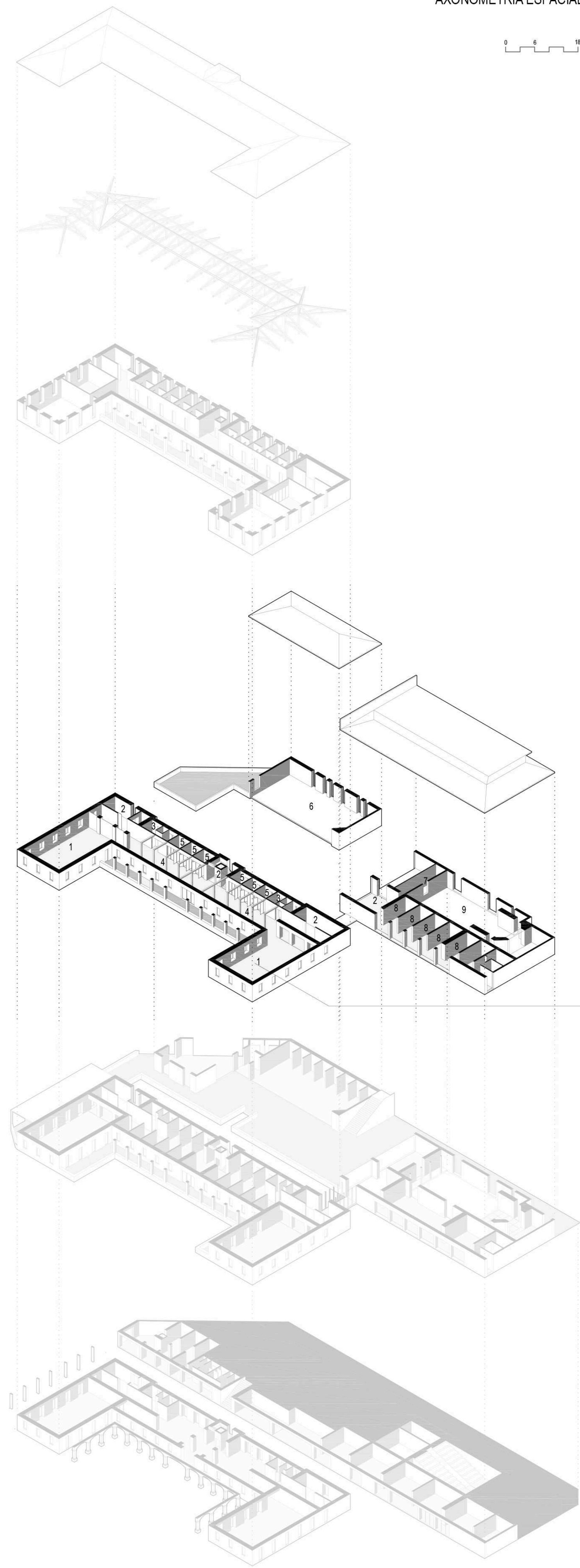
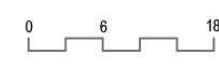


PISO 01

1 - Sala Polivalente	130m ²	A - Praça d'As Artes
2 - Acessos verticais		B - Galeria exterior
3 - Instalações sanitárias		C - Passadizo
4 - Estúdios de coworking	149m ²	
5 - Sala Polivalente	140m ²	
6 - Cafeteria	93m ²	
7 - Oficinas	194m ²	
8 - Sala Lounge	94m ²	
9 - Copa	45m ²	
10 - Auditório	70m ²	

ABC PISO 01 | 1970m²



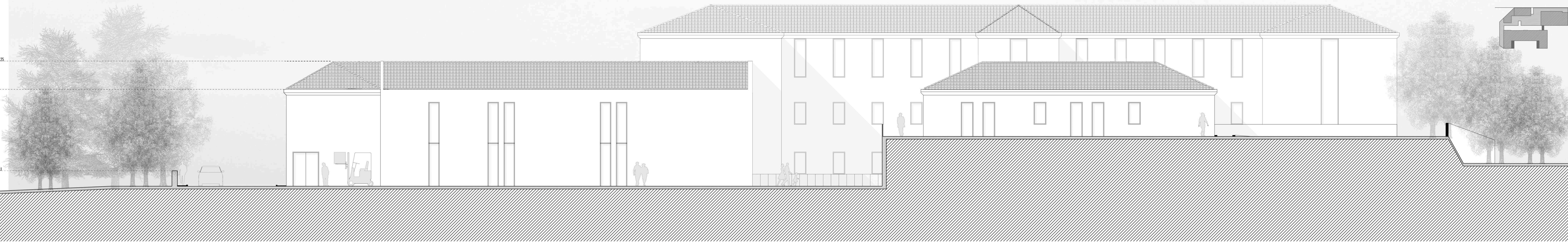
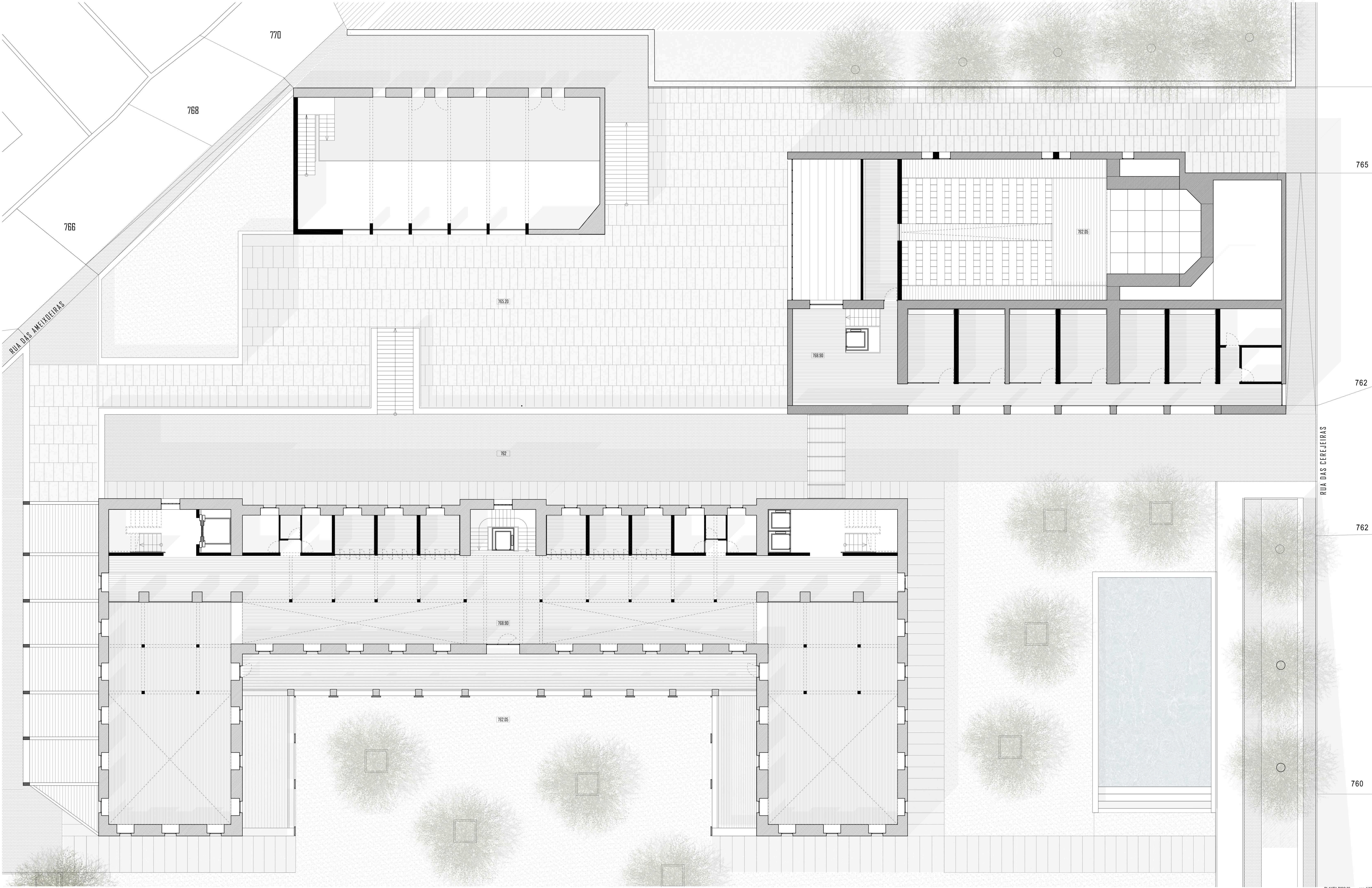


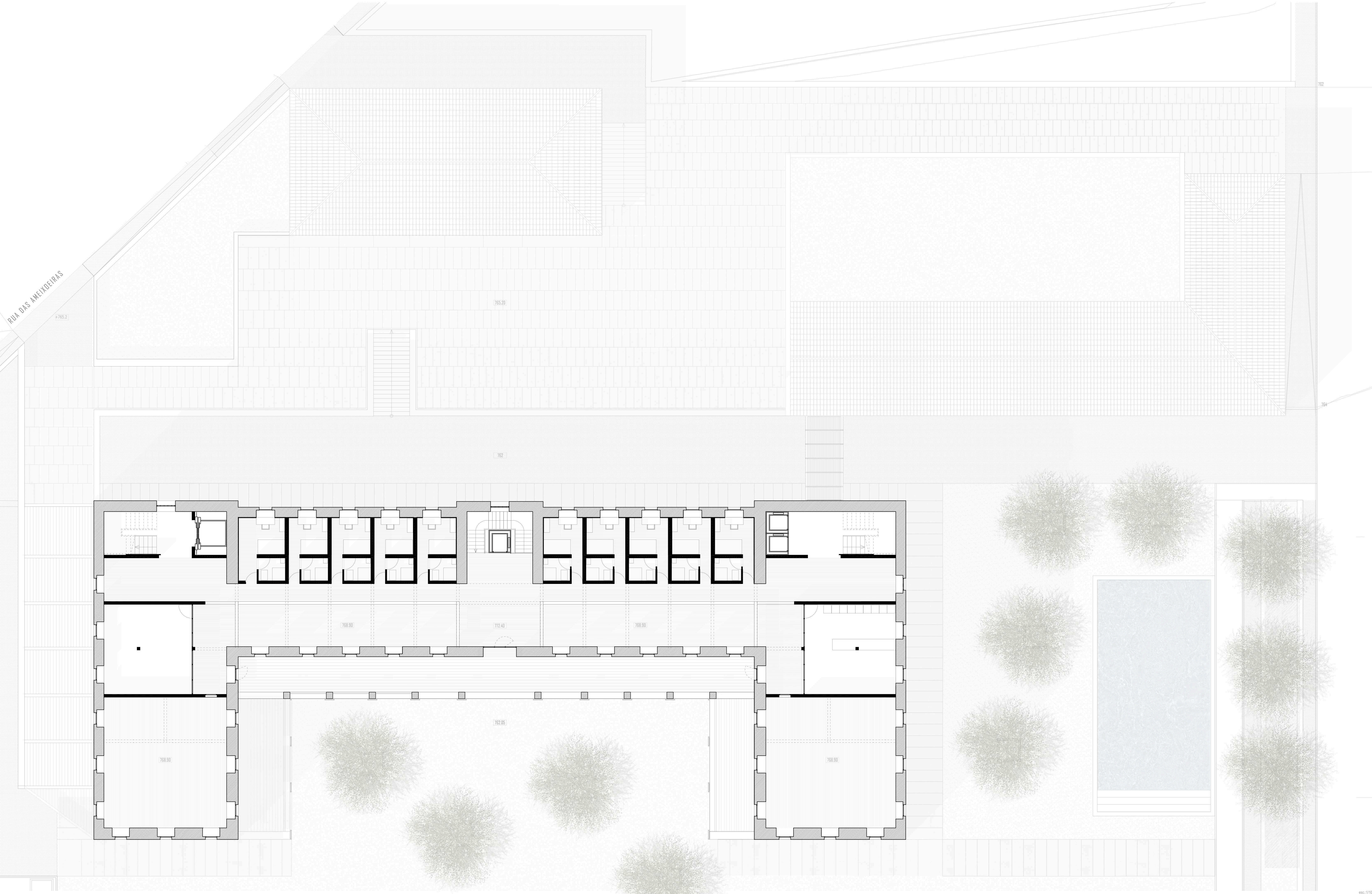
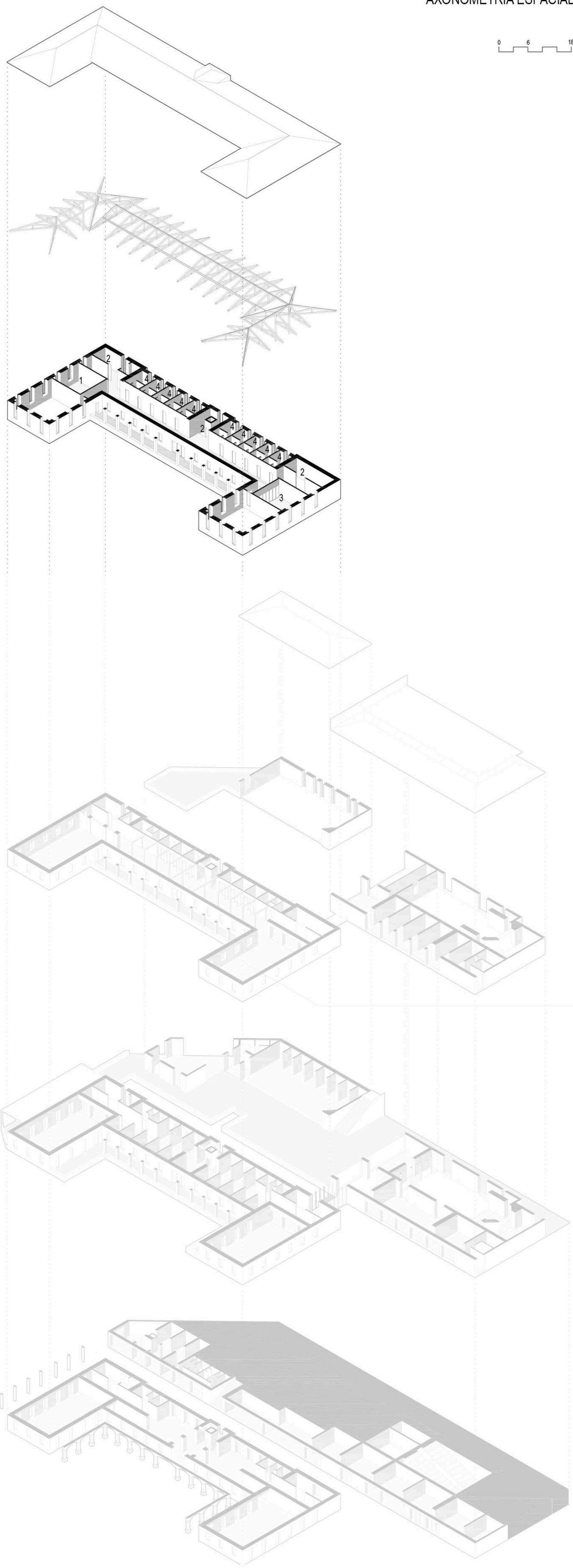
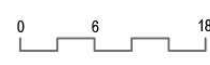
PISO 02

- 1 - Galeria permanente 270m²
- 2 - Acessos verticais
- 3 - Instalações sanitárias
- 4 - Galeria in situ
- 5 - Arrumos 95m²
- 6 - Oficinas 45m²
- 7 - Zona técnica do auditório 94m²
- 8 - Zona administrativa 24m²
- 9 - Auditório 82m²

ABC PISO 02

1370m²

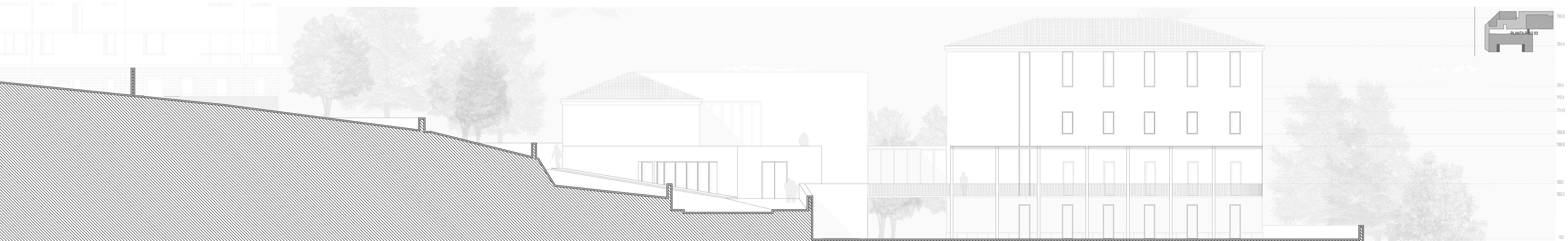


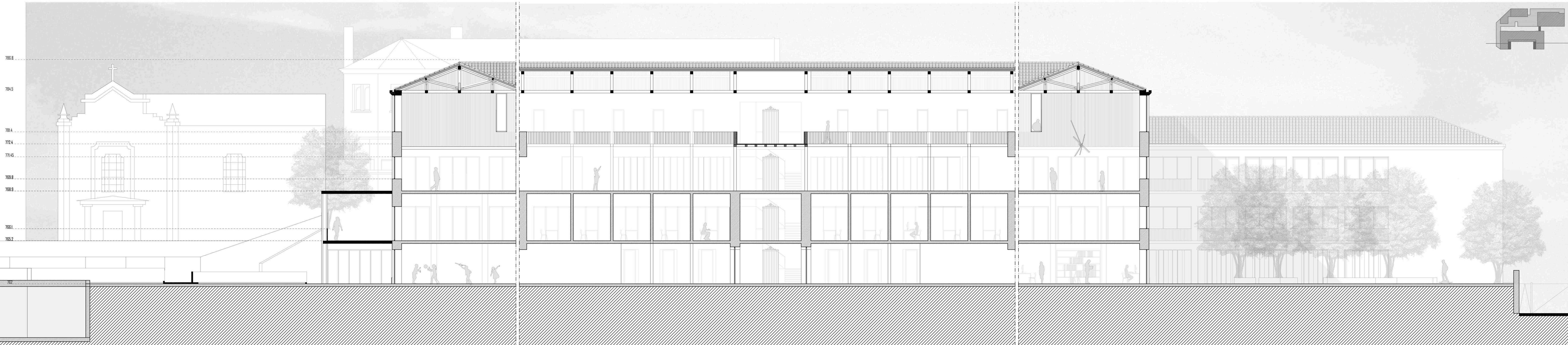
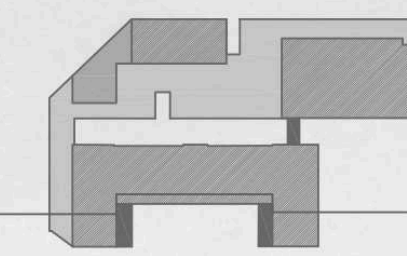


PISO 03

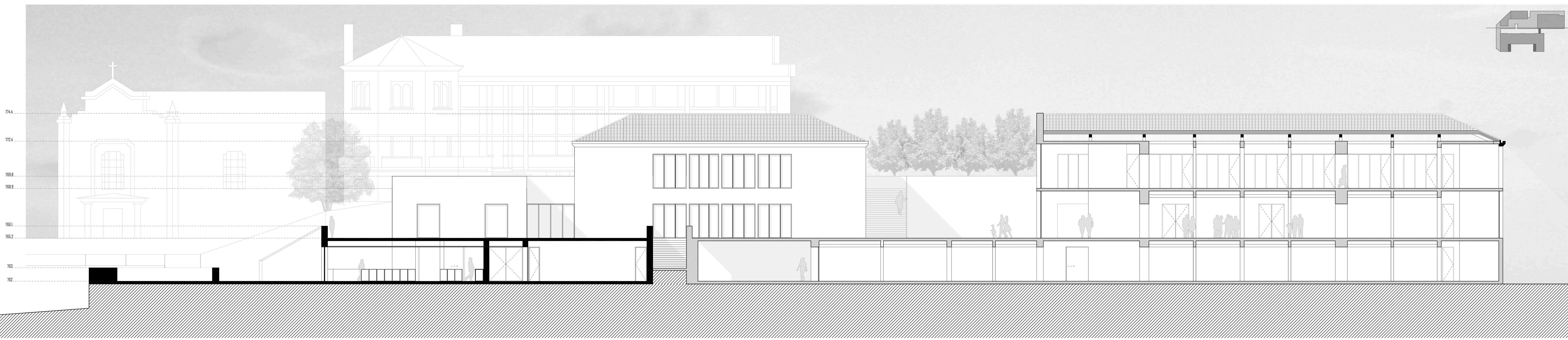
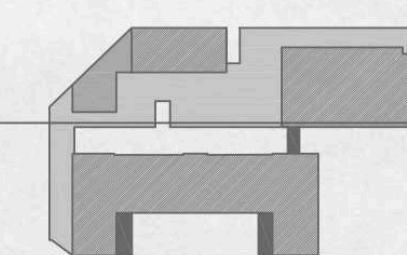
1 - Sala de convívio	41m2
2 - Acessos verticais	
3 - Cozinha comum	42m2
4 - Estúdios de habitação temporária	125m2

ABC PISO 03) 960m2

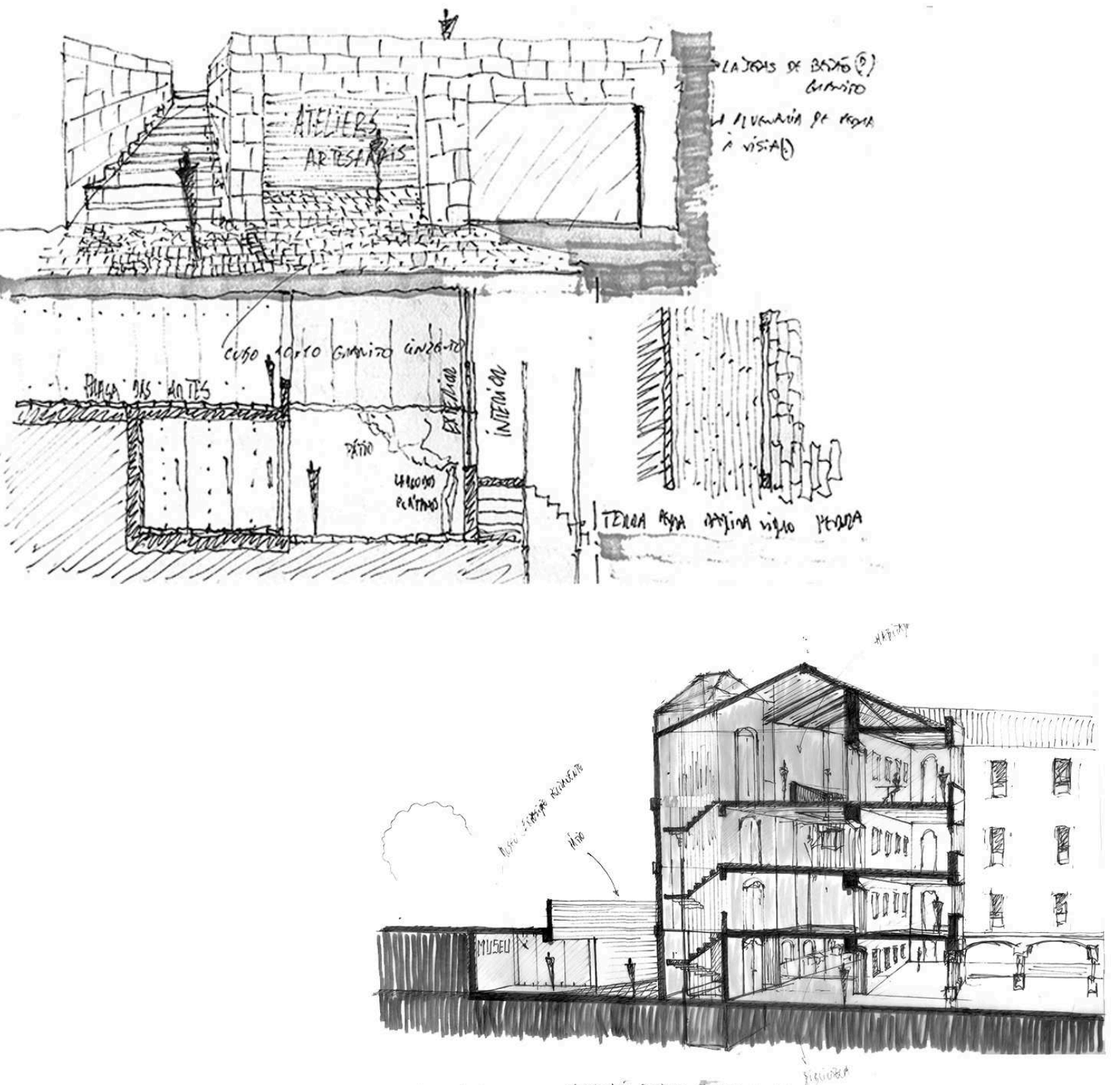




SECÇÃO LONGITUDINAL AA' esc: 1/100



SECÇÃO LONGITUDINAL BB' esc: 1/100



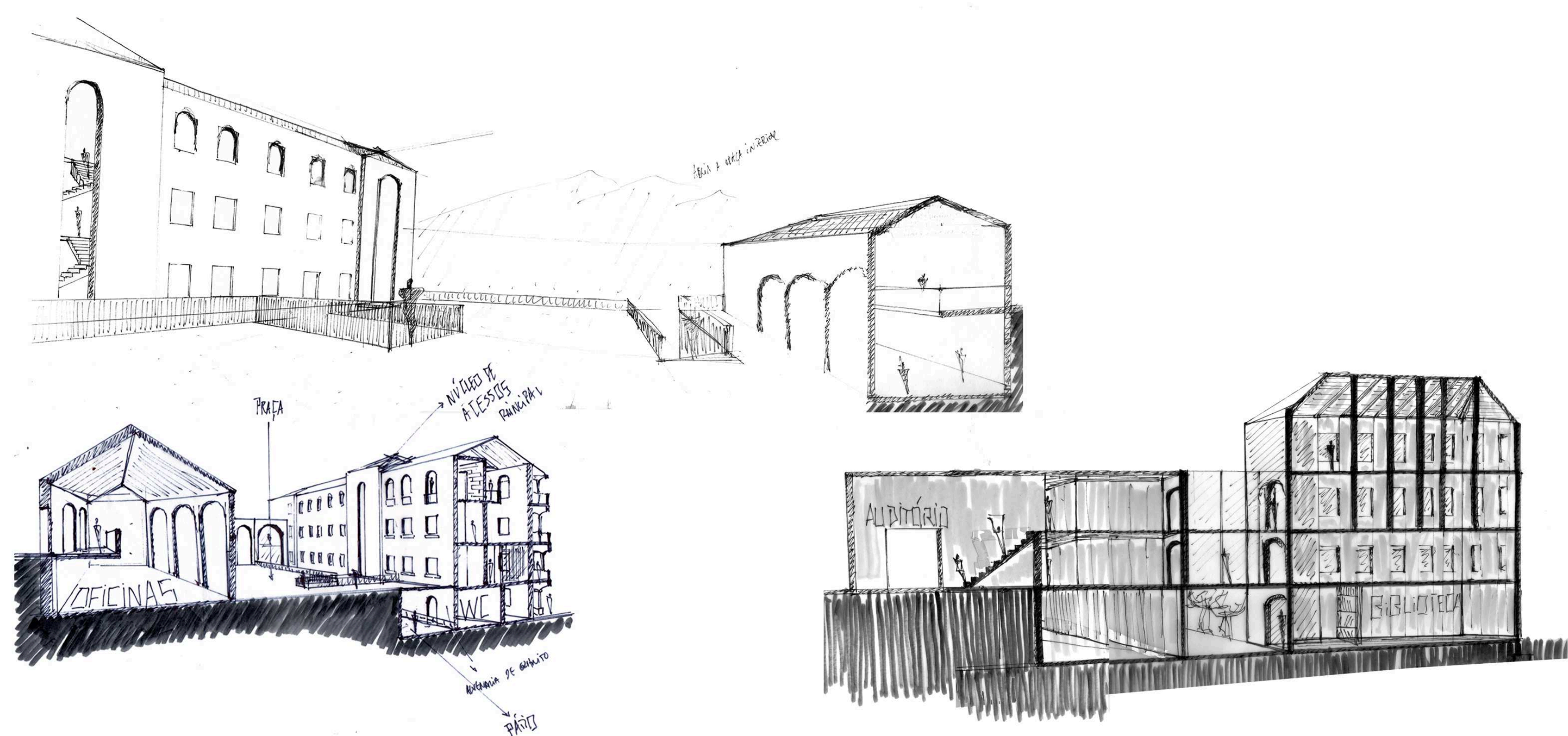
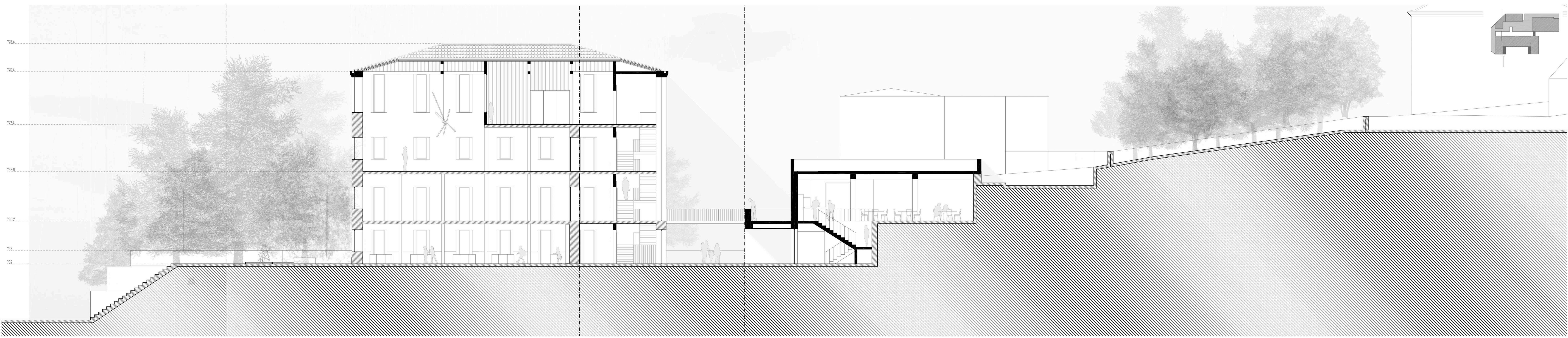
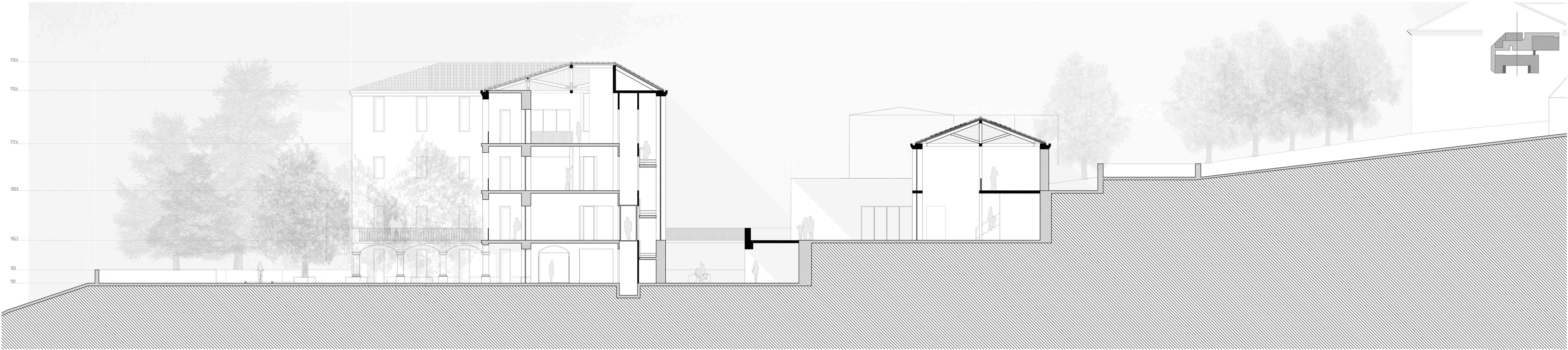
VISTA SOBRE A ZONA DOS ATELIERS ARTISTAS



VISTA SOBRE O HALL DE ENTRADA



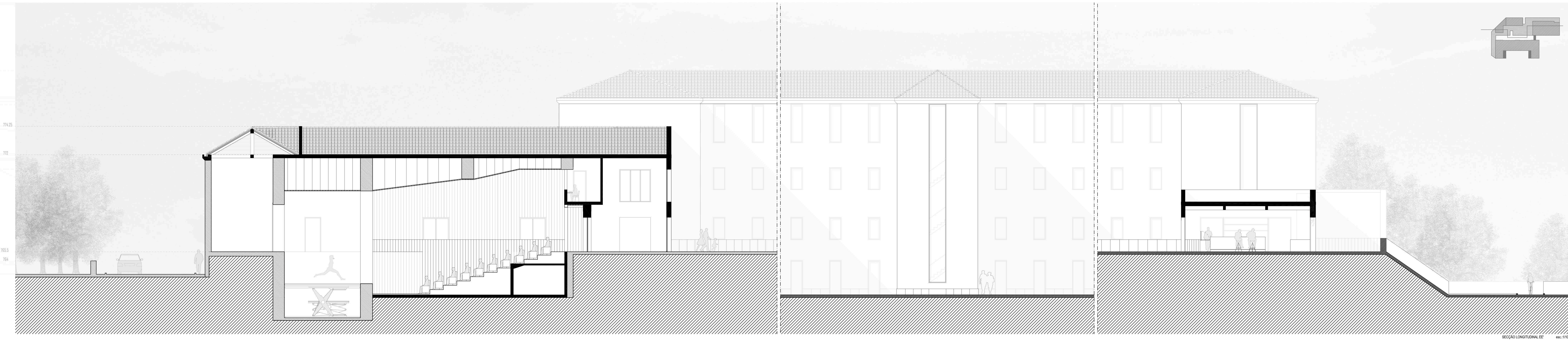
VISTA SOBRE A GALLERIA EXTERIOR DA ENTRADA PRINCIPAL



VISTA SOBRE A PRAÇA D'ARTES



VISTA SOBRE O AUDITÓRIO



VISTA SOBRE A GALERIA PERMANENTE



VISTA SOBRE A GALERIA PERMANENTE



VISTA SOBRE A ZONA DOS ESTÚDIOS E A GALERIA IN SITU



VISTA SOBRE A GALERIA IN SITU



- LEGENDA
- 1 CANADA DE ENFIBRIMENTO
 - 2 TUBO EM
 - 3 LAGETAS DE CRANTO AMARELO
 - 4 BILANDADO
 - 5 SOLERA DE CRANTO AMARELO
 - 6 BILANDADO
 - 7 MASTIQUE DE SUCCINE
 - 8 PEDRA DE CRANTO AMARELO
 - 9 BILANDADO
 - 10 ARGAMASSA DE COLAGEM
 - 11 MASSAME
 - 12 ISOLAMENTO TERMICO DO TIPO
 - 13 FIBROVATE (5 cm)
 - 14 INFIBRABILIAÇÃO COM DUPLA TELA
 - 15 ASFALTICA
 - 16 CUBO DE CRANTO CINZENTO (10cm x 10cm)
 - 17 REBORDO DE CAL ALERA BRANCO (2cm)
 - 18 ELEMENTO PRE-ABRIDADO DE BETÃO
 - 19 CAVALHO DE ALUMINIO
 - 20 PEDRA GRANITICA AMARELA
 - 21 BILANDADO
 - 22 GUARDA METALICA DE PERIL
 - 23 RECTANGULAR (4cm x 15cm x 10cm)
 - 24 PERFIL DE ALUMINIO (4cm x 15 cm)
 - 25 TUBO METALICO PARA APDO AO TOLO
 - 26 TOLO
 - 27 SISTEMA DE TECTO FALSO COM PLACA DE GESSO PARA PINTAR A BRANCO
 - 28 DECK EM MADEIRA DE CARVALHO (20cm x 2cm)
 - 29 ISOLAMENTO (1cm)
 - 30 CORTADO EM MADEIRA DE CARVALHO (10cm x 2 cm)
 - 31 BARROTE DE MADEIRA (5cm x 5cm)
 - 32 PIAPIETO EM MADEIRA DE CARVALHO
 - 33 RPA DE MADEIRA (5cm x 5cm)
 - 34 BARROTE DE MADEIRA (5cm x 8 cm)
 - 35 RPA DE MADEIRA (3 cm x 10 cm)
 - 36 BARROTE DE MADEIRA (15 cm x 15 cm)
 - 37 VIGA DE FERRO
 - 38 PLACA DE GESSO CARTONADA A PINTAR A BRANCO
 - 39 SISTEMA DE PAINES DE VIDRO DESDOBRABOIS E CORVER
 - 40 ELEMENTOS DE FRAÇÃO DA CHAPA METALICA
 - 41 CHAPA METALICA
 - 42 PORTA DE CARVALHO
 - 43 MESA DE CARVALHO
 - 44 ELEMENTOS DE FRAÇÃO DO LAMBOL
 - 45 LAMBOL EM MADEIRA DE CARVALHO
 - 46 ISOLAMENTO TIPO WALLMATE
 - 47 PERIL DE FRAÇÃO DA PLACA DE GESSO CARTONADO
 - 48 PLACA DE GESSO CARTONADO A PINTAR A BRANCO
 - 49 VIGA DE MADEIRA DE CARVALHO
 - 50 CHAPA METALICA LACRADA A BRANCO
 - 51 VIGOTA EM FERRO
 - 52 FREIXAL EM MADEIRA
 - 53 ELEMENTO EM BETÃO PRE-MOLDADO PARA COBRIMENTO DO EDIFICIO
 - 54 CALDEIRA EM CIMENTO
 - 55 TELA DE CANTUDO
 - 56 RPA
 - 57 ISOLAMENTO TIPO ROOPMATE (5cm)
 - 58 VIGA
 - 59 FERRAGEM DE FRAÇÃO (PES DE GALINHA)
 - 60 TELHADO

